

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA – UNIMEP  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACIS  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Raphael Gonçalves de Oliveira

**DANÇA E INCLUSÃO SOCIAL DE FREQUENTADORES DE BAILES  
EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS**

PIRACICABA–SP  
2009

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA – UNIMEP  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACIS  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Raphael Gonçalves de Oliveira

**DANÇA E INCLUSÃO SOCIAL DE FREQUENTADORES DE BAILES  
EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Educação Física, da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na Área de concentração Corporeidade, Pedagogia do Movimento e Lazer, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rute Estanislava Tolocka.

PIRACICABA–SP  
2009

OLIVEIRA, Raphael Gonçalves de.

Dança e inclusão social de frequentadores de bailes em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. Piracicaba, 2009.

148p.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rute Estanislava Tolocka.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Área de concentração: Corporeidade, Pedagogia do Movimento e Lazer – Universidade Metodista de Piracicaba.

1- Desenvolvimento do idoso. 2- Inclusão social. 3- Dança.

Raphael Gonçalves de Oliveira; Dança e inclusão social de frequentadores de bailes em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos; dissertação (mestrado); Programa de Pós Graduação em Educação Física; Universidade Metodista de Piracicaba; Área de concentração Corporeidade, Pedagogia do Movimento e Lazer; Data de aprovação 26/02/2009.

### **Banca Examinadora**

---

Profª Drª Rute Estanislava Tolocka  
FACIS/UNIMEP

---

Profª Drª Rozangela Verlengia  
FACIS/UNIMEP

---

Profª Drª Vera Aparecida Madruga  
FEF/UNICAMP

### ***Dedicatória***

Dedico este trabalho aos meus pais (Agenor e Maria José) que estiveram sempre ao meu lado nos momentos de maiores dificuldades de minha vida, meu respeito, carinho, admiração e amor.

## **Agradecimentos**

Quero agradecer primeiramente a Deus, a quem recorri durante todo o curso de mestrado, pedindo forças para concluir com êxito a pesquisa. A todos os meus familiares que estiveram me incentivando e torcendo para que tudo desse certo, em especial aos meus pais Agenor e Maria José, meus irmãos Fábio, Anselmo e Fernando, meus filhos Vinícius e Victor e a meu primo Giordano.

Agradeço a minha namorada Laís, por todo incentivo e ajuda nestes três últimos anos, sem os quais seria muito mais penoso chegar a essa meta final. Aos amigos que direta ou indiretamente estiveram presentes e de alguma forma puderam me ajudar, principalmente a Maria Angela Prado, Cid Monteiro, Marcelo Farkas e Adriana Selim.

Um agradecimento especial à pessoa que está me tornando um pesquisador; Profa. Dra. Rute, muito obrigado de coração. Posso afirmar com toda certeza que até o momento, este período de minha vida, foi o que mais pude aprender formalmente e a senhora é a grande responsável por isso.

O meu muito obrigado a todos os professores do curso de mestrado em Educação Física da UNIMEP que contribuíram para esta minha formação. Um agradecimento especial para a Profa. Dra. Rozangela Verlengia e Profa. Dra. Vera Aparecida Madruga, que fizeram parte da banca examinadora desta pesquisa e a Profa. Dra. Regina Maria Rovigati Simões que participou da banca de qualificação, podendo com suas experiências contribuir com o resultado final deste estudo.

Agradeço a todos os colegas do curso de mestrado e aos amigos do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia do Movimento (NUPEM) que puderam vivenciar ao meu lado a realização deste sonho. Também agradeço aos funcionários

da Universidade Metodista de Piracicaba, que estavam sempre dispostos a informar, colaborar e ajudar.

Ao Lar dos Velhinhos de Piracicaba, na pessoa de seu presidente e administradores, que possibilitaram a realização desta pesquisa; mas, principalmente aos frequentadores do baile desta instituição, que após um ano de convivência se tornaram meus amigos.

## Resumo

Compreender o desenvolvimento da pessoa idosa, que se encontra institucionalizada, se torna importante, devido às especificidades apresentadas por esta parcela da população, que por vezes encontra-se segregada, não tendo a chance de uma participação social ativa. Dentre as oportunidades que o idoso asilado tem para se inter-relacionar com outras pessoas, as atividades de dança ocupam um importante papel. Com isso, se torna essencial entender como um baile realizado dentro de uma instituição de idosos, no qual pessoas da comunidade também frequentam, pode influenciar no desenvolvimento, e na inclusão social de seus participantes. Trata-se de um estudo exploratório, com 63 pessoas, das quais se formou três grupos: 30 moradores da instituição (GMI), 30 visitantes (GV) e três assistentes sociais que trabalham na instituição (GAS). O GMI e o GV participaram durante um ano, de um baile que é realizado há três décadas pela instituição e ocorre semanalmente. Para que fossem levados em consideração os diferentes aspectos que são capazes de influenciar no desenvolvimento dos participantes, esta pesquisa foi orientada pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner. Com ela foi possível investigar quais são as características da pessoa e o contexto onde está inserida, que é capaz de favorecer ou não seu desenvolvimento ao longo do tempo. Os métodos adotados pela pesquisa foram: análise documental, com intuito de buscar características da cidade de Piracicaba e do Lar dos Velinhos; 18 observações de campo do baile, realizadas ao longo de um ano e duas filmagens deste evento, uma antes e outra depois das observações, para que se pudessem identificar os atributos pessoais dos participantes, as inter-relações estabelecidas, as atividades realizadas e os papéis sociais assumidos; e entrevistas, com os participantes do baile que estavam presentes nas duas filmagens e em no mínimo 70% das observações, para verificar a história de dança ao longo da vida, os ambientes que frequentam e as atividades que realizam; foram entrevistadas também as assistentes sociais da instituição, para verificar a opinião da direção deste local quanto aos bailes e as regras destinadas a moradores e não moradores da instituição. Os resultados mostraram que a cidade conta com pouco mais de 358 mil habitantes, e o número de idosos está acima de 32 mil pessoas. Existem duas instituições geriátricas conveniadas com o poder público, e uma delas é o Lar dos Velinhos. Esta instituição conta com 142 funcionários, além de estagiários, para atender 407 idosos. O GAS declarou que existem oportunidades para que pessoas da comunidade local frequentem a instituição e uma delas é o baile. Neste ambiente pode-se verificar que as relações interpessoais ocorreram na sua maioria entre o GV. As pessoas do GMI realizaram poucas atividades e exerceram poucos papéis sociais. O discurso destes dois grupos deixou transparecer que eles participam na sua maioria de atividades de dança desde a juventude, e receberam principalmente a influência de familiares para começar. Ao contrário do GMI, quase todas as pessoas do GV dançam também em outros locais. Quase todos os entrevistados sentem falta de alguém durante os bailes, revelando que o evento influencia a formação de fortes vínculos de amizade. As pessoas do GMI se limitam quase que exclusivamente a frequentar somente ambientes dentro da própria instituição. A atividade que os dois grupos mais relataram como importante foi o baile. Dentro deste contexto, fica evidente que os bailes promovem a manifestação de recursos e atributos pessoais que podem colaborar com a integração social de idosos, sendo necessário, no entanto, debates que possibilitem modificações nas atividades e nas atitudes em relação aos moradores da instituição.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento do idoso, Inclusão social, Dança.

## **Abstract**

Understanding the development of the elderly person who is institutionalized, it is important, because of the specificities presented in this part of the population, which sometimes is segregated, and do not have the opportunity of an active social participation. Among the opportunities that the old asylum is to inter-relate with other people, activities like dance have an important role. Therefore, it is essential to understand as a dance performed in an institution in which people in the community also participate, can influence the development and social inclusion of the participants. This is an exploratory study, with 63 people formed into three groups: 30 residents of the institution (MDI), 30 visitors (GV) and three social workers who work in the institution (GAS). The GMI and GV participated for a year; a dance is performed by the institution for three decades and occurs weekly. To be taken into consideration the different aspects that are able to influence the development of the participants, this research was guided by the Bioecological Theory of Human Development of Bronfenbrenner. As it was possible to investigate what are the characteristics of the person and the context where it is present, it is able to promote or not their development over time. The methods adopted by the research were: documentary analysis in order to get characteristics of the city of Piracicaba and the Home of the elders, 18 observations of field of dance, performed over one year and two shots of this event, one before and one after the observations, they could identify the personal attributes of participants, the relationship established, the activities and social roles assumed, and interviews with the participants of the dance that were present in both films and at least 70% of the observations to verify the history of dance through life, the environment and the activities they are carrying out, were also interviewed the social workers of the institution to verify the opinion of the direction this site about the dances and arrangements to residents and not residents of the institution. The results showed that the city has just over 358 thousand inhabitants, and the number of elderly is higher than 32 thousand people. Two geriatric institutions agreements with the government and one of them is the Home of the elders. It has 142 employees, and trainees to take 407 seniors. The GAS said that there are opportunities for community people attend the local institution and one of them is the dance. In this environment it is found that interpersonal relationships occurred mostly between the GV. People from GMI had made few activities and had made few social roles. The discourse of these two groups demonstrates that they participate in most activities of dance from the youth, and were mainly the influence of family members to start. Unlike GMI, almost all of the GV dance in other places. Almost all respondents felt a lack of someone during the dances, revealing that the event affects the formation of strong bonds of friendship. The people of the GMI are limited almost exclusively to attend only environments within the institution. The activity that the two groups are reported as important was the dance. Within this context, it is evident that the dances promote expression of resources and personal attributes that can work with the social integration of older people it is needed, however, discussions that allow changes in the activities and attitudes in relation to residents of the institution.

**Keywords:** Development of the Elderly, Social Inclusion, Dance.

## Lista de figuras

<b>Figura 1 .....</b>	<b>48</b>
<b>Figura 2 .....</b>	<b>53</b>
<b>Quadro 1.....</b>	<b>59</b>

## **Lista de Tabelas**

<b>Tabela 1</b> .....	<b>90</b>
<b>Tabela 2</b> .....	<b>93</b>

## **Sumário**

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>19</b>
2.1. O Desenvolvimento do Idoso .....	19
2.1.1. Algumas patologias que podem acometer o idoso .....	25
2.1.2. O idoso institucionalizado .....	28
2.1.3. Inclusão/exclusão social do idoso .....	34
2.1.4. Dança e pessoas idosas .....	42
2.2. A Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano .....	46
2.2.1. O Modelo Bioecológico.....	48
<b>3. OBJETIVOS.....</b>	<b>63</b>
3.1. Objetivo Geral .....	63
3.2. Objetivos Específicos .....	63
<b>4. MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>65</b>
4.1. Local do Estudo e Participantes .....	65
4.2. Metodologia.....	66
4.2.1. Análise documental .....	67
4.2.2. Observação de campo .....	68
4.2.3. Filmagem.....	69
4.2.4. Entrevistas.....	69
4.3. Critérios de Inclusão.....	71
4.4. Tipo de Pesquisa.....	71
4.5. Inserção Ecológica do Pesquisador .....	72
4.6. Questões de Estudo.....	72
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>74</b>

5.1. Caracterização do Universo da Pesquisa: o macrossistema.....	74
5.2. O discurso da Administração da Instituição: o exossistema.....	77
5.3. Interação Social no Baile: o microssistema.....	83
5.4. A Dança em Diferentes Períodos da Vida: do macro ao micro-tempo .....	95
5.5. Entendendo melhor o Contexto: o mesossistema.....	115
5.6. Inter-relacionando os Elementos do Modelo Bioecológico.....	120
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>128</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>129</b>
<b>Apêndice A.....</b>	<b>138</b>
Modelo da Autorização da Instituição para a Realização da Pesquisa .....	138
<b>Apêndice B.....</b>	<b>140</b>
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	140
<b>Apêndice C.....</b>	<b>141</b>
Roteiro de Entrevista com os Participantes do Baile na Instituição.....	141
<b>Apêndice D.....</b>	<b>143</b>
Roteiro de Entrevista com as Assistentes Sociais da Instituição.....	143
<b>Anexo A.....</b>	<b>144</b>
Certificado de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa .....	144
<b>Anexo B.....</b>	<b>145</b>
Documentos Fornecidos pela Instituição.....	145

## 1. INTRODUÇÃO

O crescimento da população idosa é um fenômeno mundial. Em países desenvolvidos como a Itália e o Japão, a população com mais de 60 anos de idade é de 23,1% e 22,3% respectivamente. No Brasil o número de idosos vem crescendo consideravelmente após 1980. Ano em que existiam aproximadamente 16 idosos para cada 100 crianças, em 2000, esse número passou para quase 30 idosos para 100 crianças. Os dados mostram que o maior crescimento relativo, foi do grupo com mais de 75 anos (49,3%). Deste modo os idosos representam 8,6% da população brasileira, sendo que destes, as mulheres são maioria, representando 55,1%, e para 2020 o número total de idosos no Brasil deve chegar a quase 13% (IBGE, 2008).

Esse rápido crescimento da população com mais de 60 anos se deve a alguns fatores: o grande número de nascimentos em meados do século XX; a baixa taxa de mortalidade nos nascimentos deste mesmo período; progressos da medicina; e estilos de vida mais saudável. Sendo que a diminuição do número de filhos no casamento tem contribuído para que a proporção de idosos sobre o número de crianças e adolescentes seja maior (PAPALIA e OLDS, 2000).

Isto tem justificado um número crescente de pesquisas com esta população, tendo em vista o grande aumento de publicações referentes ao idoso e ao processo de envelhecimento (PINTO e BASTOS, 2007). Aumentou também a preocupação em nortear políticas públicas para proporcionar a estas pessoas um envelhecimento com dignidade e possibilidades de convívio social (ATKINSON; MARLIER e NOLAN, 2004).

Os idosos algumas vezes podem ser rotulados como improdutivos, ou apenas responsáveis por gerar gastos (JIM, 2005), muitos são excluídos de uma

participação ativa na sociedade, não tendo oportunidades de manter relações sociais condizentes com uma vida independente e autônoma (BUCK; BALMER e PLEASENCE, 2005).

Envelhecer é uma das etapas no desenvolvimento do ser humano, e nesta fase da vida podem ocorrer várias mudanças, como por exemplo, a aposentadoria, na qual muitas vezes o idoso deixa de trabalhar, sendo que normalmente o emprego é importante para a vida social da pessoa; a perda de entes queridos, como o cônjuge; a perda da independência, que pode ocorrer via o surgimento de alguma patologia, dentre outras.

Estas mudanças, que ocorrem com a pessoa idosa, fazem com que ocorra gradativamente, um processo de afastamento da vida que o idoso levava na meia idade. Conseqüentemente isso gera um distanciamento das atividades que estas pessoas realizavam e das relações pessoais que estabelecia.

A vulnerabilidade social de idosos está relacionada a um declínio da saúde, ou seja, aqueles que têm menor possibilidade de convívio social acabam por apresentar uma maior queda no estado geral de saúde. O aumento da vulnerabilidade social destas pessoas associa-se também com uma maior mortalidade nesta faixa etária (ANDREW; MITNITSKI e ROCKWOOD, 2008).

Quando as limitações ocorrem via o surgimento de alguma patologia, estas podem fazer ainda com que as atividades da vida diária fiquem comprometidas. Muitos idosos por não terem mais independência acabam recorrendo às Instituições de Longa Permanência. Deve ficar claro que as doenças não são as únicas causas de institucionalização, pois problemas familiares, conjugais, financeiros, dentre outros, podem fazer também com que o idoso vá para estes locais.

Apesar do grande número de publicações referentes ao idoso, quando se trata daqueles que vivem institucionalizados, a colaboração da academia é ainda incipiente. Estudar pessoas idosas que residem nestas instituições se torna importante devido às especificidades geradas pela moradia fora do ambiente familiar, como o afastamento da vida que o idoso levava antes da institucionalização, do relacionamento com a família, das oportunidades de participação em atividades físicas e de lazer, dentre outras.

Entre as ações que potencializam uma maior interação social deste grupo de pessoas está a prática de atividades físicas, que pode contribuir para a diminuição da morbidade e mortalidade em idosos e tem potencial para aumentar a qualidade de vida (MORAES et al., 2007; SIQUEIRA et al., 2007; JEON et al., 2005; SOUNG et al., 2004; SHIGEMATSU et al., 2002; COUDERT e VAN PRAAGH, 2000).

Quando se trata das opções que o idoso tem para participar de atividades que ocorrem dentro destes locais, à dança parece ter bastante importância, como mostrou o estudo de Celestino et al. (2005). Em atividades que ocorreram dentro e fora de uma instituição, com a participação de pessoas de fora, os autores constataram que nas atividades de jogos ocorreram problemas de tempo de realização da tarefa entre jovens e idosos, as atividades de pintura e modelagem não quebraram a barreira etária, todavia, nas atividades de dança os idosos puderam interagir com pessoas de todas as idades e todos manifestaram contentamento.

Alguns poucos estudos que procuraram ouvir a preferência de idosos com relação à atividade física que gostariam de realizar, mostraram que muitas destas pessoas optaram pela dança (SILVA e IWANOWICZ, 1998; KEYANI et al., 2005). Lima e Vieira (2007) constataram que idosos ao participarem de bailes se divertem,

estabelecem ligações culturais, remetem-se a boas recordações com relação à dança, encontram benefícios que condizem com um melhor estado de saúde, além de terem oportunidades de socialização.

Com isso, esta atividade acaba sendo uma oportunidade interessante de relacionamentos pessoais e convivência com pessoas da própria instituição, e da comunidade, quando os eventos realizados permitem também a participação de não moradores do local.

Isso se torna importante, já que a convivência num local que não permite o contato com os problemas sociais externos gera uma segregação na qual o idoso se encontra “protegido” do que ocorre fora da instituição. Falar deste isolamento faz com que os termos inclusão e exclusão social naturalmente surjam no vocabulário de textos que retratam esta questão. Porém, se torna necessário entender o emprego destes dois vocábulos e suas especificidades quando a questão é o idoso que vive em instituições.

Incluído socialmente ou excluído, são dois extremos que trazem a tona uma discussão que envolve toda a sociedade. Quando é que uma pessoa se encontra excluída socialmente? Como ocorre o processo de exclusão? O que pode ser feito para que os excluídos possam ser incluídos? Qual a responsabilidade da sociedade neste processo? Como a dança pode contribuir para a inclusão de idosos institucionalizados? São perguntas difíceis de serem respondidas, todavia é preciso que algumas respostas comecem a ser ensaiadas a este respeito.

Para tentar dar conta de todas estas questões, este estudo tomará como pressuposto teórico o Modelo Bioecológico do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1996, 2005). Esta teoria leva em consideração vários fatores que podem afetar a pessoa em desenvolvimento, como as suas características

biopsicológicas, e os ambientes que podem influenciar esta pessoa direta ou indiretamente ao longo do tempo.

O objetivo do autor é fornecer bases científicas mais válidas para programas sociais, com o intuito de identificar influências que favorecem o desenvolvimento do ser humano e, aquelas que atrapalham, fazendo com que as primeiras possam ser incentivadas e as últimas evitadas.

Para que tais questões pudessem ser observadas no presente estudo, foi seguida a seguinte estrutura: Primeiramente apresentou-se o Desenvolvimento do Idoso, no qual alguns aspectos que podem influenciar o desenvolvimento da pessoa com mais de 60 anos foram delineados. Também foi apresentada a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano, como pressuposto teórico deste trabalho.

Posteriormente foram delimitados os Objetivos da pesquisa, tanto geral, como específicos. Em Material e Métodos, foi descrito o local de estudo e quem são os participantes, a metodologia, os critérios de inclusão na pesquisa, o tipo de pesquisa, a inserção ecológica do pesquisador e as questões de estudo.

Em seguida, os resultados e a discussão foram apresentados na seguinte sequência: Caracterização do Universo da Pesquisa – o Macrossistema, em que serão mostradas características da cidade de Piracicaba, e do Lar dos Velinhos de Piracicaba; O Discurso da Administração da Instituição – o Exossistema, com a apresentação da entrevista realizada com pessoas da administração do Lar dos Velinhos; a Interação Social no Baile – o Microssistema, no qual foram observadas as relações e papéis sociais, as atividades realizadas e os atributos pessoais dos participantes do baile ao longo de um ano; A Dança em Diferentes Períodos da Vida – do Macro ao Micro-tempo, com o discurso dos participantes do baile sobre a dança ao longo da vida; Entendendo Melhor o Contexto – o mesossistema, apresentando

dentre outras coisas, outros ambientes que as pessoas pesquisadas frequentam e as atividades que realizam; e Inter-relacionando os Elementos do Modelo Bioecológico, em que serão tecidas relações entre os elementos abordados ao longo do estudo.

Nas Considerações Finais, buscou-se responder as duas questões centrais do estudo, que dizem respeito à inclusão social dos idosos institucionalizados que participam dos bailes e se este evento favorece o desenvolvimento de seus participantes.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1. O Desenvolvimento do Idoso**

O ciclo da vida começa com a concepção e termina com a morte, sendo que o desenvolvimento do ser humano ocorre em todo este período. A tendência é considerar que esse desenvolvimento se encerre antes das duas primeiras décadas de vida. Isso porque a perspectiva maturacional não visa o envelhecimento, mas sim o período que corresponde a “maturação” biológica do organismo, ou seja, até o final da adolescência e início da idade adulta (WITTER, 2006; HAYWOOD e GETCHELL, 2004).

Como aponta Pellegrini (1996) a perspectiva maturacional surgiu em meados de 1930, e nesta são levados em consideração principalmente aspectos intrínsecos (fatores genéticos) para explicar o desenvolvimento da pessoa, em que o sistema nervoso central é considerado o desencadeador desse processo, e os fatores ambientais são relegados para segundo plano.

Após meados de 1980, outra teoria passou a ser utilizada por muitos pesquisadores do desenvolvimento humano no campo da Educação Física, a abordagem dos sistemas dinâmicos. Nessa teoria, a interação entre organismo humano e meio ambiente recebe especial atenção. (PELLEGRINI, 1996).

Conforme Haywood e Getchell (2004) a abordagem dos sistemas dinâmicos passou a possibilitar o estudo do desenvolvimento ao longo de toda a vida. Os fatores extrínsecos (meio ambiente) causam uma grande variabilidade entre as pessoas durante todo ciclo de vida, mas principalmente no envelhecimento. Um estilo de vida sedentário ou ativo, hábitos alimentares, relacionamentos pessoais,

dentre outros, são responsáveis também por determinar a forma como ocorre o desenvolvimento.

O envelhecimento pode ser o reflexo de como a pessoa viveu em outros períodos da sua vida. O que caracteriza o desenvolvimento humano são as mudanças de ordem qualitativas e quantitativas que ocorrem ao longo de todo ciclo de vida da pessoa. Segundo Santos, Dantas e Oliveira (2004, p.33) “mudança é uma palavra-chave dentro do conceito de desenvolvimento, não apenas no que se refere ao surgimento, mas também, a perda de comportamentos”.

O envelhecimento muitas vezes é tido como um período em que a pessoa apresenta apenas declínios em suas capacidades cognitivas, afetivas ou motoras, entretanto, esta fase não envolve apenas perdas, mas também, ganhos e conquistas. Nos parágrafos a seguir serão delineadas algumas considerações a este respeito com base no estudo realizado por Almeida e Cunba (2003).

Existem comportamentos e expectativas em relação a cada etapa do ciclo da vida. Porém, a tipificação dos diferentes estágios de desenvolvimento, especificando cada idade da vida, acaba definindo o lugar social das pessoas dentro da sociedade, fazendo com que algumas teorias do desenvolvimento sejam definidoras de regras e prescrevam comportamentos.

As teorias do desenvolvimento são, assim, tomadas como “verdades”, porque coerentes com os valores dos contextos culturais nos quais se inserem, sendo que é tal coerência que confere a essas teorias uma face moral, institucionalizando certas práticas, como, por exemplo, a distribuição dos indivíduos em curvas normais, ou nos chamados padrões nacionais de desenvolvimento. Como abandonar o conceito de desenvolvimento normal que enquadra os indivíduos em curvas padronizadas de tamanho, peso, desenvolvimento psicomotor, raciocínio abstrato, repertório verbal etc? Por acaso, conceitos tais como marcos ou estágios de desenvolvimento não estariam na base da institucionalização de idéias como anormalidade, marginalidade, exclusão, deficiência ou declínio? (ALMEIDA e CUNBA, 2003, p.148).

Estabelecer critérios padronizados para cada fase da vida ou então definir uma fase como referência de desenvolvimento, pode favorecer representações equivocadas. Estágios do desenvolvimento ao longo da vida foram avaliados pelas autoras segundo a visão de educadores que trabalhavam com crianças, adolescentes, adultos e idosos. O desenvolvimento foi considerado como um fluxo de crescente aquisição que vai até a vida adulta e franca decadência na velhice. A infância e a adolescência foram consideradas as fases do “ainda não consegue”, enquanto a velhice, por sua vez, à etapa do “já não consegue mais”.

As ações dos sujeitos da pesquisa apresentada são muito mais voltadas à formação para o trabalho e para a produção (características da fase adulta) do que à realização da pessoa de acordo com as suas possibilidades, em cada fase da vida. O adulto é tido como protetor da criança e do idoso. A representação da vida adulta como referência do devir humano, implica na desconsideração das especificidades das pessoas em cada fase da vida.

É uma visão equivocada estabelecer critérios padronizados, em que o ser humano deva cumprir com êxito seu papel na sociedade, de acordo com a fase da vida em que se encontra. Witter (2006, p.14) explica que estes padrões “são tarefas comuns naquela etapa em cada região do mundo, todavia há características peculiares em decorrência do contexto sócio-histórico e da história de vida das pessoas”. As propostas teóricas do desenvolvimento humano tendem a desconsiderar ou minimizar o contexto cultural e histórico dos sujeitos.

Considerar o contexto cultural e histórico é uma necessidade que se torna ainda mais evidente quando se trata do idoso, tendo em vista todo o período que a pessoa já viveu. Esta fase da vida é caracterizada por algumas especificidades que

precisam ser levadas em consideração. Mudanças no que diz respeito ao trabalho, aposentadoria, lazer, relacionamentos pessoais e características físicas, são alguns exemplos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2008), nos países em desenvolvimento como o Brasil, a pessoa é considerada idosa após os 60 anos de idade. Esta idade condiz com a aposentadoria, que no Brasil é de 60 anos para as mulheres e 65 para os homens, conforme o Ministério da Previdência Social (MPS, 2008). Com isso ocorrem algumas questões interessantes no âmbito da sociedade como as que são colocadas por Bulla e Kaefer (2003, p.5):

A sociedade é contraditória. Por um lado considera a aposentadoria como um direito e uma conquista do trabalhador, depois de muitos esforços e anos de trabalho. Por outro, desvaloriza o sujeito depois de aposentado, que passa a ser visto como improdutivo e, portanto, inútil. O idoso aposentado necessita, muitas vezes, permanecer trabalhando por necessidade financeira, considerando-se que, para grande maioria dos brasileiros, os valores recebidos como aposentadoria não cobrem as suas necessidades de manutenção e de seus dependentes, principalmente quando cabe ao idoso o papel de mantenedor do grupo familiar.

Além disso, o trabalho é importante para o desenvolvimento pessoal e reconhecimento social. Assim o aposentado muitas vezes encontra dificuldades para se desvincular do mesmo. O trabalho também tem um papel de regulador de hábitos e rotinas, na vida da pessoa, em que horários devem ser seguidos, as atividades e os relacionamentos são determinados conforme sua exigência, formando um ponto de referência na vida do ser humano (BULLA e KAEFER, 2003).

Existe ainda a idéia de produtividade inerente na sociedade capitalista, que faz com que durante a aposentadoria o idoso se sinta improdutivo ou inútil. Neste sentido Mendes et al. (2005, p.424) coloca que: “Percebendo que ninguém necessita

dele por estar isolado, recusado e excluído da sociedade, ele se sente cada vez mais angustiado, tornando difícil sua adequação ao mundo no qual vive”.

O idoso pode se manter no trabalho, ou retornar ao mesmo após a aposentadoria, por motivos que vão desde a necessidade de manter seus relacionamentos sociais, como também pela necessidade de sobrevivência, já que com a aposentadoria muitos não conseguem o mínimo necessário para viver (WITTER, 2006).

Num estudo realizado por Coutrim (2006) ficou evidente a necessidade por parte de um grupo de idosos que trabalhavam informalmente pelas ruas de Belo Horizonte, de se manterem no mercado de trabalho devido às condições financeiras da família. Além de ocuparem um papel econômico central na vida de seus familiares, estes encontravam uma enorme satisfação por estarem trabalhando e colaborando com as necessidades de filhos ou netos que se encontravam algumas vezes desempregados ou subempregados.

Todavia, segundo Mendes et al. (2005) a realidade apresentada por este grupo de idosos não é uma generalidade. O que ocorre normalmente é uma perda de posição de comando e decisão na relação entre pais e filhos. Os papéis se invertem devido à dependência dos idosos. Os filhos passam a ter responsabilidade sobre os pais, mas muitas vezes esquecem de ouvi-los.

De acordo com Catusso (2005) o idoso por vezes se torna dependente, principalmente quando residem no mesmo lar vários membros. O controle das ações, das atividades e até mesmo dos relacionamentos afetivos ficam sob o olhar da família que pode fazer um julgamento equivocado dos sentimentos de seus idosos. Isso dificulta dentre outras coisas, o relacionamento com o cônjuge, companheiro (a), ou o início de um relacionamento.

A vida afetiva da pessoa idosa é vista muitas vezes pelos filhos como algo depreciativo. A sexualidade durante o envelhecimento fica reprimida, pois o idoso perde sua privacidade; devido às pessoas que o cercam achar que não existe mais a necessidade, ou à vontade por parte deles, de se manterem sexualmente ativos (CATUSSO, 2005).

O preconceito com relação à vida sexual da pessoa idosa se torna ainda mais evidente, quando os relacionamentos se estabelecem com pessoas do mesmo sexo. O idoso homossexual pode viver uma situação insustentável, quando existe uma revelação para seus familiares sobre a opção por um parceiro do mesmo sexo. Como no estudo de Agate et al. (2003) no qual foi constatado que muitos idosos que se casaram, tiveram filhos e netos, ficaram hesitantes em discutir sua homossexualidade. O assunto se torna um tabu, sendo difícil quebrar essa barreira.

Outro fator importante é o excesso de zelo por parte da família, que pode fazer o idoso se tornar progressivamente mais dependente, assim, tarefas que poderiam ser executadas pelo próprio idoso passam a ser feitas por outras pessoas (MENDES et al., 2005).

No entanto, idosos podem por outros motivos, deixar de realizar independentemente suas atividades do cotidiano e passar a depender da ajuda de terceiros. Um estudo realizado por Costa, Nakatani e Bachion (2006) com um grupo de idosos da comunidade, residentes na cidade de Goiânia revelou que 42,1% apresentavam comprometimento para realizar as Atividades de Vida diária (AVDs) e 72,6% para a realização de Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs).

As AVDs são tarefas que uma pessoa necessita realizar para cuidar de si mesma, como: tomar banho, vestir-se, ir ao banheiro, andar, comer, passar da cama para a cadeira, mover-se na cama e ter continências urinária e fecal. As AIVDs são

aquelas habilidades que o idoso necessita para administrar o ambiente em que vive, como: preparar refeições, fazer tarefas domésticas, lavar roupas, manusear dinheiro, usar o telefone, tomar medicações, fazer compras e utilizar os meios de transporte (PAIXÃO JÚNIOR e REICHENHEIM, 2005).

O comprometimento das AVDs e AIVDs pode ser ocasionado pelo surgimento de patologias, que associadas ao processo de envelhecimento às vezes leva o idoso a dependência e conseqüentemente a sua vida social acaba ficando comprometida. As Patologias mais comuns que atingem a pessoa idosa serão delineadas a seguir.

### **2.1.1. Algumas patologias que podem acometer o idoso**

No sistema locomotor, a osteoporose que ocasiona a perda de massa óssea, a sarcopenia que é responsável pela diminuição da massa muscular e a artrite que degenera as articulações, são as grandes responsáveis por gerar limitações que fazem com que principalmente indivíduos idosos deixem ou encontrem maiores dificuldades para realizar atividades que costumavam fazer, impedindo muitas vezes também que novas habilidades possam ser aprendidas (KRAUSE, 2006).

A osteoporose é uma doença que pode causar fraturas no osso que fica mais frágil devido à diminuição na sua densidade mineral. Principalmente as mulheres são atingidas por esta patologia que afeta os homens em menor proporção (CARVALHO, FONSECA e PEDROSA, 2004). Assim como a osteoporose, a sarcopenia afeta o idoso de forma a causar diminuição na força muscular fazendo com que o número de quedas seja freqüente e a realização de atividades que requeiram força fiquem comprometidas (SILVA et al., 2006). Além destas duas patologias o sistema locomotor pode ainda ser acometido pelo desgaste da

cartilagem articular causado pela osteoartrite. Esta doença em estágios avançados limita consideravelmente atividades no cotidiano do idoso (ZACARON et al., 2006).

Alterações no sistema circulatório e respiratório também afetam com maior proporção pessoas no processo de envelhecimento, podendo prejudicar a realização de atividades da vida diária. A arteriosclerose, a diminuição da distensibilidade da aorta e das grandes artérias, o comprometimento da condução cardíaca e a redução na função barorreceptora são alterações típicas no sistema cardiovascular do idoso. A mortalidade e morbidade por doença cardiovascular, são as maiores causas de morte entre os idosos, e a insuficiência cardíaca a causa mais comum de internação hospitalar. A idade é um fator independente para doença coronária, sendo que outras variáveis como hipertensão, a diabetes mellitus, o fumo, as dislipidemias, o sedentarismo e a obesidade, podem ser adicionadas como complicadores da patologia. (ZASLAVSKY e GUS, 2002).

Alves et al. (2007) identificaram correlações significativas entre doença cardíaca e hipertensão arterial para dependência na realização das AVDs e AIVDs em 1.769 idosos residentes na cidade de São Paulo. A manutenção da capacidade funcional foi apontada pelos autores como fundamental para que o idoso se mantenha na comunidade de forma independente.

Outro fator importante que pode trazer comprometimentos na vida social do idoso é o excesso de peso, gerado pela diminuição da atividade física, dentre outros fatores. De acordo com Haywood e Getchell (2004) com o envelhecimento o peso corporal tende a decair, mas isso ocorre devido à perda óssea e muscular, pois o tecido adiposo tende a aumentar. Mudanças que ocorrem no sistema endócrino e metabólico do idoso podem ser responsáveis por uma redistribuição da gordura corporal (HERMSDORFF e MONTEIRO, 2004).

Essa redistribuição faz com que durante o envelhecimento ocorra uma diminuição de gordura nos membros e uma maior concentração deste tecido na região abdominal. Essa localização mais centralizada da gordura é típica em homens, todavia, durante o envelhecimento é comum o fato das mulheres apresentarem também esta característica devido a alterações hormonais. Isso é preocupante tendo em vista que a gordura acumulada na região abdominal aumenta as chances de doenças cardiovasculares (SALVE, 2006).

Outra alteração fisiológica que pessoas idosas podem apresentar é no sistema nervoso. Segundo Price (2003) muitos idosos permanecem intelectualmente ativos até o final de suas vidas, entretanto, outros apresentam um pequeno prejuízo na capacidade de memória e funções cognitivas, alguns com sintomas mais pronunciados chegam a desenvolver demência. Para o autor pequenas mudanças na cognição e memória não são capazes de afetar significativamente a qualidade de vida de idosos. Porém, quando ocorrem grandes lesões no sistema nervoso (placas senis e neurofibrilares em abundância), síndromes clínicas graves chamadas de demência senil provocam grandes prejuízos de perda da memória e funções cognitivas, interferindo de forma significativa na vida social e ocupacional da pessoa idosa.

Uma patologia neurodegenerativa que acomete principalmente indivíduos na terceira idade é a doença de Alzheimer (DA). Para Fridman et al. (2004) esta doença é a causa mais freqüente de demência. As placas senis, os emaranhados neurofibrilares e a extensa perda neuronal, são os achados mais marcantes na DA, no entanto não se sabe ainda se estas são as causas ou as conseqüências do desenvolvimento da doença. De acordo com o autor esta patologia atinge principalmente indivíduos na faixa etária entre 80 e 90 anos, acometendo

aproximadamente um a cada 10 idosos. Nos países desenvolvidos, esta doença chega a ser a terceira causa de morte, perdendo apenas para doenças cardiovasculares e o câncer.

A doença de Parkinson (DP) é outra patologia do sistema nervoso, causada pela falta de dopamina (neurotransmissor que age nos núcleos da base), faz com que os sinais vestibulares, visuais e proprioceptivos fiquem comprometidos. O equilíbrio corporal, os reflexos adaptativos fazem parte das alterações sensoriais, causando tontura e desequilíbrio (MARTINS-BASSETTO et al., 2007). A demência é comumente observada em pacientes com DP avançada, principalmente os idosos (GONÇALVES, ALVAREZ e ARRUDA, 2007).

Todas estas alterações fisiológicas apresentadas até aqui, associadas ao processo de envelhecimento faz com que se pense em idosos acometidos por algumas destas patologias. Alguns destes por não terem mais condições de viverem com suas famílias acabam tendo que morar numa Instituição de Longa Permanência. É evidente que a doença não é o único motivo que faz idosos irem para estes locais, problemas familiares, falta de moradia, morar sozinho e problemas conjugais são outros motivos que podem fazer com que estas pessoas sejam institucionalizadas (DAVIM et al., 2004). A seguir serão delineadas algumas especificidades de idosos que vivem em instituições.

### **2.1.2. O idoso institucionalizado**

O modo com que diferentes sociedades encaram o envelhecimento é capaz de influenciar a questão da institucionalização da pessoa idosa. Segundo Papalia e Olds (2000) em países asiáticos, faz parte dos costumes o idoso mesmo debilitado encontrar-se sob o cuidado da família e ser somente transferido para uma casa de

repouso ou lar específico para o tratamento de idosos quando determinada patologia exige cuidados especiais.

Porém, as autoras destacam que o grande aumento da população idosa nestes países, está fazendo com que o governo tome atitudes no sentido de oferecer vantagens como abatimento em impostos para que as famílias continuem cuidando de seus idosos. O aumento da proporção de pessoas nesta faixa etária é potencializado pelo fato desta região ser a mais bem-sucedida do mundo na redução da fertilidade, além do que, existe ainda nestes países, um melhor saneamento e programas preventivos de vacinação. Em países como a China, por exemplo, onde os casais são limitados a ter um único filho, será comum ver em pouco tempo um casal de jovens adultos com quatro idosos para dar uma possível assistência.

Nos países ocidentais, o envelhecimento em geral é considerado indesejado. Embora nestes países todas as pessoas queiram viver por muito tempo, quase ninguém quer ser velho. Esta palavra tem conotações de incompetência, fragilidade física, mentalidade estreita e perda de atratividade (PAPALIA e OLDS, 2000).

O processo de envelhecimento apresenta diferentes características para quem vive aqui no Brasil. De acordo com Freire Júnior e Tavares (2006) devido as grandes desigualdades sociais, existem especificidades variadas, dependendo da condição socioeconômica, sexo, acesso à informação e educação, cultura ou região na qual o idoso reside. Existe por exemplo, uma diferença na expectativa de vida de quase dez anos em favor de idosos que vivem na região sudeste que é mais desenvolvida quando comparados com os que vivem nas regiões norte ou nordeste.

Para Freire Júnior e Tavares (2006) se torna difícil manter um envelhecimento digno num país em que as políticas sociais não oferecem o mínimo para a subsistência destas pessoas. Deste modo o fenômeno da institucionalização se

torna mais freqüente a cada dia. Segundo os autores ocorreram nos últimos tempos algumas mudanças na estrutura familiar que dificultam a presença do idoso dentro deste ambiente, fazendo com que a institucionalização seja mais procurada, como por exemplo: a figura da mulher que antes era considerada a principal personagem no cuidado de pais e sogros, e se encontra agora na sua grande maioria inserida no mercado de trabalho; a queda na taxa de fecundidade; casais separados; mães solteiras; casais sem filhos ou filhos que saem de casa ainda muito jovens, dentre outros.

O surgimento destas instituições especializadas ocorreu segundo Walber e Silva (2006) em decorrência do assistencialismo que era feito por pessoas da comunidade a partir do século XIII na Europa. Diferentes equipamentos sociais como orfanatos, asilos e hospitais são criados para oferecer assistência especializada para determinadas categorias da população, sendo que neste período essa assistência era feita por indivíduos da comunidade. Esse tipo de “ajuda” toma o *status* de caridade, e com isso mantêm estas pessoas numa zona vulnerável da sociedade, no lugar de necessitados.

Conforme Perlini, Leite e Furini (2007), idosos vão para estes locais, devido às dificuldades impostas pelo cotidiano familiar, tais como ausência de condições físicas, financeiras e psicológicas para prestar cuidado adequado ao idoso no domicílio ou pelo desejo do próprio idoso em não perturbar os familiares. Davim et al. (2004) apontam ainda entre os motivos que levam idosos para estes locais os problemas familiares, dificuldades com moradia, doença e abandono.

Muitos idosos nestas instituições perdem contato com a família e com sua comunidade de origem; este distanciamento, segundo Creutzberg et al. (2007),

parece ocorrer principalmente pelo fato destes estabelecimentos não proporcionarem uma maior inclusão da família no cotidiano de suas ações.

A institucionalização parece ter virado em alguns casos, uma válvula de escape para famílias que por algum motivo não dão conta de cuidar dos idosos que dela fazem parte. Esta problematização vincula-se ainda a aposentadoria precoce e com baixo poder aquisitivo, o que constitui uma fonte de rendimento insuficiente por parte destas pessoas, que não conseguem com esta renda suprir suas necessidades e muito menos pagar por um serviço de saúde adequado. Esta política de desvalorização do idoso faz com que muitos não se mantenham na família e na comunidade (DAVIM et al., 2004).

Quanto às características que normalmente são encontradas nestas instituições que atendem pessoas idosas Davim et al. (2004, p.520) destacam que:

[...] normalmente são locais com espaço e áreas físicas semelhantes a grandes alojamentos. Raras são as que mantêm pessoal especializado para assistência social e à saúde ou que possuam uma proposta de trabalho voltada para manter o idoso independente e autônomo. Eles vivem, na maioria das vezes, como se estivessem em reformatórios ou internatos, com regras de entradas e saídas, poucas possibilidades de vida social, afetiva e sexual ativa. Na realidade, muitas vezes o que se encontra são depósitos de pessoas, que, fundamentados na idéia de amor ao próximo e amparo aos desabrigados, consideram que os abrigos, juntamente com os cuidados a eles prestados, são suficientes às pessoas que estejam em seus últimos dias de vida.

As Instituições de Longa Permanência para Idosos deveriam ser responsáveis por abrigar aqueles que não encontram na família um local possível para se viver. O Estatuto do Idoso (artigo 3º parágrafo único), dentre outras recomendações determina: “priorização do atendimento do idoso por sua família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não a possuem ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência” (SENADO, 2008).

Porém, o fato dos familiares de pessoas idosas terem em suas rotinas de vida compromissos que muitas vezes os impedem de proporcionar uma assistência adequada ao idoso, mesmo havendo condições satisfatórias para a sobrevivência, à institucionalização se torna algumas vezes necessária. Todavia, as instituições, mesmo oferecendo serviço especializado, por vezes não atendem as necessidades da pessoa idosa, como mostra o estudo realizado por Yamamoto e Diogo (2002).

As autoras averiguaram seis instituições para idosos na cidade de Campinas no interior do estado de São Paulo, Brasil e constataram que quatro delas eram exclusivamente para mulheres e nenhuma para casais. O critério de distribuição foi por gênero nas que admitiam ambos os sexos e por níveis de dependência nas outras, com exceção de uma na qual a família podia escolher o quarto. Em três instituições o predomínio foi de pessoas independentes e nas outras três de pessoas parcialmente dependentes. Para a alimentação todas possuíam horários rígidos. Três delas respeitavam a individualidade e levavam em consideração uma dieta especial para hipertensos e diabéticos, entretanto as outras instituições estendiam este tipo de dieta para todos os abrigados.

Yamamoto e Diogo (2002) ainda constataram que quatro instituições não permitiam que o idoso colocasse sua própria refeição. Duas instituições possuíam horários para a administração de remédios que deviam ser seguidos por todos. Deste modo as autoras consideraram que existiram restrições e inadequações na assistência prestada aos idosos de praticamente todas as instituições.

Talvez, seja preciso repensar a forma com que a institucionalização é feita e encarada pelos membros da sociedade, e reestruturá-la de forma a amenizar este estereótipo de que o ambiente é só para velhos. Provavelmente indivíduos que tiveram liberdade de ir e vir à vida toda não queiram ter suas atividades vigiadas e

seus horários controlados 24 horas por dia. Não basta a exclusão que a própria moradia numa instituição provoca por si só, o idoso ainda tem que conviver com outras formas de exclusão que o acometem dentro da própria instituição.

Os dizeres de Araújo, Coutinho e Santos (2006, p.94) reforçam esta idéia sobre as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI's):

[...] as ILPI's desempenham um papel importante na sociedade, por oferecerem aos idosos que não possuem familiares um espaço de construção de novas relações, de troca afetiva. No entanto, faz-se necessário refletir sobre as questões que contribuíram para o surgimento na sociedade de tais instituições que "acolhem" os marginalizados, tendo em vista que o recente Estatuto do Idoso prescreve que cabe à Família, ao Estado e à Sociedade o dever de oferecer condições dignas para as pessoas idosas, realidade não comumente encontrada nas instituições geriátricas.

As instituições de Longa Permanência, se, por um lado desempenham seu papel de acolhedora dos velhos em processo de exclusão social, por outro lado, suas normas internas contribuem para o afastamento dos problemas sociais externos, proporcionando um confinamento social, na medida em que restringe a vida do idoso apenas à vida asilar, caracterizando-se como uma forma de ruptura dos elos que os ligavam à vida familiar e social.

Esse afastamento leva a uma segregação que faz com que o idoso mantenha pouco contato com a vida que levava fora da instituição. E para falar desta segregação é comum que surjam as palavras inclusão/exclusão social, mas é preciso entender as formas com que estes vocábulos são empregados para se evitar equívocos. A seguir serão abordados alguns aspectos referentes à inclusão/exclusão social do idoso, para que o tema seja abordado de forma mais específica e com maior propriedade dando significado e sentido para o uso desta expressão neste trabalho.

### **2.1.3. Inclusão/Exclusão social do idoso**

O termo inclusão/exclusão social vem sendo empregado para designar os que estão de fora. O estudo de Maiolino e Mancebo (2005) mostra que este termo tem sido usado de forma bastante generalizada, determinando diferenças de âmbito cultural, espacial, social e econômico.

Os autores destacam que em meados de 1970, pessoas que se encontravam na periferia dos centros urbanos, recebiam o nome de grupos marginais, fenômeno causado pelo crescimento acelerado e desordenado das grandes cidades. Esse termo passou a ser usado de forma mais generalizada nos anos que se seguiram, representando a inserção ou não no trabalho, e posteriormente, já nos anos de 1980, a cidadania limitada, ou seja, aqueles com dificuldade para participar do desenvolvimento econômico e ascensão social. Esse termo deixou de ser usado a partir de 1990, sendo substituído pelos termos segregação social e principalmente exclusão social.

Assim como o termo marginalidade abrangeu várias questões, a exclusão social tem sido usada para designar vários aspectos sociais, desde as minorias (idosos, negros, deficientes, homossexuais, dentre outros), até meninos de rua, desempregados, sem teto, catadores de lixo... Assim a exclusão engloba cada vez mais pessoas (MAIOLINO e MANCEBO, 2005).

Sposati (2006) também ressalta a grande generalização da(s) palavra(s) inclusão/exclusão social, que vai desde seu uso banal, representando a residualidade de algum fenômeno, até sua capacidade crítica de discutir a igualdade social.

De acordo com a autora os novos ingredientes da exclusão social são descentrados do econômico e recentrados no acesso às políticas públicas,

principalmente as sociais. Na luta social entre sociedade e Estado, as políticas sociais ganham um importante papel. As diferenças sociais existentes em países do hemisfério sul, fato evidente com a globalização do trabalho, geram o que Sposati (1999) denomina de exclusão social abaixo da linha do equador. O que ocorre, é que a lógica excludente conhecida mundialmente pela sociedade nos guetos de judeus, ou na África com o *apartheid*, é na nova versão mundial, de forma mais sutil construídas dentro dos muros escolares, dos clubes, do trabalho, dentre outros.

Confrontar os termos inclusão e exclusão é colocar a discussão no patamar ético-político, possibilitando rever questões referentes à justiça social. Ninguém é permanentemente incluído ou totalmente excluído. A presença da discriminação e do estigma gera a exclusão social, isso impossibilita uma inclusão, e muitas vezes a forma de inclusão possível neste mundo desigual é viver como excluído (SPOSATI, 2006).

As desigualdades sociais existentes devido à internacionalização da economia geraram uma exclusão de parte da sociedade, tendo em vista o desenvolvimento do sistema capitalista desde a era iluminista. Essa exclusão segundo Lopes (2006), não deve ser confundida com pobreza, pois há aspectos que as difere. A pobreza pode ser definida como a oposição de interesses de classes, já a exclusão social, abarca uma série de outros fenômenos sociais contemporâneos, como a falta de acesso a bens e serviços, a precarização do trabalho, a desumanização do outro, a desagregação identitária, a desqualificação social, dentre outros.

Nos próximos parágrafos serão tecidas algumas considerações do estudo de revisão feito por Lopes (2006), no qual é destacado que as políticas sociais e os programas públicos que visam combater a pobreza ou a exclusão encontram

dificuldades por se manterem locais e localizados. Com a internacionalização da economia rompeu-se com a idéia de sociedade ou sujeito, pois antes a economia era promovida pelo Estado Nacional como componente funcional da integração. Nos dias atuais, tornou-se o próprio modelo de integração.

A mundialização dos mercados gerou a exclusão daqueles que não fazem parte deste “jogo”. Deste modo, reencontrar a criatividade e a capacidade de agir parece ser necessário, pois a sociedade é cada vez mais vista como um subproduto da atividade econômica. Sujeitos ativos e participantes de um corpo social solidário poderiam cobrar melhores condições do Estado.

Desdobrando-se dessa problemática, quais seriam as obrigações cobradas dos sujeitos e quais seriam as condições do Estado de sustentar a “pressão positiva” que recairia sobre ele da demanda dos sujeitos por terem seus direitos levados a sério? (LOPES, 2006, p.18).

Os apelos do mercado capitalista favorecem o consumo desenfreado e acrítico. Os que não tem condições para tal, acabam muitas vezes no mundo das drogas, da violência, ou seja, dos excluídos do sistema. Outros encontram uma saída na vida comunitária e na solidariedade. As políticas sociais contemporâneas têm como prioridade fazer com que os excluídos do sistema participem de programas que possuem o rótulo de “inclusão social”. Porém esta inclusão realizada institucionalmente faz com que o sujeito excluído, seja tratado como objeto, ou seja, considerado “incluído” somente naquele espaço de tempo.

Uns dos responsáveis por vincular em alguns momentos uma imagem deturpada daqueles que estão em condições menos favorecidas do que outros é o discurso da mídia. Segundo Martins (2005), é indiscutível o avanço tecnológico que ocorreu após o século XIX. Além de jornais e revistas, tecnologias como o rádio, a

TV e a internet, passaram a ser incorporadas, fazendo com que os meios de comunicação em massa se firmem como empresa. Sendo que esta chegou a ser igualada a um quarto poder, ao lado do executivo, legislativo e judiciário, para realizar a função de fiscal e porta voz da sociedade. Porém, na imprensa, os interesses são frequentemente difusos e antagônicos, longe da idealização romântica de uma imprensa sempre vigilante e distante do poder.

O dicionário Aurélio define imprensa como a designação coletiva dos veículos de comunicação que exercem o jornalismo e outras funções de comunicação informativa em contraste com a comunicação puramente propagandista ou de entretenimento.

O discurso destes meios de comunicação por vezes é responsável por denunciar a marginalização que sofrem algumas pessoas e alertar a todos sobre a necessidade de novos olhares sobre elas, todavia, outras vezes o impacto de determinada notícia é amenizado de acordo com interesses de empresas, manutenção da ordem e vínculos políticos.

A questão fundamental que deveria ser levada em consideração é o fato da sociedade não ser composta por um modelo padrão, como costumeiramente a mídia faz, mas sim por uma diversidade humana que pode ser entendida e compreendida por diversos ângulos.

Carmo (2005) entende que a diversidade humana pode ser vista sob três abordagens: a primeira diz respeito ao moralismo abstrato, que defende a presença de todos com todos a partir de um forte apelo sentimental. A segunda é o Moralismo Pseudoconcreto, em que excluídos e incluídos são vistos como iguais. Isso faz com que ocorra a negação das identidades, pois desaparece a diferença na diferença. A terceira é o moralismo concreto, no qual a dialética é usada como método de

análise, existindo a unidade na diversidade, a igualdade na diferença e o específico no geral. Esta abordagem ainda:

Identifica e compreende os mecanismos sociais e os critérios utilizados para nominar tanto os incluídos como os excluídos. Ao invés de negar o estatuto histórico do sujeito, procura explicitá-lo. Ao contrário de silenciar-se diante das contradições e incompatibilidades sociais, as denuncia. Concebe as desigualdades concretas existentes entre os homens como fruto histórico e estrutural da sociedade e não apenas como obras da meritocracia, capacidades e habilidades individuais (CARMO, 2005, p.36).

Desta forma, parece imprescindível que o moralismo concreto venha a predominar nas políticas públicas que abordam a questão da diversidade humana. Apelos sentimentais ou o discurso de que somos todos diferentes e por isso deficientes, poderá ceder lugar a idéia de que a identidade dos sujeitos excluídos não pode ser negada. É preciso “desenvolver nas mentes das pessoas a capacidade de colaboração de uns com os outros, visando ao benefício de todos” (CARMO, 2005, p.45).

Mantoan (2003) relata que, a diversidade humana é condição imprescindível para que o ser humano possa compreender o mundo e ele mesmo. Neste tema tão complexo existe a necessidade de se diferenciar dois vocábulos que são constantemente usados e confundidos, às palavras integração e inclusão.

Walber e Silva (2006) levantam esta temática, definindo a integração como dependente da pessoa excluída, já que nesta modalidade é de responsabilidade dos excluídos a aproximação dos padrões sociais. Sendo assim a integração pouco exige da sociedade, e para aqueles que não se adaptam a este padrão, cabe freqüentar os ambientes segregados. A inclusão social envolve um movimento mais amplo, no qual os problemas encontrados são resolvidos tanto pelos excluídos como por todos os outros membros da sociedade.

Sasaki (1997) também define os termos integração e inclusão, explicando que a sociedade primeiramente começou praticando a exclusão social das pessoas que apresentavam condições que fugiam a norma geral da população. Posteriormente, desenvolveu a integração social dentro de instituições que forneciam um atendimento segregado. E recentemente tem tentado adotar a filosofia da inclusão social, que visa modificar os sistemas sociais gerais.

Mudar a forma com que a sociedade encara as pessoas que se encontram segregadas, passam por questões bastante complexas. As pessoas idosas, os negros, as mulheres, os índios, dentre outros, ainda parecem estar tentando garantir uma integração, e o processo de inclusão talvez seja neste momento uma utopia. Fechando o foco no indivíduo idoso, pode-se perceber que numa tentativa de garantir a integração social destas pessoas é no escopo de leis que visam amparar esta população, mas se a sociedade como um todo não tiver consciência da importância destas pessoas, pouco efeito tem a promulgação de leis ou decretos.

Estes vêm sendo publicados a mais de 30 anos, como a Lei 6.179 de 11 de dezembro de 1974, que institui amparo previdenciário para maiores de setenta anos de idade e para inválidos e dá outras providências; o Decreto 86.880 de 27 de janeiro de 1982, que institui o ano de 1982 como o ano nacional do idoso e cria a Comissão Nacional para coordenar e apresentar sugestões sobre a problemática dos idosos; a Lei 8.842 de 04 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a política nacional do idoso; o Decreto 8.926 de 9 de agosto de 1994, que torna obrigatória a inclusão, nas bulas de medicamentos, de advertências e recomendações sobre seu uso por pessoas de mais de 65 anos; a Lei 10.048 de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e dá outras providências; a Lei 10.741 de 1 de outubro de 2003, que dispõe sobre o estatuto do idoso e dá

outras providências; a Lei 11.551 de 19 de novembro de 2007, que institui o programa disque idoso; dentre outras (SOLEIS, 2008).

Se o idoso não se encontrasse segregado, não haveria a necessidade de tantas leis e decretos para garantir seus direitos. Também é importante destacar que somente este emaranhado de promulgações referentes a estas pessoas e os que estiverem por vir, não evitou e não evitarão por si só a segregação social a qual estão sujeitas. Como afirma Carmo (2005) isso ocorre porque “é preciso” explicitar as identidades negadas, ou seja, idosos, negros, mulheres, deficientes... e negar as que sempre foram explicitadas, os ricos, com acesso a educação, lazer e trabalho. Segundo o autor, esta inversão é necessária, pois do contrário se colocaria em risco a hegemonia da maioria dominante.

Os legisladores não podem jamais elaborar leis específicas dando concreticidade às identidades. É preciso negar as identidades nos corpos das leis e das políticas públicas. O texto tem que transparecer que todos [...] possuem direitos, mesmo tendo consciência de que somente alguns gozam desse privilégio; todos passam fome, mesmo sabendo da falsidade dessa afirmação; todos podem freqüentar a mesma escola, sabendo que isso é impossível; que todos podem dançar, mesmo sabendo que as técnicas exigidas estão somente ao alcance de alguns (CARMO, 2005, p.43-44).

Segundo Theobald (2005) para que as relações sociais de idosos possam ser analisadas de forma crítica e envolvendo toda sociedade, a discussão da inclusão/exclusão social se torna imprescindível, porém, quando se trata deste grupo de pessoas, ela vem sendo pouco estudada. Ao realizar uma pesquisa envolvendo cinco países europeus (Áustria, Bélgica, Alemanha, Itália e Irlanda do Norte), o autor constatou que apenas a Irlanda do Norte prevê uma situação favorável à inclusão social de idosos, pois trabalha com a idéia de responsabilidade social numa abordagem universal, na qual esta questão envolve todos os membros da

sociedade. O país que menos fornece uma adequada prestação de cuidado aos idosos é a Itália, tendo em vista que transfere toda responsabilidade para família. Os outros países também encontram dificuldades por responsabilizar ora a família, ora a sociedade, colocando determinados grupos de idosos em situação de desvantagem.

Cavalli, Bickel e Lalive D'Épinay (2007) também salientam que o conceito de inclusão social tem sido pouco investigado quando se trata de idosos. Para os autores, as perdas inerentes ao processo de envelhecimento, como as relativas à saúde, entes queridos, ou a entrada numa instituição geriátrica, não devem ser entendidas como as responsáveis por gerar a exclusão social, mas sim, como fatores-chave na cadeia de acontecimentos que podem levar a isso. Destes três fatores, a deterioração do estado de saúde parece ser o que mais se associa ao afastamento do idoso de uma participação social ativa, fazendo com que uma constante segregação passe a ocorrer. Como a maioria dos idosos institucionalizados encontra-se com a saúde comprometida, conseqüentemente, estes acabam sofrendo duplamente com o processo de exclusão social.

Para que uma mudança seja possível, é preciso que aja uma transformação na sociedade. Conceitos relacionados à inclusão social, precisam ser incorporados no sentido de fazer com que a sociedade se modifique, para que todos possam exercer sua plena cidadania (SASSAKI, 1997).

Trabalhar por uma sociedade em que todos caibam pode parecer uma utopia, mas para os que acreditam nesta transformação, essa pode ser uma utopia possível. Conscientizar toda a sociedade, de modo a formar um senso crítico, que faça com que a diversidade humana possa ser respeitada, é um caminho que deve ser seguido por aqueles que acreditam numa sociedade para todas as pessoas.

Idosos podem se ver obrigados a morar em instituições devido a diversos fatores, e estas por sua vez, podem proporcionar mais do que um alojamento com regras e horários pré-estabelecidos, em que o idoso deve ficar confinado. Acabar com estas instituições não seria a solução dos problemas que envolvem a exclusão social do idoso, até por que isto não seria possível, devido à prestatividade que estes lugares oferecem (mesmo que de forma limitada em algumas instituições) e o grande número de pessoas que atendem.

A inclusão social tem por objetivo mostrar que na sociedade existe espaço para que todas as pessoas possam sem discriminação exercer sua cidadania. Idosos, crianças, negros, dentre outros que fazem parte de grupos minoritários, devem ter sua participação garantida na sociedade, e para que isso ocorra é fundamental que pesquisas comecem a apontar para esta necessidade.

Dentre as formas que idosos encontram para manterem um maior relacionamento social, contribuindo para uma inclusão, as atividades que envolvem a dança parecem ocupar um importante papel. Além de proporcionar maiores possibilidades de relações sociais, esta atividade física, pode contribuir para a manutenção da capacidade funcional destas pessoas. A seguir, serão tecidas considerações sobre dança e pessoas idosas.

#### **2.1.4. Dança e pessoas idosas**

A dança parece ser uma atividade bastante significativa quando se trata de idosos, haja visto os tradicionais bailes da terceira idade costumeiramente realizados. Na literatura, existem ainda poucos estudos mostrando a preferência de idosos com relação à atividade física que gostam de realizar, mas algumas

pesquisas mostram que a dança é uma das mais solicitadas (SILVA e IWANOWICZ, 1998; KEYANI et al., 2005).

Segundo Leal e Haas (2006) a dança é um dos exercícios físicos mais procurados por idosos, pelo fato da grande aceitação desta atividade por parte destas pessoas. As autoras relatam em sua pesquisa com idosas que participavam semanalmente de aulas de dança que as mesmas apresentaram melhoras na coordenação, no equilíbrio, no ritmo, na lateralidade, na consciência corporal, na resistência, e na memorização. Jeon et al. (2005) encontraram também resultados significativos num grupo de idosas que participaram de atividades de dança, como melhora do equilíbrio, depressão, diminuição de quedas, e dos custos médicos.

Há evidências de que esta prática melhora a interação social e a auto-estima (WIKSTRUM, 2004), auxilia no combate ao estresse, desenvolve a respiração e o condicionamento físico; aumentando a flexibilidade; fortalecendo a musculatura (FERREIRA, 2003) e melhorando a agilidade de locomoção (SHIGEMATSU, 2002).

A dança está entre as atividades mais requisitadas por idosos participantes de programas do tipo “Universidade Aberta à Terceira idade” no Brasil (SILVA e IWANOWICZ, 1998), e estes, procuram por diversão e amizades, e vêem nesta prática a possibilidade de inserir-se em atividades dentro de sua comunidade, não apenas com seus pares em programas para idosos, mas também para ser capaz de dançar com seus familiares (OLIVEIRA e TOLOCKA, 1997).

A dança pode melhorar o humor, diminuir a depressão e o estresse (WILKSTROM, 2004), aumentar a sensação subjetiva de satisfação com a vida (KIM et al., 2003), pode trazer também aumento do estado funcional (SONG et al., 2004). Nos casos de demência, sessões de dança proporcionaram suporte intelectual, emocional, além de maior desempenho funcional (NYSTROM e LAURITZEN, 2005).

A dança praticada no tempo livre auxilia na manutenção ou no desenvolvimento das funções motoras, sensoriais, cognitivas e psíquicas (ROVIO et al., 2005).

Na dança podem-se utilizar ritmos variados, de axé, dança de salão (tango, bolero, valsa, samba), dança do ventre, forró, flamenca e outros, com passos fáceis ou mais complexos. O objetivo mais importante é que essas técnicas sejam utilizadas de forma que contribuam à recuperação dos movimentos básicos no cotidiano do idoso, e para que ele possa adquirir um bem estar físico, psíquico e social (VERGHESE, 2006).

Em estudo realizado por Keyani et al. (2005) foi identificado que a dança possibilitou grande interação social entre idosos, com benefícios psico-sociais tanto para aqueles que efetivamente dançaram, como também para os que ficaram assistindo. Idosos deste estudo disseram preferir a dança dentre outros tipos de exercícios físicos, por proporcionar maior divertimento que as atividades tradicionais.

Possibilitar a oportunidade para que idosos possam participar de atividades de dança, poderá proporcionar a estas pessoas um melhor estado de saúde, além de terem um momento de convívio social, divertimento e lazer.

O estudo realizado por D'Alencar et al. (2006) mostrou que idosos que participaram de um programa de dança, melhoraram as condições de saúde, aumentaram a vontade de viver, se sentiram inseridos no mundo e propiciou uma vivência com maior autonomia, pelo fato de ter sido estimulada a busca de projetos existenciais.

Uma questão importante relacionada a dança na terceira idade, é o fato de idosos que se encontram debilitados, como é o caso de muitos que vivem em Instituições de Longa Permanência, sofrerem uma certa discriminação por parte da

sociedade. A dependência para a locomoção, que ocorre em alguns casos devido ao uso de próteses ou órteses, faz com que muitos deixem de dançar.

A sociedade tende a valorizar as técnicas tradicionais exigidas para que se possa dançar. No entanto, estudos tem mostrado que existem adaptações para que pessoas que apresentam alguns tipos de limitações, que outrora foram vistas como impedimento para a prática, possam dançar (FREITAS e TOLOCKA, 2005; FERREIRA e FERREIRA, 2004).

Tolocka (2006, p.37) relata que:

São tão diferentes as maneiras de dançar quanto são os grãos de areia em uma praia. A dança, como a flora marinha, traduz uma diversidade magnífica e permite desde a execução de gestos altamente complexos até coreografias feitas apenas com os olhos, mas que podem igualmente transmitir o que muitas vezes não pode ser dito por palavras.

A dança em cadeira de rodas é um exemplo disso. Esta prática quebrou paradigmas, questionando a relação consensual com a estética, explorando a diversidade cultural, social e política. Essas iniciativas fazem com que as pessoas comecem a deixar de lado “as concepções de um corpo predefinido e colonizado por técnicas cristalizadas. Tem-se presente um corpo aberto para o aprendizado de novos movimentos corporais” (FERREIRA, 2006, p.53).

Este aprendizado de dança para pessoas deficientes vem sendo principalmente utilizado como forma de esporte adaptado, regidos por uma confederação, como é o caso da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, criada em 2001 (RIBEIRO e ARAÚJO, 2004). Isso foi de fundamental importância para que a prática começasse a ser difundida, no entanto, se torna necessário agora popularizar essas técnicas, para que dentro das possibilidades de cada pessoa, possam ser utilizadas pela população em geral, como é o caso dos

idosos, principalmente os que vivem em Instituições de Longa Permanência, por se encontrarem muitas vezes dependentes de uma cadeira de rodas.

Como algumas instituições para idosos promovem bailes, seria importante propiciar para residentes destes locais que gostam de dançar, mas que se vem impedidos devido a limitações físicas, o aprendizado de técnicas básicas que os permitam participar destas atividades. Entender o quanto isso pode favorecer um maior convívio social, uma melhor saúde e qualidade de vida, poderá ser de suma importância para que as Instituições de Longa Permanência para Idosos, passem a oferecer tais recursos.

Relacionar todas estas variáveis levantadas até o momento acaba sendo um desafio complexo, pois envolve uma série de fatores. O idoso que vive institucionalizado que acaba por vezes ficando vulnerável fisicamente e sujeito a exclusão social, pode através da dança encontrar maiores possibilidades de convívio social?

Para tentar abranger todas estas vertentes, este estudo adotará a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 1996, 2005), como pressuposto teórico, por envolver uma série de fatores que dizem respeito não somente as características da pessoa em desenvolvimento, mas principalmente, por levar em consideração fatores ambientais que podem influenciar neste desenvolvimento ao longo do tempo.

## **2.2. A Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano**

As teorias do desenvolvimento humano chegaram a um ponto de convergência no final do século passado. Esse ponto diz respeito à importância do contexto sócio-cultural para se entender as relações existentes entre os seres

humanos e o mundo (KREBS, 2005). Segundo o autor, dentre as teorias existentes destacam-se: a Teoria Dialética de Klaus Riegel, a Teoria Histórico-Cultural de Jaan Valsiner, e a Teoria dos Sistemas Ecológicos de Urie Bronfenbrenner. Todas estas surgem como críticas as teorias tradicionais que não levam em consideração interações concretas dos seres humanos em suas atividades cotidianas.

Este estudo assumirá os pressupostos teóricos sobre o desenvolvimento humano da teoria de Urie Bronfenbrenner, tendo em vista, que esta considera diferentes fatores no que diz respeito ao desenvolvimento da pessoa e o meio ambiente em que vive. Esta teoria é dividida em duas grandes partes que, segundo Krebs (2005), são: as propriedades da pessoa numa perspectiva ecológica e os parâmetros do contexto numa abordagem desenvolvimentista.

As propriedades da pessoa, dizem respeito aos atributos biológicos e psicológicos que são determinados, por exemplo, pela genética e a personalidade. Já os parâmetros do contexto, são as propriedades circundantes dos ambientes imediatos aos mais remotos no qual a pessoa vive, por exemplo, a família, a escola, os vizinhos, o bairro, a cidade, dentre outros (COPETTI e KREBS, 2004).

Esta teoria veio sendo aperfeiçoada pelo autor passando por algumas mudanças de paradigmas ao longo das décadas de oitenta e noventa do século XX, assim como sofrendo algumas reformulações nos primeiros anos do século XXI, sendo que atualmente este paradigma centra-se no Modelo Bioecológico, que leva em consideração quatro elementos inter-relacionados, para se estudar o ser humano em desenvolvimento. São eles: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo (PPCT), conforme apresentado na figura 1.

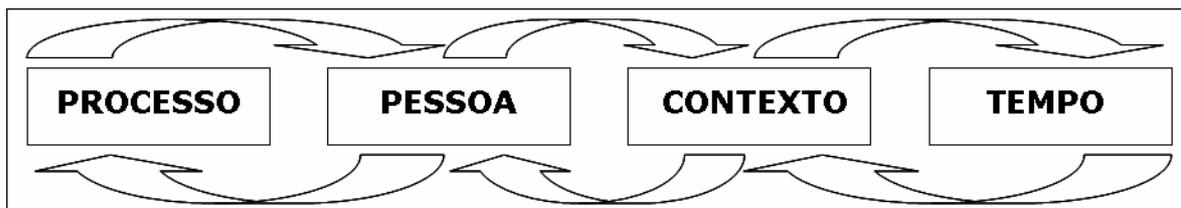


Figura 1: Esquema ilustrativo dos quatro principais elementos do Modelo Bioecológico, que se retroalimentam em ambas as direções.

Copetti e Krebs (2004) salientam que recentemente houve algumas mudanças que foram estabelecidas por Bronfenbrenner em forma de proposições, com o intuito de deixar a estrutura mais dinâmica e complexa, mas sem que haja uma mudança de paradigma. Atualmente alguns pesquisadores se esforçam para dar continuidade aos seus pressupostos teóricos. No Brasil várias pesquisas vêm sendo desenvolvidas com base nesta teoria, com destaque para os trabalhos realizados por Krebs (2005), Sartori (2003), Copetti (2001), Vieira (1999), dentre outros.

### **2.2.1. O Modelo Bioecológico**

Segundo Bronfenbrenner (2005) o Modelo Bioecológico é um sistema teórico que estuda o desenvolvimento humano sobre o tempo, através das continuidades e mudanças nas características biopsicológicas dos seres humanos, tanto no contexto individual como em sociedade, se estendendo por todo curso da vida e através das gerações. O objetivo é a produção de um conhecimento científico mais válido, fornecendo bases para programas sociais e projetos de políticas públicas, de modo que influências desenvolvimentalmente disruptivas possam ser neutralizadas.

O Modelo Bioecológico centra-se nos quatro elementos (PPCT), e eles serão abordados separadamente para sua melhor compreensão, porém, é importante

salientar que estes elementos devem ser tomados em conjunto quando se quer verificar o fenômeno que está sendo estudado (COPETTI e KREBS, 2004). Além disso, nem sempre os elementos do modelo operam no mesmo sentido, sendo outro fator que torna importante sua análise conjunta (BONFENBRENNER, 2005).

Primeiro será analisado o elemento Processo, que ocorre fundamentalmente através dos processos proximais. Em seguida o elemento Pessoa cujos atributos foram subdivididos em três tipos: disposições, recursos e demandas. Na seqüência o elemento Contexto que é formado pelos ambientes que influenciam direta ou indiretamente a pessoa em desenvolvimento (microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema). E finalmente, o elemento Tempo, que é subdividido em micro-tempo, meso-tempo e macro-tempo.

O Processo é caracterizado, segundo Bronfenbrenner (2005), pela interação recíproca e progressivamente mais complexa, entre um organismo humano biopsicológico ativo em desenvolvimento, e o meio ambiente (pessoas, objetos e símbolos) externo imediato, que para ser eficaz deve ocorrer por um período razoavelmente regular de tempo.

Essas interações são denominadas de processos proximais, que são definidas como os motores preliminares do desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 2005). Os processos proximais ocorrem em função das características da pessoa em desenvolvimento, dos ambientes imediatos aos mais remotos, e das continuidades e das mudanças que ocorrem devido ao tempo relativo ao período histórico em que a pessoa viveu (BRONFENBRENNER e EVANS, 2000). Ou seja, os processos proximais dependem fundamentalmente dos outros elementos do modelo (pessoa, contexto e tempo).

O que envolve um processo proximal é uma transferência de energia entre o ser humano em desenvolvimento e o meio ambiente externo imediato (pessoas, objetos e símbolos). Essa transferência de energia pode estar em ambas às direções, ou seja, da pessoa em desenvolvimento para o meio ambiente e do meio ambiente para a pessoa em desenvolvimento, ou então em apenas uma direção; do meio ambiente para a pessoa em desenvolvimento; da pessoa em desenvolvimento para o meio ambiente (BRONFENBRENNER e EVANS, 2000).

As características da pessoa em desenvolvimento são responsáveis por determinar a forma, poder, conteúdo e direção dos processos proximais (COPETTI, 2001). O que leva ao segundo elemento do modelo, a pessoa.

As propriedades da pessoa em desenvolvimento, são atributos que definem sua identidade, levando em consideração que esta pessoa é um ser biopsicológico capaz de influenciar através das disposições, recursos e demandas, o aparecimento e funcionamento dos processos proximais futuros (COPETTI, 2001).

Os três tipos (disposições, recursos e demandas) de atributos pessoais que foram delineados por Bronfenbrenner levam em consideração fatores que podem favorecer ou não o ser humano em seu desenvolvimento.

As disposições podem ser definidas como as forças da pessoa, que são capazes de fazer com que os processos proximais entrem e permaneçam em movimento, ou então, fazer com que estes processos sofram interferência, que sejam retardados, bloqueados, ou até mesmo não ocorram. Bronfenbrenner e Morris (1999) subdividiram estas propensões em desenvolvimentalmente-geradoras e desenvolvimentalmente-disruptivas. As disposições desenvolvimentalmente-geradoras são aquelas que colocam os processos proximais em movimento envolvendo características pessoais como a curiosidade, o empenho em atividades

em grupo ou sozinho, o adiamento de gratificações imediatas e o empenho em perseguir metas em longo prazo.

Em contrapartida as disposições desenvolvimentalmente-disruptivas, são aquelas que fazem com que os processos proximais sejam retardados, bloqueados ou até mesmo não ocorram. Isso faz com que pessoas encontrem dificuldade no empenho de processos que se desenvolvam por período estendido de tempo. Entre as características pessoais está a distração, desatenção, impulsividade, explosividade, indiferença, insegurança, timidez, apatia, e até mesmo agressões e violência. Pessoas que exibem estas propensões têm dificuldade para adiar gratificações, manter o controle sobre as emoções e comportamentos, se interessar pelas pessoas próximas, e manter-se na atividade (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999).

O segundo tipo dos atributos pessoais recebe o nome de recursos, que são segundo Copetti e Krebs (2004) ativos e passivos biopsicológicos que influenciam uma pessoa na sua ocupação com processos proximais e são definidos em duas categorias. A primeira é constituída por recursos que favorecem o surgimento dos processos proximais, e como exemplo pode-se citar as experiências pessoais, os conhecimentos, as destrezas e habilidades, que são definidos como recursos ativos. A segunda categoria ocorre quando fatores funcionais de um organismo limitam ou impedem a possibilidade da pessoa se ocupar de processos proximais. Tais fatores podem ser exemplificados como dificuldades físicas, ocasionada por doenças severas persistentes, danos cerebrais, defeitos genéticos e baixo peso, e são definidos como recursos passivos.

As demandas é o terceiro tipo de atributo pessoal, sendo definida pelos autores como as qualidades que uma pessoa possui, capazes de encorajar ou

desencorajar reações de outras pessoas. Estas reações podem funcionar como forma de estímulo ou inibição no aparecimento de processos proximais futuros. As demandas podem ser subdivididas também em dois grupos. O primeiro é a capacidade que a pessoa em desenvolvimento tem de receber atenção e afeto (demandas geradoras). O segundo é caracterizado pela capacidade desta pessoa em despertar sentimentos negativos e de rejeição (demandas disruptivas).

No modelo bioecológico o estudo dos ambientes em que a pessoa em desenvolvimento participa ativamente, ou então a influenciam, também são de fundamental importância. O terceiro elemento do modelo diz respeito aos contextos no qual a pessoa em desenvolvimento está inserida, ou a influenciam. Bronfenbrenner (1996) destaca que poucos estudos abordam esta questão que é unânime entre os pesquisadores (a influência do meio ambiente no desenvolvimento humano), existindo uma hipertrofia de pesquisas com base apenas nas propriedades da pessoa.

De acordo com o autor, os parâmetros do contexto consistem nos ambientes que a pessoa em desenvolvimento está inserida diretamente, ou então, os outros ambientes que apesar de não conter esta pessoa, podem influenciá-la. O primeiro nível são os microssistemas; que são os ambientes que contém diretamente a pessoa em desenvolvimento, nos quais ela realiza suas atividades, papéis sociais e relações interpessoais. Outro nível é denominado de mesossistema; que é a rede formada pelos vários microssistemas. O exossistema constitui o terceiro nível; e é formado por um ou mais ambientes no qual a pessoa em desenvolvimento não se encontra, mas é capaz de influenciá-la. O último nível é o macrossistema; que é a rede social maior e pode se caracterizar como uma sub-cultura. Deste modo pode-

se dizer que o meio ambiente ecológico é constituído por uma organização de estruturas concêntricas que se encaixam, conforme pode ser visualizado na figura 2.

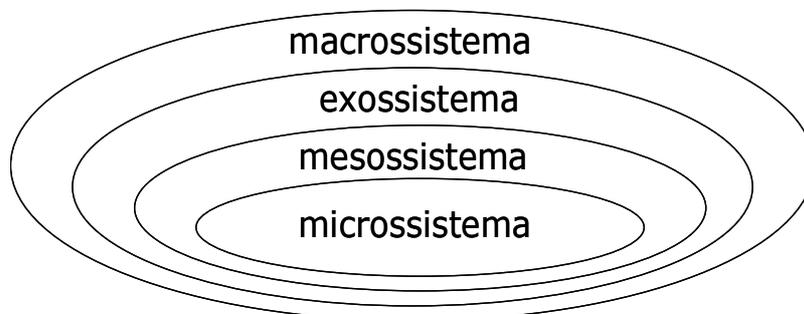


Figura 2: Esquema ilustrativo das estruturas que compõe o elemento Contexto no Modelo Bioecológico, adaptado de Bronfenbrenner (1996).

A primeira estrutura que é denominada microssistemas, comporta alguns elementos ou blocos construtores que são divididos em: atividades, relações interpessoais e papel assumido (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999).

As atividades são formas de comportamento da pessoa dentro dos microssistemas e podem ser molares quando constituem uma manifestação primordial para a pessoa em desenvolvimento, ou moleculares quando estas atividades têm importância mínima, ou um impacto insignificante no que diz respeito ao significado para a pessoa participante (COPETTI E KREBS, 2004).

O segundo elemento que integra os microssistemas, são as relações interpessoais que de acordo com Bronfenbrenner (1996), é o estabelecimento de relações entre duas ou mais pessoas num determinado ambiente. Sendo que uma relação é estabelecida quando ocorre uma díade, que pode ser identificada quando duas pessoas prestam atenção uma na outra, participam de uma atividade conjuntamente, ou quando a pessoa é influenciada por outra, mesmo na sua

ausência. A díade é a condição mínima para se estabelecer uma relação, de modo que elas podem evoluir para estruturas interpessoais maiores, ou seja, envolvendo mais pessoas (tríades, tétrades, e assim por diante).

Segundo Copetti e Krebs (2004), as díades podem assumir três formas funcionais diferentes. A primeira forma é a díade de observação em que uma pessoa presta atenção na atividade do outro de forma continuada e cuidadosa, de modo que a pessoa que está sendo observada deve pelo menos reconhecer que alguém a está observando. Esta díade facilmente evolui para uma forma mais ativa, a díade de atividade conjunta. Esta segunda forma de díade consiste no fato de duas pessoas realizarem alguma coisa juntas. Isso não quer dizer que elas devam estar realizando a mesma atividade, pois estas podem ser complementares. As díades de atividade conjunta subdividem-se em três: reciprocidade, equilíbrio de poder e relações afetivas.

A reciprocidade ocorre quando numa atividade conjunta, o que uma pessoa faz, influencia a outra, e vice-versa. Isso faz com que cada um coordene suas atividades com as do outro. O equilíbrio de poder ocorre quando um dos participantes é mais influente do que o outro. Em algumas situações o equilíbrio de poder é de fundamental importância para que ocorra o desenvolvimento, principalmente quando este equilíbrio se altera gradualmente em favor da pessoa em desenvolvimento, como por exemplo, entre o mestre e o aprendiz (BRONFENBRENNER, 1996).

Já as relações afetivas acontecem, segundo Copetti (2001) quando ocorrem sentimentos mais pronunciados em relação ao outro. Estes sentimentos podem ser positivos, negativos, ambivalentes (quando são positivos em alguns aspectos e

negativos em outro) ou assimétricos (quando uma pessoa gosta da outra, mas não é correspondida).

Estas relações afetivas favorecem a terceira forma de díade, a primária. Para Bronfenbrenner e Morris (1999), este terceiro tipo de díade ocorre fenomenologicamente, pois para ambas as pessoas ela continua existindo mesmo sem a presença da outra. A pessoa continua influenciada pela outra, mesmo na sua ausência. Deve ficar claro que estas três formas de díades podem ocorrer simultaneamente, portanto elas não são mutuamente exclusivas.

Bronfenbrenner (1996) classifica os papéis como o terceiro elemento que compõe um microsistema. O papel pode ser definido como as atividades e relações que a pessoa assume, ou são esperadas dela, em determinado microsistema. Estes papéis são rótulos que determinam uma posição (*status*) em determinada cultura. Eles envolvem tanto expectativas da sociedade em relação ao ocupante deste papel, quanto da pessoa que ocupa o papel frente às expectativas da sociedade consigo mesmo.

A pessoa em desenvolvimento pode participar ativamente de outros microsistemas, formando assim um conjunto de ambientes que para a estrutura que compõe os parâmetros do contexto recebe o nome de mesossistema. Esta estrutura de acordo com Copetti e Krebs (2004) envolve dois ou mais microsistemas no qual a pessoa desenvolve se torna participante ativa e conseqüentemente todos os elementos citados anteriormente (papéis assumidos, atividades e relações interpessoais) ocorrem também, porém, entre as fronteiras dos ambientes.

Ambientes no qual a pessoa em desenvolvimento não participa ativamente podem influenciar também no seu desenvolvimento. Dentro do modelo bioecológico,

esse fenômeno recebe o nome de exossistema e é a terceira estrutura que forma os parâmetros do contexto. Ele é definido por Bronfenbrenner e Morris (1999) como um ou mais ambientes em que a pessoa em desenvolvimento não participa efetivamente, porém, esta pessoa é influenciada por eventos que ocorrem nestes locais.

O mais remoto e abrangente ambiente que também influencia este indivíduo é o macrosistema, representando uma determinada cultura ou sub-cultura, como um determinado bairro da cidade, a própria cidade, uma região, estado ou país, no qual a pessoa vive. Este tipo de influência caracteriza a quarta e última estrutura dos parâmetros do contexto. Deste modo pode-se esperar que o macrosistema apresente diferenças no que diz respeito aos aspectos culturais, mas pode-se admitir que os fatores que integram os microsistemas (papel assumido, atividades e estruturas interpessoais) ocorrem independentemente da cultura ou sub-cultura que está sendo estudada (COPETTI e KREBS, 2004).

Levando em consideração todos estes contextos, como também os atributos pessoais, o quarto e último elemento do modelo bioecológico o tempo, é de fundamental importância para determinar com que frequência e duração os processos proximais ocorreram. Deste modo o elemento tempo para Bronfenbrenner (2005) é um componente de fundamental importância no modelo, tendo em vista que é através de um período de tempo prolongado que se pode mostrar se realmente o desenvolvimento ocorreu.

Para que ocorra um desenvolvimento intelectual, emocional, social e moral devem-se levar em consideração a participação em atividades que sejam progressivamente mais complexas e que ocorram sobre um período prolongado de

tempo, com pessoas com quem o ser humano em desenvolvimento possua um vínculo emocional forte e mútuo (BRONFENBRENNER, 2005).

Outra questão importante é o fato dos papéis que influenciam o desenvolvimento humano se invertem sobre o decorrer da vida. Pois no início são as crianças que se beneficiam do compromisso dos pais no que diz respeito ao seu desenvolvimento, e com o passar dos anos o papel se inverte. São então os pais (idosos) que recebem os cuidados e o amor de seus filhos que agora se encontram na meia-idade. Porém, se não existir dedicação por parte dos pais no começo, poderá não haver dedicação por parte dos filhos na extremidade. Para esse fato, existem ainda poucos dados empíricos, e é introduzido por Bronfenbrenner (2005) como uma hipótese para futuras investigações.

Deste modo pode-se constatar que o tempo é de fundamental importância para os estudos do desenvolvimento humano. Este elemento do modelo é subdividido em três níveis: o micro-tempo, o meso-tempo e o macro-tempo (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999).

O micro-tempo é constituído pela continuidade *versus* a descontinuidade que os processos proximais ocorrem. Bronfenbrenner e Evans (2000) destacam para este nível a duração (em média, durante quanto tempo a exposição ocorre? Qual a duração da seção?), a frequência (com que frequência acontece às seções? De hora em hora, diariamente, semanalmente), e a interrupção (a exposição ocorre em fundamentos previsíveis, ou se interrompe com frequência?).

O meso-tempo apresenta a periodicidade que os processos proximais ocorrem em períodos de tempo maiores, como por exemplo, de um ano para o outro, ou mesmo períodos maiores, como à passagem da infância para a adolescência (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999).

O macro-tempo é a dimensão maior que representa o tempo nos estudos do desenvolvimento humano, e leva em consideração todo o período que a pessoa viveu e a mudança de gerações. Nele três questões são de fundamental importância: a primeira é a localização histórica que a pessoa se encontra, a segunda diz respeito à tomada de consciência de que as transformações biológicas e sociais ocorrem por toda a vida determinando os papéis sociais, e em terceiro o fato do desenvolvimento não afetar somente a pessoa em questão, mas também os membros da família e outros segmentos (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999).

O modelo bioecológico é uma possibilidade de estudo do desenvolvimento humano sobre o tempo que considera a influência cultural, desde as instâncias mais próximas à pessoa em desenvolvimento, até as mais remotas. O quadro 1 mostra uma visualização do Modelo Bioecológico em toda sua extensão, lembrando que é apenas um resumo dos elementos mais importantes, para melhor compreendê-lo.

Quadro 1: Elementos do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner (montado a partir de reflexões sobre a teoria)

Pessoa		Processo	Contexto			Tempo
<b>Disposições:</b> forças da pessoa que influenciam o desenvolvimento futuro.	<b>Desenvolvimentalmente Geradoras:</b> curiosidade, empenho em atividades, adiamento de gratificações, etc.	<b>Processos Proximais</b>  Primeiro mecanismo que produz o Desenvolvimento Humano. Interação entre o organismo e o meio ambiente por um período de tempo capaz de produzir o desenvolvimento humano. Ocorre na interação Processo-Pessoa-Contexto-Tempo.	<b>Microsistema:</b> nível ou ambiente imediato onde o indivíduo está inserido.	<b>Papel Assumido:</b> cada posição do indivíduo dentro da sociedade.		<b>Micro-tempo</b>  Continuidade vs. Descontinuidade dos processos proximais.
	<b>Desenvolvimentalmente Disruptivas:</b> explosividade, agressões, desatenção, insegurança, timidez, apatia, etc.			<b>Atividades:</b> formas de comportamento	<b>Molares:</b> atividades principais para o desenvolvimento da pessoa	
<b>Estruturas Interpessoais:</b> duas ou mais pessoas se relacionando. <b>Diade:</b> relação bidirecional.					<b>Moleculares:</b> atividades complementares	
	<b>Atividade Conjunta:</b> realizar ativ. juntos.			<b>Observação:</b> pessoa percebe que está sendo observada e emite algum sinal.		
				Reciprocidade	Equilíbrio de Poder	
				Relações Afetivas		
<b>Recursos:</b> ativos e passivos biopsicológicos	<b>Condições Ativas:</b> destrezas, habilidades, experiências, etc.	<b>Mesosistema:</b> relações entre dois ou mais desses microsistemas ou contextos.	<b>Meso-tempo</b>	Periodicidade dos processos proximais em tempo maiores. Ex: passagem da infância para adolescência.		
	<b>Condições Passivas:</b> defeitos genéticos, doenças, etc.					
<b>Geradoras:</b> receber atenção ou afeto	<b>Exossistema:</b> ambiente em que a pessoa em desenvolvimento não participa ativamente, mas que apresentam poder de influenciar a sua vida.					<b>Macro-tempo</b>
<b>Disruptivas:</b> despertar sentimentos negativos		<b>Macrossistema:</b> contém o micro- meso- e exossistema, sendo o mais abrangente de todos os sistemas, representando uma sub-cultura ou contexto social maior.				

Estudos vem sendo realizados utilizando-se desta teoria no campo da Educação Física: Coelho (2007) realizou uma pesquisa com o objetivo de investigar as inter-relações de diferentes aspectos do desenvolvimento infantil. Participaram do trabalho 25 crianças com idade entre 7 e 10 anos dentro de um contexto natural, através do paradigma bioecológico de Bronfenbrenner, comparando os resultados com uma situação formal de testagem na habilidade arremessar por cima do ombro. Os resultados mostraram que na testagem tradicional os níveis de desenvolvimento se apresentaram maiores que no contexto lúdico, provavelmente segundo o autor pelo fato da instabilidade neste último.

O autor verificou ainda que o perfil antropométrico estava dentro do esperado e estado nutricional eutrófico. As interações sociais foram apresentadas na forma de díadas, tríadas, tétradas e pntadas, diferentes papéis sociais surgiram (jogador, fugitivo, perseguidor e soldado), as disposições, recursos e demandas estabeleceram fortes relações com o surgimento de processos proximais, e as manifestações emocionais foram de alegria na sua maioria. Com isso, Coelho (2007) considerou as situações vividas no contexto lúdico, positivas para o desenvolvimento do arremessar por cima do ombro das crianças, havendo necessidade de outras pesquisas envolvendo outras habilidades motoras, com um número maior de participantes e com acompanhamento longitudinal.

Sartori (2003) realizou uma pesquisa com objetivo de avaliar o impacto do projeto Esporte Escolar no desenvolvimento de seus participantes na comunidade de São José, estado de Santa Catarina, Brasil. Foram analisadas as atividades e relações interpessoais, assim como a rede social que se forma a partir da inserção de pessoas de acordo com os pressupostos da Teoria Ecológica de Bronfenbrenner.

Foram selecionadas as unidades ambientais: projeto, escola, família e outros ambientes.

O autor usou na coleta de dados entrevista e anedotário. A entrevista foi realizada com 44 crianças com idade entre 10 e 13 anos, que estavam inseridas no projeto esporte escolar; nove famílias, num total de sete pais, oito mães, e uma avó; sete professores, duas diretoras e uma supervisora. A partir dos dados coletados foi criado um mapa ecológico do estudo. Os resultados mostraram que as atividades realizadas despertam disposições fortes para que as crianças permaneçam engajadas no projeto e aumentam a participação em atividades físicas em outros ambientes, mudando e criando novas oportunidades de relacionamentos.

Num outro estudo realizado por Copetti (2001) o objetivo era analisar na perspectiva do Paradigma Bioecológico de Bronfenbrenner, os atributos pessoais (disposições, recursos e demandas) de tenistas com idade entre nove e 18 anos. Foi realizada uma entrevista na forma de questionário fundamentado no paradigma do estudo. A análise das entrevistas centrou-se nas propriedades da pessoa levando-se em consideração os parâmetros do contexto. As disposições evidenciadas foram para iniciar no tênis, permanecer engajado, adiar gratificações imediatas, dentre outras, sendo que estas ocorreram em interação com os parâmetros do contexto, no qual se mostraram mais importantes à família, escola, amigos e clube.

Os recursos foram identificados pelo autor em três grupos: aspectos físicos e motores, cognitivos e perceptuais, e emocionais. As demandas foram percebidas em duas formas: recursos pessoais e disposições comportamentais. De acordo com Copetti (2001), devem ser evidenciados os laços existentes entre as propriedades da pessoa e o contexto desses tenistas, levando-se em consideração a continuidade

ou descontinuidade das manifestações das disposições, recursos e demandas sob investigação.

Estes estudos mostram a aplicabilidade do modelo bioecológico em Pesquisas no campo da Educação Física, em que diferentes aspectos que influenciam no desenvolvimento do ser humano podem ser elucidados para que haja um maior entendimento de como este ocorreu, fazendo com que não somente as propriedades da pessoa sejam elucidadas, mas também os ambientes que favorecem/desfavorecem a ocorrência de processos proximais, possam ser identificados ao longo do tempo.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. Objetivo Geral**

- Avaliar os bailes que ocorrem numa Instituição de Longa Permanência para Idosos, para verificar se este evento favorece a inclusão social de seus participantes, assim como a influência que este tem sobre o seu desenvolvimento.

#### **3.2. Objetivos Específicos**

- Verificar fatores referentes à cidade de Piracicaba como sua economia, número de idosos existentes e quantas instituições responsáveis para atender estas pessoas existem nesta cidade;
- Descrever como é o Lar dos Velinhos de Piracicaba, quais são os critérios para ingressar, como é o local que vive os idosos, sua política de trabalho, dentre outros;
- Observar a procedência dos participantes dos bailes realizados na instituição;
- Verificar como é a visão da administração do Lar sobre este baile e sobre a participação das pessoas (moradores do lar e da comunidade) nesta programação;

- Averiguar como está ocorrendo o desenvolvimento destes idosos que participam do baile, observando quais são as características que favorecem ou não seu desenvolvimento;
- Verificar como ocorrem as relações entre os idosos que não moram na instituição com os idosos moradores durante a realização do baile;
- Identificar quais são as características das pessoas, os ambientes que frequentam e as relações que estabelecem que são capazes de favorecer ou não seu desenvolvimento;
- Verificar a participação destes idosos em atividades de dança ao longo da vida;
- Observar se os bailes realizados na instituição são inclusivos.

## 4. MATERIAL E MÉTODOS

### 4.1. Local do Estudo e Participantes

A pesquisa ocorreu numa Instituição de Longa Permanência para Idosos, denominada Lar dos Velhinhos, na cidade de Piracicaba, estado de São Paulo, Brasil, cuja autorização para realização da mesma, pode ser visualizada no apêndice A.

Participaram deste estudo 63 voluntários, que foram subdivididos em três grupos, sendo:

1. GMI (Grupo de Moradores da Instituição) – 30 pessoas, sendo: 21 mulheres e 9 homens, na faixa etária de 50 a 88 anos, com idade média de 72,6 (dp± 9,6) anos;

2. GV (Grupo de Visitantes) – 30 pessoas, sendo: 14 mulheres e 16 homens, na faixa etária de 50 a 89 anos, com idade média de 68,1 (dp± 10,2) anos;

3. GAS (Grupo de Assistentes Sociais) – 3 mulheres, na faixa etária de 27 a 50 anos, com idade média de 35,0 (dp± 13,0) anos.

Conforme a portaria 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, por tratar-se de uma pesquisa que envolve seres humanos, as pessoas que participaram do estudo foram informadas dos procedimentos e objetivos deste trabalho, de modo que todos assinaram termo de consentimento livre e esclarecido, após serem devidamente informados sobre os objetivos e metodologias deste estudo, conforme modelo no apêndice B. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas Científicas da UNIMEP com o número 44/08 como consta no anexo A.

## 4.2. Metodologia

Os voluntários do GMI e GV frequentavam o baile há pelo menos um ano assiduamente, com exceção do GAS, que foram entrevistadas para que se pudesse entender como um ambiente no qual idosos frequentadores do baile não participavam diretamente (administração da instituição), poderia influenciá-los.

Em relação ao tempo que residem na instituição, os voluntários do GMI responderam entre 01 a 26 anos, com média de 6,7 anos, sendo que 23 residem em pavilhões (enfermarias) e sete em chalés, sozinhos, com a mãe, ou então com o cônjuge. O tempo de frequência aos bailes variou de um a 28 anos, sendo a média desta participação de 6,3 anos. Quanto ao estado civil, 13 eram solteiros, oito viúvos, quatro casados, dois separados, dois desquitados e um divorciado e 16 pessoas declararam ter filhos. Para a questão relativa à escolaridade, três nunca estudaram, sete pessoas fizeram até o primeiro ano do primário, quatro o segundo ano, dois o terceiro, 12 o quarto, um fez o supletivo e um concluiu o ensino universitário. A idade com que estas pessoas pararam de estudar variou de sete a 15 anos, com exceção daquele que concluiu o supletivo (40 anos) e da que concluiu o ensino superior (23 anos), sendo a média do grupo 12 anos.

Já os voluntários do GV, moram em casas localizadas em bairros da cidade, sozinhos, ou com filhos, com o cônjuge, irmã, netos, genro, ou a nora. O tempo de frequência aos bailes variou de um a 30 anos, sendo a média desta participação de 5,5 anos. Quanto ao estado civil, 11 eram casados, nove viúvos, sete divorciados e três solteiros, vinte e cinco pessoas declararam ter filhos. O nível de escolaridade desses foi: dois nunca estudaram, cinco pessoas fizeram até o primeiro ano do primário, um o segundo ano, dois o terceiro, 15 o quarto e cinco fizeram o supletivo. A idade com que estas pessoas pararam de estudar variou de oito a 15 anos, com

exceção das cinco pessoas que fizeram o supletivo (30 a 50 anos), sendo a média do grupo 16,6 anos.

No GAS, o tempo que estas trabalham na instituição variou de dois a nove anos, com média de 5,3 anos e o estado civil foram: solteira, separada e casada. Todas apesar de não participarem com frequência do baile, declararam ir ao evento esporadicamente.

O número total de idosos que estavam presentes nos bailes durante a pesquisa, variou de 49 pessoas no dia e horário em que esteve mais vazio, até 108 no dia e horário em que esteve mais cheio (os dias mais cheios contaram com a participação de jovens universitários que estavam realizando estágio). Em média haviam 72,3 participantes.

#### **4.2.1. Análise documental**

Foram analisados documentos fornecidos pela secretaria da instituição e pelas assistentes sociais, buscando informações factuais a partir de questões ou hipóteses de interesse, conforme propõe Lüdke e André (1986); estes documentos podem ser visualizados no anexo B. Foi observada a história do Lar dos Velinhos de Piracicaba, seus objetivos, funções e serviços oferecidos atualmente, como também, analisado o livro publicado em comemoração ao seu centenário (ALLEONI, 2007), e o site da instituição disponível na *web* (LAR DOS VELINHOS DE PIRACICABA, 2008).

Dados sobre a cidade foram coletados no *site* do “CIAGRI”, da Universidade de São Paulo - Campus Luiz de Queiroz (CIAGRI, 2008) e da ONG Piracicaba 2010, organizada pela sociedade civil de Piracicaba (ONG, 2009). Utilizou-se destas

informações para que o macro-sistema (BRONFENBRENNER, 1996) pudesse ser apresentado, desnudando o universo em que a pesquisa ocorreu.

#### **4.2.2. Observação de campo**

O ambiente onde ocorria os bailes foi observado verificando-se as relações interpessoais estabelecidas, as atividades realizadas, os papéis sociais vivenciados e os atributos pessoais (características de cada pessoa). O eixo temporal permitiu verificar o micro-tempo (frequência que cada pessoa se expõe na atividade) e o meso-tempo (observação no decorrer do ano), como propõe Bronfenbrenner (1996, 2005).

Para isso, um diário de campo foi montado, conforme modelo de Minayo (1996), onde se registrou também, informações sobre dia, hora, local, período de duração e número de pessoas no início e no final dos bailes. A descrição dos sujeitos e do local, as atividades, os eventos ocorridos e os comportamentos, também foram registrados. As anotações não foram realizadas no momento das observações para não despertar a desconfiança do grupo, mas sim aproximadamente dez minutos após o evento para se evitar o esquecimento.

Estas características foram observadas em bailes que são realizados semanalmente pela instituição há 30 anos e tem duração de duas horas, do qual podem participar tanto idosos que moram no local, como também visitantes não institucionalizados.

Foram realizadas ao longo de um ano 18 observações *in locu* deste baile, sendo feitas quinzenalmente nos primeiros e nos últimos três meses e mensalmente do quarto ao nono mês. Sendo que esta técnica tem por objetivo descrever a

percepção do pesquisador frente ao fenômeno que está sendo observado, relatando os elementos significativos da situação (MINAYO, 1996).

#### **4.2.3. Filmagem**

Filmagens destes bailes, realizadas uma antes de iniciada as observações e outra depois de concluídas as mesmas, utilizaram duas câmeras fixas em um tripé a 1,5 metros de altura, situadas em lados opostos de um salão medindo 13,51 x 18,12 metros. As imagens aquisitadas foram transferidas para um computador com o *software* de captura e edição de imagens da *Pinacelle Studio Movie Box 9.4*, que permite a visualização quadro a quadro.

Utilizaram-se estas imagens para identificar de forma minuciosa itens sugeridos por Bronfenbrenner (1996 e 2005) e confrontá-los, através das duas filmagens (meso-tempo): atributos pessoais dos participantes do baile, tanto moradores da instituição, como os da comunidade; inter-relações sociais de díadas, tríadas, tétradas, péntadas, ou com seis ou mais pessoas, tanto na forma de observação, como de participação conjunta. As atividades realizadas pelos participantes também foram observadas, assim como os papéis sociais assumidos.

Com a filmagem, foi montado ainda um sociograma (MATSUDO, 2005). Com isso, tornou-se possível identificar quais foram as pessoas que cada participante do baile se relacionou na forma de observação e de participação conjunta, sendo possível tecer uma comparação ao longo do tempo.

#### **4.2.4. Entrevistas**

Foram realizadas entrevistas de caráter semi-estruturado para observação de outros ambientes onde os participantes do baile estão inseridos, as atividades que

realizam nestes outros ambientes, relações interpessoais, os papéis sociais desempenhados, e atributos pessoais. Também as atividades realizadas ao longo da vida, para verificar o macro-tempo. Para análise serão utilizados os eixos interpretativos sugeridos por Bronfenbrenner (1996, 2005).

As perguntas atenderam aos critérios propostos por Lüdke e André (1986) para pesquisas qualitativas e foram realizadas no horário dos bailes, com o pesquisador e o voluntário se retirando do evento, até um local onde o barulho ou a presença de outras pessoas não pudessem atrapalhar a gravação. As opiniões e as impressões relatadas foram respeitadas, sendo que o pesquisador procurou estimular o fluxo natural das informações, sem que o rumo das respostas fosse para determinada direção, garantindo um clima de confiança entre entrevistador e entrevistado. O roteiro foi elaborado de forma a respeitar uma ordem lógica entre os assuntos, partindo de questões mais simples para as mais complexas, conforme modelo no apêndice C.

Os dados foram registrados através de gravação em um aparelho MP3 da marca Philips modelo SA2325 e transcritos na íntegra. Para a reprodução foi utilizado o programa *Windows Media Player 11*. Posteriormente as entrevistas foram convertidas para linguagem acadêmica para facilitar o entendimento, sem alterar o significado do texto.

As assistentes sociais que trabalham na instituição e aceitaram participar do estudo também concederam entrevista. Com isso, foram verificadas regras do local para com o idoso morador e não morador, possibilidades de atividades para os que vivem na instituição e qual a visão destes funcionários sobre o baile, conforme modelo no apêndice D.

Para a análise destas entrevistas utilizou-se a categoria das propriedades da pessoa (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999), os ambientes, as relações estabelecidas, as atividades realizadas e os papéis sociais (BRONFENBRENNER, 1996) que ocorreram ao longo do tempo (BRONFENBRENNER, 2005).

#### **4.3. Critérios de Inclusão no Estudo**

Todas as pessoas que participaram dos bailes realizados no interior da instituição, foram convidadas a participar e na concordância:

- leram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice B).
- estiveram presentes nos dois eventos onde foram realizadas as filmagens.
- tiveram frequência de pelo menos 70% de participação nos bailes observados.

Concordaram também em participar da pesquisa concedendo entrevistas, as três assistentes sociais que trabalham na instituição, as quais leram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

#### **4.4. Tipo de Pesquisa**

Trata-se de um estudo qualitativo, longitudinal e exploratório, que têm por objetivo segundo Cervo e Bervian (2002) obter novas perspectivas sobre o assunto, descobrir novas idéias, familiarizando-se assim com o fenômeno que está sendo estudado. Este tipo de pesquisa realiza descrições precisas da situação, procurando descobrir relações nos elementos da mesma.

Utiliza como pressupostos teóricos a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 1996, 2005).

#### **4.5. Inserção Ecológica do Pesquisador**

O local onde foi realizado o estudo era desconhecido pelo pesquisador, assim como as pessoas que frequentavam aquele ambiente. Deste modo, as primeiras visitas foram realizadas com o intuito de ganhar a confiança dos idosos, principalmente os que participavam do baile há mais tempo, e os responsáveis pela música. O pesquisador explicou aos voluntários da pesquisa seus objetivos com relação ao trabalho para o curso de mestrado e esclareceu a importância de se entender o máximo possível como ocorria o baile, para que os dados coletados tivessem fidedignidade. Os participantes do estudo se mostraram bastante receptivos e auxiliaram o pesquisador nos primeiros passos de dança, pois segundo eles, para entender como o baile funcionava, era preciso participar do mesmo e conseqüentemente aprender a dançar.

#### **4.6. Questões de Estudo**

O estudo irá procurar responder os seguintes questionamentos:

- Como é a cidade de Piracicaba? Quantos idosos nela residem, e quantas instituições são responsáveis por atender estas pessoas?
- Como é o Lar dos Velinhos de Piracicaba? Quais são os critérios para receber o idoso? Em quais locais residem os idosos que moram nesta instituição?
- Quem são os moradores da instituição e as pessoas externas ao lar que participam do baile realizado pelo Lar dos Velinhos?
- Como a instituição vê os bailes realizados em suas dependências, semanalmente?

- Quais são as atividades, os atributos pessoais, as relações sociais estabelecidas, que ocorrem no baile realizado pelo Lar dos Velinhos e influenciam o desenvolvimento de seus participantes?
- Como ocorrem as relações entre os moradores e não moradores da instituição?
- Quais são as características das pessoas que vão ao baile e quais outros ambientes costumam frequentar?
- Como foi a participação destes idosos em atividades de dança ao longo de sua história de vida?
- Os bailes realizados na instituição favorecem a seus moradores a vivência de papéis sociais, relações inter-pessoais e desempenho de atributos pessoais?

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **5.1. Caracterização do Universo da Pesquisa: o macrossistema**

O macrossistema pode ser entendido como determinada cultura ou sub-cultura da qual a pessoa em desenvolvimento está inserida (BRONFENBRENNER, 1996). No presente estudo, a cidade de Piracicaba e o Lar dos Velhinhos de Piracicaba, situados no estado de São Paulo, Brasil, com suas peculiaridades podem ser entendidos como essa cultura e sub-cultura capazes de influenciar os sujeitos desta pesquisa.

O município de Piracicaba é um importante pólo regional de desenvolvimento industrial e agrícola, situada numa das regiões mais industrializadas e produtivas de todo estado de São Paulo, Brasil. Como a situação econômica do município é estável, a instalação de grandes indústrias se encontra favorecida. O complexo industrial é formado por mais de cinco mil indústrias destacando-se o setor metalúrgico, mecânico, têxtil, alimentício e petroquímico. A baixa rotatividade de emprego e a presença de atividades sindicais não radicalizadas são outros aspectos positivos da cidade. O segmento comercial, junto com a prestação de serviços as necessidades da população e de empresas locais faz de Piracicaba um centro importante de referência regional nestes aspectos (CIAGRI, 2008).

A população estimada é de 358.108 habitantes segundo dados do IBGE (2007). Os dados do Instituto mostram ainda que o número de pessoas com 60 anos ou mais é de 32.309 habitantes. Algumas organizações da cidade se preocupam em estimular a convivência social dos idosos, através das atividades de lazer, cultura, esportes e turismo. Dentre estas estão: o Serviço Social do Comércio (SESC), o Serviço Social da Indústria (SESI), a União dos Núcleos da Boa Idade de Piracicaba

(UNIBIP) e a Associação dos Grupos da Terceira Idade de Piracicaba (AGETIP), entidade esta, com 19 grupos em vários bairros da cidade e aproximadamente 3.000 associados (ONG, 2009).

Duas Instituições de ensino superior da cidade realizam o programa Universidade Aberta para a Terceira Idade, com 980 alunos. O poder público oferece dentre outros benefícios, descontos ou isenção do IPTU, gratuidade para uso do ônibus urbano e campanhas periódicas de vacinação gratuita contra várias infecções, como gripe, pneumonia e tétano. Para atender aqueles que necessitam de moradia, a cidade conta com três instituições geriátricas, sendo uma particular e duas conveniadas com o poder público. Destas últimas, uma é denominada Lar dos Velhinhos de Piracicaba (ONG, 2009).

Esta instituição foi fundada no ano de 1906 com o nome de Asilo de Velhice e Mendicidade por Pedro Alexandrino de Almeida. O espaço físico era de oito alqueires nos arredores da cidade num lugar chamado Chácara das Jabuticabeiras. Em 1917, as Irmãs Franciscanas da Congregação do Coração de Maria passaram a conduzir a rotina da casa. Entre os anos de 1951 e 1957 o asilo passou a se chamar Lar dos Velhinhos de Piracicaba. Ao longo dos anos foram construídos diversos pavilhões, chalés, capela, refeitório, dentre outros locais para assistir os internos. No ano de 2006 a instituição completou seu centenário. A atual gestão conceitua o Lar como Cidade Geriátrica (ALLEONI, 2007).

O Lar dos Velhinhos de Piracicaba é uma entidade com fins filantrópicos registrada no Conselho Nacional de Serviço Social. Sua estrutura é composta por uma capela, oito pavilhões, 129 chalés, lavanderia, fraldário, oficina de manutenção, refeitório, salão de festas, bazar, sala de fisioterapia, enfermaria, piscina, almoxarifado, gruta, portaria, prédio administrativo (recepção, setor de psicologia,

serviço social, dispensa de medicação, recursos humanos, sala do presidente, dentre outros), coreto, viveiro e estacionamento (LAR DOS VELHINHOS DE PIRACICABA, 2008).

Para manter tal estrutura o Lar conta com 142 funcionários registrados, além de vários voluntários e estagiários que atuam na instituição. O número total de idosos abrigados é 407 (233 mulheres e 174 homens), subdivididos da seguinte forma: pavilhão Lula e Lili com 65 e 36 abrigados respectivamente (o primeiro é destinado às idosas que possuem dependência e o segundo as que na sua maioria possuem alguma limitação, mas são independentes); os pavilhões Guidotti I, Guidotti II e Coelho com 40, 44 e 12 abrigados respectivamente (os dois primeiros são destinados a idosos dependentes e o último para os independentes). O pavilhão Vargas abriga 30 idosos e os pavilhões Madalena e Pedro Alexandrino 20 cada (pavilhões para idosos de ambos os sexos que possuem independência ou dependentes que podem pagar por acompanhantes). Nos chalés vivem 140 idosos que contam com acompanhantes particulares quando são dependentes (ANEXO B).

O relatório fornecido pelas assistentes sociais mostra os serviços prestados pela instituição: atendimento as necessidades básicas dos idosos, alimentação, moradia, vestuário, enfermagem, saúde preventiva, acupuntura, fisioterapia e hidroterapia, serviço social, psicologia, artesanato, recreação e alfabetização. Serviços médicos preventivos e odontológicos são efetuados por profissionais voluntários (ANEXO B).

Um dos objetivos primordiais da instituição, segundo o relatório, é acolher e propiciar condições humanas de vida ao idoso e reintegrá-lo á comunidade. A população do Lar é subdividida em dois grupos: o primeiro é dos idosos extremamente carentes, com atendimento integral em regime asilar; o segundo são

os contribuintes residentes em chalés e apartamentos, que usufruem de benefícios (moradia, segurança e manutenção). Parte dos recursos gerados pela contribuição deste segundo grupo é usada para o atendimento dos idosos mais carentes. As solicitações de vagas são atendidas baseadas no estatuto da própria instituição, que prevê ressalvas com relação a: pessoas com doenças infecto-contagiosas, dependentes químicos, portadores de grave debilidade psíquica ou mental e pessoas com menos de 60 anos (salvo por motivo de velhice precoce).

Todo este universo que diz respeito à instituição é conduzido por uma administração, da qual os idosos não participam, porém, podem influenciá-los diretamente, se constituindo como um exossistema (BRONFENBRENNER, 1996), que será explorado a seguir, no discurso de algumas pessoas que trabalham neste local.

## **5.2. O Discurso da Administração da Instituição: o exossistema**

Com o discurso das assistentes sociais (AS) que trabalham na instituição, pode-se observar questões que dizem respeito a um ambiente no qual os idosos institucionalizados e as pessoas visitantes no baile, não participam diretamente, mas pode influenciá-los, se constituindo num exossistema, como propõe Bronfenbrenner (1996).

Todas declararam ter boa relação com os moradores da instituição, disseram ainda que pessoas da comunidade participam de outras atividades no lar, além do baile, fato não costumeiramente encontrado em outras Instituições de Longa Permanência para Idosos, que normalmente não oferecem nenhum tipo de atividade para moradores da comunidade local (CREUTZBERG et al., 2007). Como em outras pesquisas (YAMAMOTO e DIOGO, 2002) relataram que existem horários pré-

definidos para as atividades dos idosos dentro da instituição. Segue as falas para exemplificar estas ocorrências:

“Minha relação é de muito respeito e procurando resgatar a cidadania deles” (AS-2).

“Acho que tenho uma boa relação [...] conheço todos os idosos pelo nome e a vida de praticamente todos” (AS-1).

“Minha relação é bem tranquila. Quando ocorrem alguns problemas envolvendo os moradores, normalmente é por causa das famílias que vêm aqui para trazer problemas de fora da instituição e este idoso não pode estar gerenciando estes problemas, pois ele vive um mundo a parte” (AS-3).

“Pessoas que moram fora do lar participam do clube do vinil que acontece no sábado pela manhã, também vem um grupo de voluntários que tocam músicas antigas e pessoas de fora podem participar. Outras atividades como artesanato, a recreação, a hidroterapia e a fisioterapia, são somente para moradores” (AS-2).

“As atividades geralmente acontecem no período da uma até às quatro da tarde. Para que elas sejam feitas em outros horários, só se for dentro do pavilhão, pois existe uma resistência por parte dos idosos” (AS-1).

“Eles têm o horário das refeições, principalmente quem mora nos pavilhões, nos chalés não. O café da manhã é às sete horas, o almoço as onze, o café da tarde a uma e meia, o jantar começa a partir das quatro e meia e o café da noite às seis e meia. Eles costumam dormir por volta das oito horas, e por volta das cinco da manhã já está todo mundo acordado [...] mas de um modo geral são as refeições e os medicamentos que têm os horários certos e a gente procura fazer com que eles sigam” (AS-2).

Para definir onde o idoso vai morar, elas relataram que é realizada uma triagem de saúde e sócio-econômica, sendo comum em outras instituições uma separação dependente do estado de saúde, como encontraram Yamamoto e Diogo (2002), todavia, a separação por condição sócio-econômica, parece haver nesta

instituição pesquisada, pelo fato de existirem chalés, onde o custo de moradia é elevado, não comum em outras instituições.

“Todo o idoso ou a família dele, que venha solicitar uma vaga passam por um processo de triagem, para que possamos analisar o perfil deste idoso. Por exemplo, vem um idoso debilitado que quer viver em um chalé e ter uma vida totalmente independente. Neste caso, estaremos indicando um apartamento, pois lá ele terá assistência vinte e quatro horas. Existe também o perfil sócio-econômico. Esta triagem vai estabelecer onde este idoso vai morar” (AS-3).

Dentre as atividades que a instituição oferece aos idosos, estão: baile, bingo, artesanato, clube do vinil, recreação, bilhar, hidroterapia e fisioterapia. As atividades que os idosos costumam realizar no dia-a-dia, são estas já relatadas, e também: assistir televisão, participar do programa de alfabetização, fazer acupuntura, consultar com a psicóloga, trabalhar no bazar, fazer crochê e ajudar na cozinha. Geralmente as Instituições de Longa Permanência para Idosos não oferecem o número de atividades aqui relatadas, sendo que em algumas, elas inexistem (DAVIM et al., 2004), mesmo assim, percebe-se a necessidade de um maior número daquelas fisicamente ativas. Segue a fala de uma pessoa, para exemplificar esta ocorrência:

“A hidroginástica ocorre todos os dias, a recreacionista que faz atividades no pavilhão com as cadeirantes, o bingo, o artesanato, o bilhar. Não temos uma coisa muito completa aqui, mas tentamos fazer o possível [...] existe também a acupuntura, a psicologia, os estagiários que faz durante a semana grupinhos com elas. A psicóloga está iniciando um trabalho de grupo também” (AS-1).

Quanto ao lugar que os idosos da instituição podem frequentar, o acesso é livre dentro do lar, porém, quanto ao acesso aos locais fora da instituição, existem alguns horários e regras a serem cumpridas, no entanto, apenas pelos idosos que moram nos pavilhões, tendo em vista que existem muitos que não são capazes de

gerenciar independentemente sua saída. Para os residentes em chalés, a saída é livre e isenta de regras. Diferentemente da instituição pesquisada, estudos mostram que são raras as que autorizam que o idoso possa sair, permitindo que levem uma vida independente e autônoma, como mostraram Perlini, Leite e Furini (2007).

“Dentro da instituição o idoso é livre para andar onde quiser, não é porque ele mora num pavilhão que ele não pode ir para um outro, ou que ele não possa ir para um chalé. Não há diferenciação, aqui dentro é livre. Para estar saindo do lar, o idoso tem que ser lúcido, ele tem que andar. Eu não posso deixar ele preso, eles tem uma saída livre. Existem apenas algumas regrinhas, por exemplo, se o idoso sai, bebe e briga aqui dentro quando voltar. Neste caso a gente liga para a família e diz que o idoso bebeu e vai ficar uma semana sem sair. Assim, quando o idoso puder sair, ele vai valorizar, mas a saída é livre, pois somente aqueles que não têm a capacidade de estar gerenciando a própria saída, deverão sair apenas acompanhados da família ou de um funcionário” (AS-3).

“Esse lar começou como um asilo de mendicância e depois que virou cidade geriátrica, com isso houve umas mudanças porque começou a ter dois grupos distintos, os idosos que moram nos pavilhões e têm uma regra mais fixa com relação aos horários, e os moradores de chalé que residem dentro do lar, mas é como se eles morassem fora, eles têm uma vida mais ativa [...] Para as pessoas de fora respeitar o idoso no silêncio do horário noturno [...] para os que vêm de fora nós temos horário de visita que é de quinta-feira e domingo, das duas às quatro da tarde. No chalé a entrada é livre [...] Existem exceções quando famílias que moram fora e ligam dizendo que estão precisando passar aqui [...] torna-se importante apenas nos avisar com antecedência, porque tem horário de medicação, de banho, e se abrimos visita o dia todo não dá para fazer essas coisas [...] assim, se o idoso é dependente e mora num quarto sozinho, ele precisa ter uma pessoa que cuide dele [...] para os que estão em pavilhões, existe uma equipe maior de funcionários, pois existem mais idosos morando juntos ali. Nos chalés existem vários idosos que estão muito bem, alguns com mais de oitenta anos e dirigindo normalmente. Os que são dependentes têm acompanhante para ficar oito horas, alguns com acompanhante vinte e quatro horas” (AS-1).

Para os visitantes, existem normas com relação aos horários de visita, para não fazerem barulho no período noturno, e para falarem de coisas boas aos idosos, fato comumente encontrado em outros estudos, de que as instituições tentam afastar os idosos de problemas que ocorrem externamente (ARAÚJO, COUTINHO e SANTOS, 2006). Porém, muitos idosos mesmo vivendo em uma instituição, se encontram em plena condição de poderem participar de forma ativa de decisões que envolvam, por exemplo, a sua família. Segue a fala de uma AS para exemplificar esta situação:

“Quanto aos visitantes, a gente pede para que eles falem coisas boas com os idosos. Também pedimos para eles não trazerem problemas. Porque o maior problema que nós enfrentamos hoje aqui é a família ou amigos que trazem problemas e vão embora. Depois disso o idoso fica aqui com aquele problema que ele não consegue resolver. Nós fazemos reuniões constantemente com as famílias, e em especial com algumas que sempre acontecem problemas para estar sempre comentando isso. Em alguns casos a gente até acompanha as visitas para inibir um pouco isso” (AS-2).

Todas as assistentes sociais declararam já terem participado do baile. Quanto à opinião sobre este evento, duas fizeram referência à importância da interação do GMI com o GV, e uma declarou ser um momento de descontração. Sobre a participação do GV durante os bailes, duas disseram ser importante, e uma relatou que existem alguns problemas, mas que no geral é bom. Na pesquisa realizada por Creutzberg et al. (2007) ficou evidente a importância de manter o idoso institucionalizado em contato com a comunidade e com a família, sendo que eventos como este baile, podem proporcionar tais encontros, fundamentais para o desenvolvimento destas pessoas.

“Eu já participei bastante do baile, porém atualmente fico mais retirada porque existem muitos afazeres que me deixam sobrecarregada. Na minha visão, este baile é muito bom porque trás a comunidade para o lar, existe a preocupação para que tenha este relacionamento, para que os moradores do lar que não podem sair, não fiquem confinados, pois os cadeirantes vão ao baile, sendo uma porta aberta para este relacionamento, o que eu já não vejo em outras instituições. Eu considero muito importante este relacionamento. Eu vejo no dia-a-dia a espera pelo bailinho da quinta-feira, e quando é quaresma, eles ficam muito ansiosos porque não tem baile. Acho que é uma coisa que a gente não consegue falar que vai acabar, porque se fosse pelo comportamento das irmãs. Elas acham que é um pouco de barulho e incomoda, mas para nós vence a maioria. Eu acho que tem que permanecer, pois até o espaço nós estamos tentando ampliar para fazer uma coisa melhor, com mais som. Acho que nós não podemos parar mesmo” (AS-1).

“Já participei e dancei algumas vezes [...] é um momento de descontração mesmo, eles vão e dançam, até mesmo aqueles que são cadeirantes” (AS-2).

“Acho que deveria até ter mais bailes, porque muitos idosos não têm a oportunidade de estar saindo daqui, porque muitos são cadeirantes e não tem como estarmos levando no baile da terceira idade que acontece fora daqui. Deste modo, fica muito complicada a locomoção destas pessoas, por isso acho o baile muito importante” (AS-3).

“Eu acho muito interessante porque a gente vê todas aquelas pessoas de fora aqui na quinta-feira e percebe que é um dia esperado não só pelos nossos moradores, como também pelas pessoas de fora. Até pelos músicos que vêm voluntariamente. É uma coisa que eles gostam mesmo” (AS-2).

“São dois pontos. Às vezes tenho alguns problemas com relação às pessoas que vêm ao baile achando que é como aqueles da terceira idade fora daqui. Os moradores do lar, nós falamos que eles já estão numa quarta idade, estão mais lentos. Então às vezes isso dá algum problema, mas que é resolvido. Eu acho muito bom, nós gostamos desse pessoal e por enquanto não tivemos problemas sérios de relacionamento” (AS-1).

A oportunidade oferecida por esta instituição (baile), não é comum em outros locais (ARAÚJO, COUTINHO e SANTOS, 2006; DAVIM et al., 2004), que acabam

privando o idoso de um maior contato com pessoas da comunidade local e até mesmo com outros idosos da própria instituição. Olhar como ocorre este baile, as possibilidades de socialização, desenvolvimento de papéis sociais e atributos pessoais que oferece, ajudarão a entender a importância destes eventos em Instituições de Longa Permanência para Idosos. A seguir, serão apresentadas informações colhidas ao longo de um ano nos bailes realizados pela instituição pesquisada.

### **5.3. Interação Social no Baile: o microssistema**

De maneira geral, as observações *in locu* do evento mostraram que o mesmo tem a seguinte estrutura: as danças duram aproximadamente cinco minutos e todas as vezes que terminam, os casais que estavam dançando se sentam e após 30 segundos aproximadamente uma nova música começa a ser tocada e novos casais são formados. No momento da dança, os casais giram em sentido anti-horário, perfazendo o formato de um círculo.

Os nove músicos que lá tocam realizam este trabalho de forma voluntária e pertencem ao GV, sendo que esporadicamente duas pessoas do GMI participam desta atividade, um tocando pandeiro e o outro uma sanfona. Os instrumentos utilizados pelo grupo são: violão, surdo, pandeiro, sanfona e triângulo. Os ritmos que são tocados lembram as músicas mais antigas e variam entre valsa, samba, forró, arrastapé, vanerão, xote, bolero, rancheira, dentre outros.

Estes estilos musicais, a forma de dançar em círculo e os instrumentos utilizados pelo grupo são característicos de bailes que eram realizados em sítios, fazendas, ou na casa das pessoas. Este “formato” de evento mostra que a cultura vivenciada em épocas anteriores se mantém presente entre os participantes do

baile, o que pode ocorrer porque algumas pessoas que inauguraram estas atividades há 30 anos atrás ainda se encontram presentes. Preservar esta cultura em atividades de dança para pessoas idosas pode ser um fator importante para que se mantenham na atividade, como foi verificado no estudo de Lima e Vieira (2007).

A maior parte das pessoas do GMI utilizam-se de próteses ou órteses (cadeira de rodas, andador, bengala) e algumas possuem demências. No início do evento estas pessoas são conduzidas até o salão por uma voluntária (a que tem 50 anos do GMI); esporadicamente outros voluntários ou estagiários de serviço de saúde da instituição também auxiliam nesta locomoção. No final do baile estes idosos são levados até seus pavilhões por estas pessoas.

Durante as observações, no momento em que havia mais participantes dançando foram formados 18 casais. As duplas que efetivamente dançavam eram compostas quase exclusivamente por pessoas do GV. Os pertencentes ao GMI ficavam, na maioria das vezes, apenas olhando para os demais presentes na expectativa de que alguém os convidasse para dançar. Foi curioso verificar que eram quase sempre as mesmas pessoas que dançavam, trocando somente de parceiro a cada música e também quase sempre as mesmas que somente assistiam, constituindo claramente dois grupos distintos. Mesmo ao longo do tempo essa “barreira” existente entre os grupos não foi quebrada.

O número de relações interpessoais estabelecidas pelo GV foi sempre maior às verificadas entre o GMI. Enquanto para estes, estas relações gradativamente diminuía ao longo do tempo, para aqueles ocorria o contrário, elas aumentavam. O fato dos participantes do GMI estabelecerem cada vez menos relações sociais no decorrer dos bailes, acabou por limitar a realização de atividades por algumas destas pessoas, fazendo com que papéis sociais deixassem de ser vivenciados

(BRONFENBRENNER, 1996), além de favorecer o processo de segregação social. Como no estudo de Araújo, Coutinho e Santos (2006) o confinamento sócio afetivo a que são relegados estes idosos, pode ser responsável por gerar esse distanciamento, com poucas possibilidades de um convívio social ativo, eles tendem a apresentar menor habilidade nas relações sociais.

O número de relações interpessoais que envolveram apenas a observação entre as pessoas durante a primeira filmagem, foi para o GMI e o GV respectivamente: 48 e 70 díadas, 21 e 27 tríadas, cinco e 13 tétradas, uma e oito péntadas e uma e quatro relações envolvendo seis ou mais pessoas. Na segunda filmagem estes mesmos dados foram: 43 e 81 díadas, 16 e 35 tríadas, quatro e 17 tétradas, uma e sete péntadas e uma e seis relações envolvendo seis ou mais pessoas.

Para as relações interpessoais em que as pessoas realizaram atividade conjunta na primeira filmagem, o número para o GMI e o GV foi respectivamente: 100 e 148 díadas, 37 e 52 tríadas, 11 e 27 tétradas, seis e 15 péntadas e quatro e dez relações envolvendo seis ou mais pessoas. Na segunda filmagem estes mesmos dados foram: 78 e 184 díadas, 28 e 73 tríadas, nove e 29 tétradas, cinco e 18 péntadas e cinco e 13 relações envolvendo seis ou mais pessoas.

Assim, foi possível perceber que tanto na forma de apenas observar, quanto na de realizar uma atividade conjunta, as relações interpessoais do GMI foram menos freqüentes que a do GV. Quando as relações envolviam mais pessoas (tétradas, péntadas e com seis ou mais pessoas), essa diferença era ainda maior, o que de acordo com Bronfenbrenner (2005) poderia explicar a existência de vínculos afetivos mais fortes entre os participantes do GV.

Com a montagem do sociograma foi possível identificar as relações sociais existentes isoladamente em cada grupo e entre os grupos. Nesta análise não foi considerado separadamente o número de sujeitos envolvidos (díadas, tríadas...), mas somente o total de relações. O número de vezes que ocorreram relações interpessoais em que as pessoas apenas se observaram, na primeira e segunda filmagem foi respectivamente: 54 e 45 somente entre o GMI; 99 e 114 somente entre o GV; e 45 e 52 envolvendo o GMI com o GV; e nas atividades de participação conjunta, na primeira e segunda filmagem, respectivamente os dados foram: 122 e 97 somente entre o GMI; 210 e 254 envolvendo somente o GV; e 78 e 91 envolvendo o GMI com o GV.

Percebe-se que houve uma diminuição no número de relações interpessoais da primeira para a segunda filmagem, entre os participantes do GMI; entre as pessoas do GV estas relações aumentaram e nas interações envolvendo o GMI e o GV também houve aumento, porém mais discreto. Isto mostra que os participantes do GMI passaram a se relacionar menos ao longo do tempo. No decorrer das visitas pode-se perceber que algumas destas pessoas deixaram de realizar atividades e consequentemente não se relacionavam mais. Foi possível identificar três pessoas do GMI que durante todas as visitas não se relacionaram com nenhuma pessoa, tanto na forma de apenas observar a outra, como na realização de uma atividade conjunta. Outras três pessoas do GMI também passaram a não se inter-relacionar em ambas as formas ao longo do tempo.

As considerações feitas por Davim et al. (2004) e Creutzberg et al. (2007) sobre o convívio social de idosos em instituições levam a pensar que os participantes do GMI diminuíram a frequência e intensidade de seus relacionamentos sociais, devido ao confinamento provocado pela vida dentro destes

locais. Estas características podem sugerir que está ocorrendo uma segregação gradativa, que tende a aumentar com o passar do tempo, conforme relato de Cuddy, Norton e Fiske (2005). Isto pode ser ainda mais evidenciado, se for considerado que muitos dos participantes de ambos os grupos, estão neste baile a mais de cinco anos juntos e ainda não realizam díadas de participação conjunta.

Outro fator que pode ter influência na formação de relações interpessoais é a condição clínica da pessoa. Entre os participantes do GMI havia idosos com limitações físicas que os impediam de realizar as atividades de maneira convencional, como nos achados de Andrew, Mitnitski e Rockwood (2008) onde idosos que apresentam maiores limitações no estado de saúde, aumentam a sua vulnerabilidade social. Entretanto, percebe-se também que não houve entre as pessoas do GV iniciativas para realizarem adaptações nas atividades do baile, para que os mais debilitados fisicamente pudessem também participar, exceção feita para o caso onde um voluntário, empurrava a cadeira de rodas de alguns idosos ao longo do círculo formado nos momentos da dança.

Como mostraram Cassou et al. (2008), existem barreiras para a prática de atividades físicas que dependem de fatores biológicos, demográficos, psicológicos e cognitivos, sendo que entre idosos as principais referem-se à má condição de saúde, medo de lesões, cansaço e falta de habilidades. Estas condições encontradas no GMI diminuem a participação ativa destas pessoas no baile, sendo necessário que adaptações nestas atividades sejam feitas para que estas barreiras sejam diminuídas.

Entre as adaptações que poderiam ser feitas estão as que se referem às habilidades necessárias para dançar, sendo que os idosos com dificuldade de locomoção ou muito cansaço, poderiam, por exemplo, dançar sentados, realizando

movimentos segmentares e contato de olho com o parceiro e com os outros participantes do baile, o que possibilitaria a manifestação de demandas geradoras e recursos pessoais ativos (BONFENBRENNER e MORRIS, 1999). Para os usuários de cadeira de rodas, técnicas simples de manejo da cadeira, tanto para o idoso quanto para quem quisesse auxiliá-lo a se deslocar, poderiam trazer novas formas de participação na dança, que não fosse apenas empurrar/ser empurrado pelo espaço, contribuindo para mudança do signo e do significado deste implemento e facilitando a formação de díadas (TOLOCKA e FERREIRA, 2006).

Essas relações interpessoais estabelecidas entre as pessoas durante as participações nos bailes, não dizem respeito somente ao momento da dança, pois outras atividades são realizadas com frequência neste evento, como conversar, tocar instrumento, observar, empurrar pessoas em cadeira de rodas, buscar algo para beber/comer ou para oferecer a outros. Alguns realizaram apenas uma destas atividades no decorrer dos bailes, outros realizaram várias delas, até mesmo num único baile, podendo assim considerar-se estas atividades como molares (significativas) quando a pessoa despendia grande interesse pela mesma em diferentes bailes, ao longo do tempo (BRONFENBRENNER, 2005).

Sendo assim, a atividade dançar foi classificada como molar para 11 (36,6%) pessoas do GMI e 21 (70%) do GV. Participar de rodas de conversa foi molar para 16 (53,3%) do GMI e 28 (93,3%) do GV. Ficar apenas assistindo o baile todo ou parcialmente, se mostrou uma atividade importante para 28 (93,3%) do GMI e 29 (96,6%) do GV. Tocar algum instrumento musical foi molar para dois (6,6%) participantes do GMI e nove (30%) do GV. Apenas uma (3,3%) pessoa do GMI e uma (3,3%) do GV demonstraram ser significativo o fato de empurrarem uma cadeira de rodas. Oferecer comida ou bebida para os outros, foi uma atividade

realizada por várias pessoas, porém, se caracterizou como molar apenas para uma (3,3%) participante do GMI que durante todos os bailes serviam as pessoas que tinham dificuldades para se locomover.

Verificou-se que algumas destas atividades permitiram uma maior aproximação entre as pessoas, possibilitando que relações interpessoais pudessem ocorrer, principalmente quando os participantes apresentaram atividades molares (BRONFENBRENNER, 1996) de dançar, conversar e tocar um instrumento musical.

Estas atividades se refletiram no papel social que elas ocuparam perante aos outros (BRONFENBRENNER, 1996). Durante os bailes, estes papéis foram: dançarino(a), espectador(a), músico e voluntário(a) sendo que uma mesma pessoa pode ter vivenciado mais de um papel social neste ambiente. Ao longo do tempo foi possível verificar a mudança de alguns destes papéis, como o de dançarino que deixou de ser vivenciado por três pessoas do GMI (dois trocaram este papel social pelo de espectador e um pelo de músico) e passou a ser vivenciado por uma pessoa do GV. No primeiro caso, essas pessoas apresentaram ao longo do tempo limitações na locomoção e equilíbrio que os impediam de dançar, no segundo caso, a pessoa do GV adquiriu habilidade para a dança.

As pessoas que devido a limitações físicas, deixavam de participar das atividades do baile e de vivenciar papéis sociais acabavam por ficar isoladas. No caso do idoso pertencente ao GMI, que começou a tocar com o grupo musical depois que não conseguiu mais dançar, as relações interpessoais se mantiveram e até mesmo aumentaram em alguns dias. Isso mostra que além das adaptações que podem ser feitas, os idosos do GMI, podem dentro de suas habilidades particulares, realizarem outras atividades, garantido que as relações interpessoais não acabem,

pois de acordo com Bronfenbrenner (2005) ter um papel definido dentro do ambiente é fator fundamental para que estas relações ocorram.

O número de participantes que assumiram cada um destes papéis sociais na primeira e segunda filmagem é apresentado na tabela 1.

Tabela 1 – Frequência de papéis sociais vivenciados nos dois grupos no decorrer das filmagens dos bailes.

<b><i>Papel social</i></b>	<b><i>GMI</i></b>		<b><i>GV</i></b>	
	<b><i>1ª filmagem n (%)</i></b>	<b><i>2ª filmagem n (%)</i></b>	<b><i>1ª filmagem n (%)</i></b>	<b><i>2ª filmagem n (%)</i></b>
Dançarino(a)	14 (46,6)	11 (36,6)	22 (73,3)	23 (76,6)
Espectador(a)	28 (93,3)	30 (100)	29 (96,6)	30 (100)
Músico	1 (3,3)	2 (6,6)	9 (30)	9 (30)
Voluntário(a)	2 (6,6)	2 (6,6)	2 (6,6)	2 (6,6)

Percebe-se que muitos do GMI vivenciaram apenas o papel social de espectador, entre os do GV, além deste papel, apresentaram também, na sua maioria, o papel de dançarino e quase um terço, vivenciou o de músico. Isso contribuiu para o estabelecimento de inter-relações sociais entre as pessoas do GV. Segundo Bronfenbrenner (2005) pessoas que tem a oportunidade de experienciar diferentes papéis sociais, aumentam as oportunidades para estabelecerem relações interpessoais.

Ir ao baile mesmo que seja apenas para assistir, pode propiciar possibilidades de conhecer pessoas e formar novos vínculos de amizade, contudo, foi notável ao longo do tempo, que aqueles participantes que vivenciaram papéis sociais como dançarinos e músicos, acabavam ganhando uma maior atenção e admiração dos demais. Isso vem de encontro com a proposta de Bronfenbrenner (2005) de que alguns papéis vivenciados podem favorecer a ocorrência de mais relações interpessoais em detrimento de outros.

Para a vivência de um papel social, as características de cada pessoa são determinantes (BRONFENBRENNER, 1996). Nos atributos pessoais, pode-se verificar que os participantes do baile ao longo do tempo, apresentaram na sua maioria algum tipo de disposição geradora, como conversar, tocar algum instrumento, convidar pessoas para dançar e aceitar convites. Mesmo os mais debilitados geralmente aceitavam dançar quando convidados, o que para Bronfenbrenner e Evans (2000) favorece a ocorrência de processos proximais e aumentam as chances para que relações interpessoais ocorram.

As disposições disruptivas como não aceitar convites para dançar, ou então não realizar nenhum tipo de atividade, foram identificadas em poucas pessoas do GV. A maior parte dos participantes que apresentaram estas características era do GMI, sendo que com o decorrer do tempo alguns idosos que no início não faziam parte desta categoria passaram a enquadrar-se nela, pois deixaram de realizar atividades durante os bailes. Isso ocorreu porque um atributo pessoal pode influenciar outro (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999). Ao apresentarem ao longo do tempo incapacidades físicas (recursos passivos), estes idosos deixaram de ter disposições geradoras para as atividades realizadas no baile.

Vários participantes do GMI apresentaram desde o início da pesquisa recursos passivos, como falta de habilidade para a dança e dificuldade para se locomover ou para se equilibrar, sendo que no decorrer do tempo, outros idosos passaram a apresentar estas limitações. Como mostraram Araújo e Ceolim (2007) limitações físicas em idosos institucionalizados são alterações típicas com o decorrer do tempo, potencializando a vulnerabilidade social deste grupo.

Os recursos ativos foram evidenciados na sua maioria entre os participantes do GV, como habilidade com instrumento musical e para dançar. Ao contrário do que

ocorreu entre aqueles do GMI, um participante do GV adquiriu ao longo dos bailes habilidades para dançar. Esse recurso se mostrou importante para ser convidado ou ter sucesso ao convidar um parceiro para as atividades de dança, favorecendo a ocorrência de processos proximais (BRONFENBRENNER e EVANS, 2000).

As demandas geradoras como simpatia, bom humor, comunicação verbal e gestual foram identificadas em quase todas as pessoas do GV, com exceção de um que se mostrou apático durante todo o período analisado. Entre os participantes do GMI, demandas disruptivas como apatia ou mau humor, foram verificadas no início da coleta de dados em nove pessoas, porém, ao longo das visitas, mais quatro passaram a se enquadrar nesta categoria. Com isso, este tipo de característica estava presente em quase metade do GMI nas últimas visitas, o que fez com que as pessoas não se aproximassem com frequência destes idosos, contribuindo para um maior isolamento destes no evento (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999).

Possibilitar suporte aos idosos do GMI para que eles possam desenvolver habilidades sociais (CARNEIRO e FALCONE, 2004), poderá ajudá-los a se inter-relacionarem com mais frequência, tendo em vista que no âmbito da institucionalização acabam tendo poucas vivências que possam ajudar a evitar a segregação da qual estão sujeitos. Todavia, não se pode esquecer também, que o GV necessita propiciar oportunidades para que as relações ocorram, já que responsabilizar apenas o idoso institucionalizado pelo seu isolamento, seria tirar do restante da sociedade um encargo do qual são responsáveis (THEOBALD, 2005).

A tabela 2 mostra o número de pessoas em cada atributo pessoal encontrado na primeira e segunda filmagem dentro do seu grupo. É importante destacar que a mesma pessoa pode ter apresentado mais de um atributo pessoal na mesma

categoria, como aceitar convite para dançar e conversar, por exemplo, dentro das disposições geradoras.

Tabela 2 – Número de pessoas do GMI e do GV em cada atributo pessoal durante as filmagens dos bailes.

<i>Atributos pessoais</i>	<i>GMI</i>		<i>GV</i>	
	<i>1º Vídeo n (%)</i>	<i>2º Vídeo n (%)</i>	<i>1º Vídeo n (%)</i>	<i>2º Vídeo n (%)</i>
<i>Disposições geradoras</i>				
Aceitar dançar	13 (43,3)	10 (33,3)	14 (46,6)	11 (36,6)
Convidar para dançar	6 (20)	3 (10)	16 (53,3)	19 (63,3)
Conversar	20 (66,6)	18 (60)	28 (93,3)	29 (96,6)
Tocar instrumento	1 (3,3)	2 (6,6)	9 (30)	9 (30)
<i>Disposições disruptivas</i>				
Não aceitar dançar	3 (10)	3 (10)	-	1 (3,3)
Não realizar atividades	6 (20)	9 (30)	1 (3,3)	1 (3,3)
<i>Recursos Ativos</i>				
Ter hab. instrumento musical	1 (3,3)	2 (6,6)	9 (30)	9 (30)
Ter habilidade para dança	9 (30)	7 (23,3)	22 (73,3)	23 (76,6)
<i>Recursos passivos</i>				
Ter dificuldade de locomoção	11 (36,6)	13 (43,3)	2 (6,6)	2 (6,6)
Ter dificult. para se equilibrar	11 (36,6)	13 (43,3)	1 (3,3)	1 (3,3)
Ter falta de hab. de dança	10 (33,3)	10 (33,3)	3 (10)	2 (6,6)
<i>Demandas geradoras</i>				
Ser simpático	11 (36,6)	11 (36,6)	16 (53,3)	15 (50)
Ser bem humorado	10 (33,3)	10 (33,3)	19 (63,3)	20 (66,6)
Ter comunicação verbal	17 (56,6)	13 (43,3)	25 (83,3)	25 (83,3)
Ter comunicação gestual	8 (26,6)	6 (20)	15 (50)	16 (53,3)
<i>Demandas disruptivas</i>				
Ser apático	6 (20)	10 (33,3)	1 (3,3)	1 (3,3)
Ser mal humorado	3 (10)	3 (10)	-	-

Estes dados ajudam a esclarecer somente em parte o fato das relações interpessoais que envolveram o GMI terem ocorrido com menor frequência. Colocar em discussão apenas que os institucionalizados apresentaram um maior número de atributos pessoais no pólo passivo e por isso tiveram uma menor frequência nas relações pessoais, seria desconsiderar que estas pessoas sofrem com a marginalização e o preconceito da sociedade (CROME e NATARAJAN, 2004).

As Instituições de Longa Permanência para idosos são consideradas historicamente como abrigos responsáveis por acolher aqueles que estão marginalizados, remetendo a um sentimento de piedade por parte dos membros da sociedade. Assim, o GV ao invés de considerarem as diferenças existentes e proporem adaptações às condições do GMI, acabava demonstrando apenas gestos sentimentalistas que não traziam uma efetiva contribuição para a superação dos preconceitos existentes, que será possível somente através de atitudes críticas que visem à superação das diferenças (CARMO, 2005).

Foi possível perceber que os participantes do GV ao se disporem a ir num baile realizado dentro de uma instituição para idosos, estavam fazendo-o não somente devido à atividade de dança que deve lhes proporcionar algum prazer, mas também, pelo fato de estarem realizando um gesto caridoso, de ajuda àquelas pessoas que não têm mais tantas oportunidades de convívio social. No entanto, ao encontrarem seus pares no baile, o GV acabava se relacionando pouco com as pessoas do GMI. Esse tipo de comportamento para com os marginalizados não foi um achado isolado, Carmo (1991), já tratou com propriedade desta ocorrência que é típica da sociedade.

Este evento poderia ser usado para que uma discussão crítica com relação à igualdade social pudesse ocorrer, mas para isso, seria necessário que as pessoas do GV percebessem os institucionalizados como sujeitos historicamente discriminados, reconhecendo as diferenças existentes e se mobilizando para proporcionar uma participação efetiva deste grupo, respeitando a diversidade humana (CARMO, 2005).

Se assim fosse feito, estas atitudes poderiam se expandir para além dos bailes, atingindo cada vez mais membros da sociedade, sendo uma possibilidade de

integração das pessoas que se encontram à margem social, como é o caso dos participantes do GMI. Torna-se necessário repensar como estes bailes são realizados, para que, as oportunidades dadas às pessoas que dele participam, sejam igualitárias.

Estudos como os de Theobald (2005) que buscou identificar países da Europa que proporcionam inclusão social de idosos, devem ser realizados também no continente Sul-Americano, para que modelos como o da Irlanda do Norte, que distribui a responsabilidade social numa abordagem universal, possam ser seguidos, rumo a uma sociedade inclusiva.

Para que se pudesse entender como foi a história da dança ao longo da vida dos participantes deste baile, eles foram indagados a este respeito, revelando desde quando começaram, as influências que sofreram, até os dias atuais, descrevendo a sua participação neste tipo de atividade, como será visto a seguir.

#### **5.4. A Dança em Diferentes Períodos da Vida: do macro ao micro-tempo**

O elemento tempo é fator primordial para entender como o desenvolvimento ocorreu (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999). O macro-tempo foi analisado através do relato dos moradores da instituição (M) e dos visitantes (V), sobre períodos-chave da vida com relação a atividades relacionadas com a dança.

Várias pessoas relataram que dançavam na juventude, sendo 21 dentre os participantes do GMI e 25 do GV. Quando estes participantes foram indagados como era dançar antigamente, 26 fizeram referências a bailes realizados nos sítios, oito na casa das pessoas, sete em fazendas e cinco em usinas. A maioria destes participantes disse que só podiam ir com familiares e que havia muito respeito por parte de todos, como no discurso de idosas pesquisadas por Leal e Haas (2006) no

qual ficou evidente a rigidez das famílias e o respeito que existia antigamente. Estas ocorrências podem ser verificadas nas falas a seguir:

“[...] minha família morava num sítio onde tinha bailes, meu pai ia junto comigo e meus irmãos, quando tinha casamento também” (M-16).

“O sítio que a gente tinha, fazia parte de uma fazenda, e lá havia um salão, então dançávamos das oito horas da noite até a seis horas da manhã, ao som de sanfona e pandeiro” (V-1).

“[...] comecei a frequentar bailes com os meus familiares, dançar naquela época era muito gostoso, ficávamos a noite toda, era na casa das pessoas [...]” (M-29).

“[...] naquela época os bailes eram dentro das casas, as pessoas convidavam a família toda para participar, eles faziam um puxadinho de sapê e dançávamos a noite inteirinha e depois o dono da casa convidava as pessoas para tomar café pela manhã, o respeito era muito grande” (V-6).

“[...] os bailes ocorriam numa fazenda que nós morávamos, se a mulher não aceitasse dançar com algum homem que a convidasse, ela não podia dançar aquela música com mais nenhuma pessoa, todos tinham muito respeito” (V-11).

“[...] comecei participando de bailes familiares, era tudo com muito respeito, eles ocorriam em uma usina” (M-25).

Como se pode ver, o discurso dos entrevistados mostrou que a participação em bailes ocorre desde a juventude, revelando a importância desta atividade para estas pessoas, além da influência de familiares para começar a participar de eventos de dança. Para Bronfenbrenner e Morris (1999) manter-se numa mesma atividade por um período prolongado de tempo, como é o caso da maioria destas pessoas entrevistadas, ocorre pelo fato dela apresentar forças que fazem com que se mantenha na mesma, em forma de disposições geradoras.

Outro fator a ser considerado nesta questão são as inter-relações sociais que podem determinar a permanência nesta atividade. No caso destas pessoas os

relatos deixam transparecer que a família em muitos casos, foi a grande responsável para que começassem a participar e permanecessem nos eventos relacionados a dança. Bronfenbrenner (2005) considera os vínculos familiares fundamentais para o desenvolvimento da pessoa, capaz de influenciá-la ao longo de todo o período de sua existência e através das gerações.

Além de familiares algumas pessoas relataram outros motivos para começarem a participar de bailes, como a influência de colegas ou amigos, porque achava bonito, era o trabalho que realizava, gostava de música, queria praticar um exercício físico, ou gostava de uma pessoa que dançava, como nas falas que seguem:

“Era o divertimento que tinha no sítio. Era muito gostoso, resolvi começar por causa das minhas colegas que já dançavam” (M-9).

“Foi por causa do circo, eu era artista e tinha que fazer meu serviço” (M-27).

“Foi por causa do meu namorado, ele sabia dançar e nós íamos aos bailes, então tive que aprender para poder acompanhar ele” (V-24).

“Porque queria começar a fazer algum exercício e gostava de ver as pessoas dançando” (V-22).

Os motivos apontados por estes participantes mostram que na maioria dos casos eles adquiriram disposições para começar a dançar, devido ao significado que a atividade passou a ter (trabalho e atividade física), ao longo do tempo, tornando-se significativa para a pessoa (molar), fazendo com que permanecesse nela ao longo do tempo (BRONFENBRENNER, 1996).

Nos outros casos os vínculos afetivos que influenciaram estas pessoas a iniciarem na participação de bailes não foram referentes à família, mas a outras pessoas, como amigos e namorado. De acordo com Bronfenbrenner (1996) quando

ocorrem díades de atividade conjunta, ou primária, na qual os relacionamentos se tornam mais intensos, uma pessoa passa a influenciar a outra; sendo que no segundo caso, isso ocorre mesmo na ausência de uma delas.

Os participantes do baile declararam que as pessoas da época que frequentavam estes eventos, tinham muito respeito, gostavam e achavam bonito. Uma pessoa do GMI fez referência às pessoas que recriminavam os que dançavam, como no estudo de d'Alencar et al. (2006) que revelou o discurso de idosos que eram superprotegidos e vigiados por familiares em atividades de dança. A fala dos participantes mostra essa ocorrência:

“Todos gostavam, mas eu me lembro que havia muito respeito, a família ia junto aos bailes para ficar vigiando” (V-2).

“Gostavam dos bailes, mas qualquer coisa errada a família censurava, não podia fazer nada de errado, muitos parentes religiosos me recriminavam” (M-24).

Quando indagados sobre o que mudou daquela época para os dias atuais, dentre os participantes do GMI, quatro disseram que nada mudou, seis fizeram referências a características pessoais, como diminuição da habilidade e aspectos relacionados à saúde e 20 relataram mudanças que ocorreram relacionadas à dança, como as músicas e o respeito que havia antigamente.

Das pessoas do GV, três disseram que nada mudou, quatro se referiram a características pessoais, como maior habilidade para a dança, ou diminuição desta habilidade e os outros fizeram referência a mudanças relacionadas à dança, música e o respeito que havia antigamente. Estas percepções de mudanças são bem particulares e evidenciadas em algumas pesquisas com idosos, como o declínio do

estado de saúde, ou mudança na ordem social (LIMA-COSTA et al., 2007; ALVES e RODRIGUES, 2005).

“A música mudou, antigamente era bem diferente, tocavam muitas músicas bonitas, mas agora é só isso aí [...]” (M-13).

“Antigamente os bailes eram em família, com respeito, com amor, agora mudou tudo, não existe mais isso” (M-24).

“Agora eu estou velho, mas a mente não mudou. Eu trabalhava de humorista, cheguei até a fazer papel de palhaço e mágico, mas agora estou velho, porém, meu espírito é o mesmo, mas não consigo mais uma parceira para dançar, porque as moças não gostam de velho” (M-27).

“A única coisa que mudou em minha opinião, foi o fato de eu ter aprendido a dançar melhor e danço razoavelmente bem atualmente, mas de resto não mudou nada” (V-8).

“Agora tem salão, existe mais conforto, na minha época as pessoas dançavam descalças no chão de terra” (V-16).

Todos os idosos que participam do baile há menos tempo (de um até dez anos) declararam que não houve mudanças significativas durante o tempo em que participam. Porém, aqueles que estavam há mais de tempo no evento (de 10 até 15 anos), relataram algumas mudanças, como o dia da semana que era realizado antigamente. Os idosos que estavam desde os primeiros bailes, há 30 anos atrás, foram os que deram as informações mais precisas de como o evento se desenvolveu ao longo do tempo, pois para estas pessoas, o baile já corresponde a um macro-tempo (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999):

“Já faz trinta anos que eu venho no lar trazer pessoas para tocar instrumento para os idosos. No início o baile ocorria em frente ao velho pavilhão, depois passou para embaixo de uma árvore, numa outra época parou de ter baile e vinham alguns músicos aos domingos e por fim o baile passou a ser feito no

refeitório da instituição, como é ainda hoje, mas já estão planejando mudar novamente para um outro lugar” (V-42).

“Eu tocava sanfona em baixo de uma figueira grande e antiga. Muitas pessoas ficavam em volta com cadeira de rodas, pois gostavam da música. Toquei muitos anos em baixo desta árvore, somente depois é que comecei a tocar no refeitório. Naquela época havia dois senhores que eu deixava tocar a minha sanfona um pouco, mas isso já faz quase trinta anos. O baile ficou melhor nos últimos quinze anos, quando mudamos para o salão” (V-37).

Algumas pessoas disseram receber o incentivo de outras para ir ao baile. Destes, nove eram do GMI e declararam ser incentivados pelos funcionários da instituição ou colegas do lar e 15 do GV, que relataram receber incentivo de familiares ou pessoas ligadas à administração da instituição. Receber estes incentivos se torna importante, pois se transformam de certa forma, numa disposição geradora (BRONFENBRENNER, 2005). Os exemplos a seguir, mostram esta ocorrência:

“Recebo bastante incentivo das pessoas que trabalham aqui e também dos velhinhos que vivem aqui, basta eu ficar uma quinta-feira sem vir ao baile que na outra semana todos me perguntam por que faltei e dizem que faço falta aqui” (V-5).

“Os meus filhos me incentivam muito, dizendo que tenho que sair e me divertir. Eles falam para eu não ficar atrás de trabalho, pois quando eu estou contente, eles ficam três vezes mais contentes” (V-1).

“Tem uma mulher que trabalha aqui e sempre fala pra mim, vamos lá ver o bailinho” (M-15).

Grande parte dos entrevistados possui pessoas da família que dançam, contribuindo para a ocorrência de disposições geradoras e conseqüentemente, para a permanência na atividade (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999). Foram citados os pais, cônjuge, irmãos, filhos, genro, nora e netos, com exceção de cinco

peças do GMI e oito do GV que relataram não haver pessoas que dançam na família. Segue a fala de alguns:

“Tenho duas irmãs que gostam de dançar, minha mãe também dançava, inclusive ela chegou a dançar nos bailes aqui no lar com oitenta anos de idade, ela dançou muito aqui, mas agora por motivo de saúde ela não pode vir mais” (V-30).

“Toda a minha família gosta de dançar, apenas meu marido não dançava e também meus filhos não dançam. Minha filha, meus irmãos e meus pais dançavam muito. Quando meu marido era vivo eu não dançava, pois ele não gostava de dançar” (M-13).

“Eu e meu marido dançávamos muito, mas ele já faleceu e meu pai dançava muito também” (M-22).

Entre aqueles que declararam que não costumam dançar no baile, estavam 14 participantes do GMI e dois do GV. Com relação aos primeiros os motivos relatados foram: dores nas pernas, gostar apenas de assistir, dores no joelho, nunca aprendeu a dançar, morte do cônjuge, a família sempre reprimiu e porque as mulheres não gostam de velhos. Os motivos alegados pelos participantes do GV foram: nunca aprendeu a dançar e proibição médica, devido arritmia cardíaca.

Estes motivos revelam uma série de fatores, como o papel assumido pela pessoa durante o baile, seja o de dançarino ou espectador, disposições ou demandas disruptivas para começar a dançar e a falta de recursos, como a condição de saúde; todos estes fatores atrapalham a ocorrência de processos proximais. Ou seja, quando estas pessoas apresentam atributos pessoais no pólo passivo, atividades deixam de serem realizadas e com isso, papéis sociais mais ativos como o de músico ou dançarino não são vivenciados, fazendo com que as relações interpessoais ocorram numa menor frequência. (BRONFENBRENNER, 2005; BRONFENBRENNER e EVANS, 2000; BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999).

“[...] vou até lá apenas para ouvir a música, minhas pernas não ajudam. Fiz uma operação faz pouco tempo, ainda sinto muitas dores” (M-4).

“Não gosto de dançar, tenho prazer em ficar assistindo, só danço em quadrilha quando tem festa junina” (M-8).

“Eu não procurei aprender a dançar, desde criança minha vida foi sempre uma agitação, sempre trabalhei, depois casei logo e vieram os filhos” (M-15).

“[...] faz muitos anos que eu parei de dançar, minha mãe nunca gostou que eu saísse, minha família era muito religiosa e eles me recriminavam, agora eu estou mais retraída, mais tímida” (M-25).

“Quando eu era mais moço, dançava muito, mas agora não danço mais, porque estou velho e as mulheres não querem saber de velhos” (M-27).

“Antigamente eu dançava muito, mas agora não posso mais porque tenho arritmia cardíaca e posso parar no hospital, como já aconteceu uma vez” (V-18).

Entre as pessoas do GMI que dançam quando vai aos bailes, a frequência com que fazem essa atividade varia de duas até cinco músicas para a maioria das pessoas. Dentre os participantes do GV várias pessoas declararam dançar quase todas as músicas, mostrando que no micro-tempo (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999) a frequência com que este grupo se expõe a atividade de dança é mais constante:

“Sempre que vou ao baile, danço pelo menos umas quatro ou cinco músicas” (M-3).

“Num baile eu dançaria todas se pudesse, mas eu fico mais é observando. Antigamente vinham mais pessoas de fora, mas pelo menos umas duas músicas eu sempre danço” (M-16).

“Danço todas as músicas se for possível, e faço isso porque existem várias senhoras que moram aqui nos pavilhões e

frequentam os bailes que precisam que alguém as convide para dançar” (V-5).

“[...] num baile não paro uma música, danço todas” (V-16).

Apenas quatro pessoas do GMI declararam dançar em outros locais, enquanto entre os do GV, metade participa de outros bailes. Uma pessoa do GMI dança esporadicamente em bailes de casamento, outro, quando a voluntária da instituição leva para fazer apresentações e dois disseram frequentar a mais de dez anos um baile realizado todos os domingos numa associação, sendo que estes dois últimos são moradores de chalé, que possuem autonomia para saírem da instituição a qualquer hora do dia.

Dentre os participantes do GV quatro pessoas disseram dançar em outros locais esporadicamente, como em festas de família e outras 15 dançam com uma frequência que varia de toda semana, até uma vez por mês, em bailes realizados por clubes, sindicatos ou associações, sendo que dentre estes a média de tempo que já frequentam estes outros locais é de 7,9 anos. Isso mostra que pessoas deste grupo são influenciadas por outros ambientes no contexto da dança (BRONFENBRENNER, 1996), além de se exporem a esta atividade com uma frequência bem maior que o GMI, como exemplificado a seguir:

“[...] só em festa de família, está tendo muitos casamentos, aí eu danço, mas em baile eu não vou desde que separei do meu marido” (M-6).

“Todos os domingos eu danço nos bailes da terceira idade, já faz quinze anos que vou lá” (M-29).

“Danço num clube aqui da cidade que tem baile para a terceira idade, vou lá a cada quinze dias, já faz uns cinco anos” (V-22).

“Faz um ano que danço em outros locais, nas terças, sextas e domingos” (V-6).

Quase todos os entrevistados já precisaram faltar do baile por algum motivo durante o tempo em que frequentam, com exceção de seis pessoas do GMI e três do GV. Os motivos alegados pelos participantes do GMI foram: estar sem vontade, por estar recebendo ou fazendo visita a alguém, doença, fisioterapia, médico, passeio, morou um tempo fora do lar, ninguém convidava para dançar, trabalho e outros compromissos. Estas ausências variaram de apenas uma semana, até três meses.

As pessoas do GV alegaram os seguintes motivos para não irem por algum tempo no baile: doenças, trabalho, viagens, fazer ou receber visitas, mudou de cidade e outros compromissos. A maioria das pessoas faltou por períodos que variaram de uma quinta até cinco meses, porém, as pessoas V-1, V-30 e V-2, ficaram ausentes do baile por períodos maiores, de um, quatro e cinco anos respectivamente. Em ambos os grupos a participação se mostra constante, contribuindo para a ocorrência de processos proximais (BRONFENBRENNER, 2005), sendo poucas as ausências e justificadas por afazeres que realmente impedem a ida ao evento, com exceção de duas pessoas do GMI que relataram não terem vontade de ir alguns dias.

“Só deixei de ir uma ou outra quinta, por não estar com vontade, do contrário, sempre quando escuto a música começar vou ao baile” (M-1).

“Tem semana que eu não vou, quando tenho compromisso, mas que eu fiquei mais tempo sem ir, foi quando morei fora do lar por três meses” (M-15).

“Fiquei aproximadamente de cinco a seis anos sem vir, numa época que não tinha baile toda semana, ocorriam somente algumas vezes” (V-2).

“Uma época que eu mudei de cidade, precisei ficar quatro anos sem vir, mas agora que voltei a morar aqui perto, venho sempre” (V-30).

Algumas pessoas disseram que precisam de ajuda para chegarem ao baile, dois participantes do GMI fizeram referência a uma voluntária (M-6) que sempre as auxiliam e outras três pessoas relataram dificuldades devido a recursos passivos (BRONFENBRENNER, 2005), mas que conseguem chegar ao baile sem ajuda. No GV, quatro pessoas disseram depender de irmãos ou filhos para chegarem ao evento, como nos discursos a seguir:

“[...] a professora me ajuda a chegar ao baile” (M-10).

“A professora, às vezes me ajuda a ir ao baile, mas algumas vezes consigo ir sozinha” (V-18).

“Eu venho ao baile sozinha empurrando minha cadeira de rodas. Antes eu tinha acompanhante, mas faz uns dois meses que ela foi embora [...]” (M-4).

“Não posso vir a pé, pois não agüento, então venho com minha irmã que tem carro” (V-18).

“Sempre é um dos meus filhos que me trás, é muito longe e não agüento vir a pé [...]” (V-27).

Ao serem perguntados sobre o que uma pessoa precisa ter para poder dançar, 15 participantes do GMI e oito do GV fizeram referência a disposições, como ter vontade, coragem e não ter vergonha para convidar as pessoas (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999), 12 pessoas do GMI e 13 do GV declararam que a pessoa precisa ter recursos, como habilidade para a dança e não ser deficiente e três participantes do GMI e nove do GV se reportaram as demandas, como demonstrar alegria e simpatia (BRONFENBRENNER, 2005); segue a fala de alguns:

“Não pode ter vergonha do que os outros pensam, do que os outros vão achar, tem que liberar mesmo, soltar os movimentos, se mexer, porque a grande dificuldade nossa, ou até uma dificuldade que eu tinha, era de se expor, com medo do que outros vão pensar, e isso é uma coisa que eu brigo muito, não importa o que os outros vão pensar, o importante é estar se sentindo bem” (M-6).

“Para dançar aqui no lar não precisa ter nada, qualquer um pode, estando do jeito que estiver à pessoa dança, [...] agora, é preciso estar com a perna boa e ter boa influência para dançar, por exemplo, uma pessoa na cadeira de rodas não pode dançar, mas pode assistir” (M-27).

“A pessoa precisa ser alegre, quem é fechado, carrancudo, não vai dançar” (V-18).

Quando foram perguntados se achavam que possuíam o que uma pessoa precisa ter para dançar, 16 pessoas do GMI e seis do GV responderam negativamente, todos os outros disseram que possuíam as qualidades necessárias para a dança, fazendo sempre referência às disposições, recursos e demandas (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999), no entanto, a maioria se reportou aos recursos. Os declínios no estado de saúde típicos em idosos parecem ser os grandes responsáveis pelas limitações nesta fase da vida, principalmente entre aqueles que vivem institucionalizados, como foi observado no estudo de Freire Júnior e Tavares (2006).

As limitações referidas pelo GMI foram: vergonha, dores nas pernas, artrose nos joelhos, falta de agilidade, não saber dançar, visão comprometida e dores na coluna. Entre as pessoas do GV as limitações foram: falta de habilidade para a dança, vergonha, arritmia cardíaca, cansaço, artrite nos joelhos, osteoporose nas pernas, dores nas pernas, nos joelhos, no quadril e na coluna. A seguir a fala de algumas destas pessoas:

“A perna já não aguenta mais nada, a minha visão também já não é a mesma, sou cego de um olho” (M-21).

“A minha vergonha atrapalha, se estiver entre familiares posso até dançar por causa do ambiente, mas em baile eu não danço mais” (M-25).

“Atualmente tenho arritmia cardíaca e não posso mais dançar, senão estaria dançando todas, antigamente eu dançava tanto, quando toca valsa eu chego a chorar” (V-18).

“A vergonha atrapalha um pouco, mas eu tenho respeito [...]” (V-21).

Declararam que não são convidados para dançar durante os bailes oito idosos do GMI e uma pessoa do GV. Os motivos que estas pessoas se referiram para esta ocorrência foram sempre a ausência de recursos (BRONFENBRENNER, 2005), como: não saber dançar, falta de habilidade para a dança e a falta de condições clínicas; pelo participante do GV foi devido a uma cirurgia sofrida nas pernas que o impedia de dançar.

“As pessoas não convidam porque elas vêem que eu estou de bengala” (M-9).

“Não, nunca ninguém convidou, eles me vêem na cadeira de rodas e sabem que não danço” (M-4).

“Não, até hoje nuca me convidaram para dançar, porque eles sabem que não posso nem caminhar direito, quanto mais dançar” (V-4).

Entre aqueles que são convidados para dançar, 12 pessoas do GMI disseram que aceitam sempre, sete que nunca aceitam, duas somente se for o cônjuge, duas se não estiverem sentindo dores, uma disse não aceitar somente se a pessoa estiver bêbada e uma outra que participa do evento num caráter de voluntariado,

disse aceitar somente se posteriormente a pessoa que a convidou, dançar uma música com alguma senhora moradora dos pavilhões.

Para o GV 17 pessoas declararam que aceitam dançar sempre, três disseram que somente não aceitam se estiverem cansadas ou com dores, outras três se a pessoa não estiver bêbada, dois integrantes do grupo musical se não estiverem tocando, uma outra pessoa só aceita se for com o cônjuge e outro somente se a pessoa que convida tiver habilidade para a dança. A frequência com que às pessoas do GMI e do GV disseram que são convidados para dançar variou de uma música até quase todas.

Estas ocorrências mostram que de uma forma geral, as pessoas possuem disposições geradoras quando convidadas para dançar, pois aceitam um convite sem fazer objeções, existindo uma grande variação na quantidade de vezes que são convidadas (micro-tempo) por alguém (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1999). Seguem as falas de alguns:

“Sim, danço quase todas as músicas e eu sempre aceito quando me convidam” (M-05).

“Sim, muito, mas tem um trato, se um homem me convida para dançar eu digo que ele é obrigado a dançar com uma das minhas meninas, ou não danço (risos), eu aceito nesta condição, tem que dançar com aquela velhinha que eu escolher, é uma condição (risos)” (M-06).

“Já convidaram, mas eu não aceitei, mas quase não me convidam, eles sabem que eu não danço” (M-17).

“Atualmente as pessoas não me convidam para dançar, porque vou ao baile com o meu marido e só aceito quando ele me convida para dançar [...]” (M-30).

“[...] não falta quem me convide para dançar. Se não tiver bêbado eu aceito” (V-01).

“As mulheres sempre me convidam pelo menos umas quatro músicas e só não aceito se estiver cansado” (V-19).

“[...] umas duas ou três num baile sempre me convidam, às vezes eu aceito, algumas vezes eu estou tocando aí não dá para aceitar” (V-21).

Declararam que nunca convidam ninguém para dançar, 19 participantes do GMI e quatro do GV. Percebe-se uma iniciativa maior por parte do GV em convidar pessoas para dançar, fazendo com que essa disposição geradora potencialize a ocorrência de processos proximais entre as pessoas deste grupo (BRONFENBRENNER e EVANS, 2000).

Entre os do GMI que convidam, oito disseram que as pessoas sempre aceitam e três que algumas vezes não aceitam. Dentre os participantes do GV 23 relataram que as pessoas sempre aceitam seus convites e três que algumas vezes não aceitam. A frequência com que o GMI convidam pessoas para dançar varia de uma até cinco músicas e entre o GV de uma até quase todas. A fala dos participantes exemplifica esta ocorrência:

“A única pessoa que eu convido para dançar é um senhor que nunca ninguém convida e ele sempre aceita dançar comigo, todo baile eu faço isso” (M-03).

“É claro que convido, tem que tirar as damas, pelo menos umas duas. Até hoje ninguém recusou (risos), por enquanto” (M-07).

“[...] convido até mesmo se a idosa estiver numa cadeira de rodas, convido todas estas que moram nos pavilhões, o baile todo eu estou convidando e elas sempre aceitam” (V-05).

“Eu tenho vergonha de convidar, apenas quando é uma pessoa conhecida. Geralmente não convido ninguém, mas quando convido a maioria aceita, apenas uma vez um homem recusou, aí fiquei com vergonha” (V-11).

Dentre os entrevistados, 14 pessoas do GMI e 23 do GV disseram já terem recebido elogio durante os bailes; seis do GMI declararam receber sempre, sete pessoas esporadicamente e uma recebeu apenas uma vez. No GV 15 relataram que recebem elogio sempre, sete esporadicamente e uma pessoa disse ter recebido apenas uma vez. Mais de dois terços deste último grupo já receberam elogios, sendo que a metade recebe com frequência, demonstrando que a maioria apresenta demandas geradoras (BRONFENBRENNER, 2005). Essa característica influencia positivamente no desenvolvimento, com isso a pessoa se sente confiante, como por exemplo, para convidar pessoas para dançar.

“Nunca recebi elogio de ninguém, acho que é porque não sei dançar muito bem [...]” (M-03).

“Já recebi sim, uma época era sempre, mas agora é somente de vez em quando” (M-16).

“[...] recebo bastante, eles falam que eu danço bem. Recebo elogio como tocador também [...]” (V-03).

“[...] já me disseram que eu danço bem algumas vezes” (V-10).

Quando questionados se sentem falta de alguém durante os bailes quando esta pessoa não vai, ou sentiriam falta de alguma pessoa caso ela faltasse, 23 participantes do GMI disseram que sim, fazendo referências a colegas de pavilhão, pessoas que tinham habilidade para dança, voluntários, amigos, cônjuge e filhos.

No GV, 27 participantes relataram sentir falta de alguém, com referências para amigos, pessoas que dançam bem, companheiros do grupo musical, idosas que moram nos pavilhões da instituição, cônjuge, pessoas que têm habilidade para a dança, filhos e irmãos. Isso mostra que o baile foi capaz de criar vínculos afetivos fortes em quase todos os participantes entrevistados, que Bronfenbrenner (1996)

chama de díade primária, ou seja, a pessoa lembra e sente falta de uma outra mesmo na sua ausência.

“Tem uma pessoa que sempre vinha no baile, mas agora não vem mais. Sinto falta dela, porque ele dançava muito bem e sempre me convidava” (M-02).

“Eu sinto falta da professora, quando ela não vai [...]” (M-10).

“Sinto falta da minha mulher, ela dançava muito bem” (M-23).

“Tenho saudades de uma pessoa que antigamente eu dançava sempre com ela” (V-18).

“Meu irmão, eu gosto muito quando ele vem, porque aí eu danço bastante com ele, sinto falta quando ele não está [...]” (V-25).

Entre os 17 participantes do GMI e dos 28 do GV que declararam dançar, 11 e 18 respectivamente disseram que realizam esta atividade sempre com as mesmas pessoas, ou seja, não têm o costume de variar os parceiros. Evidenciando que existem grupos pré-estabelecidos e parceiros certos para a maioria dos idosos que dançam. Talvez isso possa ocorrer devido a preconceitos que possam existir para com os idosos que moram na instituição, se estabelecendo de certa forma a separação entre o GMI e GV. Possibilitar uma maior interação entre estas pessoas, provavelmente faria com que mais pessoas estabelecessem díades de atividade conjunta (BRONFENBRENNER, 1996).

“[...] geralmente são os mesmos, é muito difícil eu dançar com alguma pessoa diferente” (M-05).

“É sempre com aquele meu parceiro e com um outro também, são sempre os dois mesmo” (M-13).

“Sempre danço com os mesmos, mas às vezes acontece também de pessoas que eu nunca dancei me convidarem, aí fico um pouco preocupada no início de não acertar” (V-01).

“Sempre danço com o mesmo, é muito difícil dançar com outros [...]” (V-29).

Aquelas pessoas que declararam dançar durante os bailes, disseram sentir alegria, prazer, bem-estar, felicidade e leveza, como em um outro estudo que questionou sobre o sentimento de idosos em programas de dança (LEAL e HAAS, 2006), observando no discurso destas pessoas o sentimento de satisfação, felicidade, diversão, leveza e disposição. Segue algumas falas dos sentimentos relatados pelos idosos do presente estudo:

“Eu sinto alegria, por isso quando eu estou triste nem vou dançar” (M-1).

“Sinto muito prazer quando estou dançando, me traz muita felicidade” (M-3).

“[...] eu sinto o corpo mais leve, mais gostoso, mais alegre [...]” (V-7).

O que as pessoas do GMI declararam mais gostar que aconteça quando estão no baile são: encontrar parentes, que alguém venha convidar para dançar, encontrar amigos, ver várias pessoas dançando, quando pessoas tem a iniciativa de convidar as idosas que moram nos pavilhões para dançar, quando os músicos começam a tocar as canções que mais gostam, dançar com pessoas habilidosas e o fato das pessoas virem conversar.

Entre as pessoas do GV estas mesmas referências foram: encontrar amigos, quando alguém vem convidar para dançar, o fato das pessoas respeitarem o grupo musical, fazer amizades, ver várias pessoas dançando, quando toca as músicas que

sabe dançar e que mais gosta, conversar, o fato das pessoas elogiarem as músicas e cumprimentarem os idosos que moram na instituição.

A maioria das referências nos dois grupos, dizem respeito ao estabelecimento de relações interpessoais (BRONFENBRENNER, 1996). Sendo que isto pode ser usado para estimular o surgimento de novas relações e vínculos entre o GMI e GV. A seguir seguem as falas dos participantes:

“O que mais gosto que aconteça é encontrar com os amigos” (M-8).

“Quando vejo todas as pessoas dançando, isso me deixa feliz, é o que eu mais gosto aqui no baile [...]” (M-11).

“Eu gosto de assistir os músicos tocarem e ouvir as músicas que gosto, mas não tem mais nada, somente isso mesmo” (M-20).

“Gosto quando toca uma música que eu gosto, sei dançar e alguém me convida, isso me realiza” (V-13).

“Que as pessoas estejam gostando, porque se as pessoas não estão gostando da música, para eu que sou tocador é um problema” (V-22).

Os participantes do baile também relataram quais as coisas que aconteciam no baile e não lhes agradava. No GMI as referências foram: não há nada, quando vai até o baile e não dança com ninguém, quando alguém fala mal, desentendimentos, brigas, quando alguém se machuca, ser abandonado pelo parceiro no meio da dança, quando recusam convite para dançar, quando recebe convite de pessoas que não sabem dançar, se tocam músicas que não sabe dançar, quando o baile acaba e falta de respeito.

Estas mesmas referências por parte do GV foram: quando há bêbados no baile, se ocorrem brigas, desentendimentos, intrigas entre os músicos, quando as

músicas não estão do agrado, ver pessoas em cadeira de rodas, quando recusam convite para dançar, quando o baile acaba e a semana que por algum motivo não tem baile.

Como no caso anterior, o discurso diz respeito quase sempre às relações interpessoais (BONFENBRENNER, 1996), sendo necessário trabalhar esse fator para que novas amizades possam surgir, contribuindo para a evolução das díades. Segue a fala dos idosos que mostram estas referências:

“Fico um pouco chateada quando vou até o baile e não danço com ninguém, e às vezes isso acontece. Tem mulher que convida os homens para dançar, mas eu não faço isso, para mim, o homem que tem de convidar a mulher para dançar [...]” (M-3).

“Uma vez aconteceu uma coisa que eu não gostei. Fui convidar uma mulher que dançava muito bem, então dançamos apenas um pouquinho e ela me abandonou para ir dançar com outra pessoa, isso me deixou desgostoso” (M-12).

“Eu não gosto de pouco caso por parte dos meus colegas do conjunto, quando estão tirando sarro ou criticando o outro, essas coisas eu não gosto. Gosto quando todos estão unidos [...]” (V-7).

“Quando começam a tocar músicas ruins, aí eu não gosto, ou quando tocam músicas que eu não sei dançar” (V-9).

Na sequência, será delineada outra parte do contexto (mesossistema) em que estas pessoas estão inseridas, como por exemplo, os outros lugares que frequentam, as atividades que realizam que consideram importante, o porquê destas pessoas morarem na instituição, a frequência com que recebem visitas, ou seja, para além do baile.

### 5.5. Entendendo melhor o Contexto: o mesossistema

Todos os participantes do GV declararam que não veriam nenhum problema em ir morar na instituição, com exceção de apenas duas pessoas que disseram não gostar do ambiente. Esse comportamento não é típico da sociedade, pois instituições para idosos normalmente possuem um rótulo, que as classificam como um local responsável por abrigar idosos nos seus últimos dias de vida, normalmente aqueles muito debilitados ou sem qualquer condição financeira (ARAÚJO, COUTINHO e SANTOS, 2006). Provavelmente essa aceitação da grande maioria, se deve ao fato desta instituição em específico oferecer a oportunidade de idosos morarem em chalés totalmente independentes, que oferecem a mesma liberdade de quem mora fora. Segue a fala de alguns idosos:

“Não moro no Lar, pois falta condição financeira. O fato de ter que trabalhar e não me encontrar na condição de aposentado também colabora para isto. Meu trabalho consiste em olhar carros. Caso tivesse condições financeiras para morar no Lar, acho que viria sim” (V-2).

“Eu moraria aqui, mas atualmente eu tenho minha casa com minha mulher então por enquanto não penso em vir para o lar” (V-10).

“Não moro aqui porque tenho condições de viver numa casa de forma independente, mas se um dia precisar não teria problemas em vir para o lar” (V-20).

Das pessoas do GMI que declararam ter filhos, quatro não os vêem, 12 encontram todos os dias ou ao menos uma vez por mês e um esporadicamente. No GV, uma pessoa não vê os filhos, 23 encontram todos os dias ou no mínimo a cada 15 dias e uma esporadicamente. Os motivos que levaram os idosos do GMI a não verem os filhos foram: o filho não aceitar o idoso estar na instituição, abandono e

morar longe. O motivo por parte da pessoa do GV foi: desentendimento. As falas a seguir exemplificam esta ocorrência:

“[...] quando deu derrame em mim precisei ir internado, então minha filha mais velha foi até minha casa e limpou tudo o que eu tinha, vendeu tudo [...]” (M-7).

“[...] ele não aceita o fato de eu estar morando aqui no lar, então não vejo mais ele” (M-15).

“Não posso ver os meus filhos porque eles moram muito longe” (M-27).

“[...] a gente não se entende, então eles deixaram de vir me ver, acho que não estão preocupados comigo e eu também não vou atrás deles” (V-30).

Esse afastamento por parte de familiares ocorre principalmente com idosos que vivem institucionalizados. Segundo Creutzberg et al. (2007) no início os familiares visitam seus entes que se encontram em instituições com mais frequência, sendo que com o tempo, vai havendo um distanciamento gradual por parte da família.

Os motivos que levaram as pessoas do GMI a irem morar na instituição foram: abandono, não quis morar com os filhos, na instituição é mais seguro, problemas de saúde, acompanhante da mãe (a voluntária), ficaram sem moradia e gostar da instituição. Normalmente, estes mesmos motivos são apontados em outros estudos (PERLINI, LEITE e FURINI, 2007; DAVIM et al., 2004), com exceção de gostar da instituição. Como já foi descrito anteriormente, esta Instituição de Longa Permanência pesquisada, conta com chalés, nos quais o idoso não se encontra cercado de regras, sendo livre para ir e vir, sem dar satisfações. A fala de alguns exemplifica estas ocorrências:

“Eu quis vir morara aqui no lar, tendo em vista que morava com a minha irmã e ela morreu, assim achei melhor vir morar aqui para não ficar sozinha [...]” (M-01).

“Moro aqui porque quando eu e meu marido ficamos mais velhos, nós perdemos a agilidade que tínhamos antes e aqui dentro não precisa ficar saindo para fazer compras, por exemplo, aqui tem mais segurança, é tudo fechado, com isso é mais seguro, existe muita violência na rua” (M-03).

“Moro aqui porque eu quis vir para cá, eu gosto muito aqui do lar [...]” (M-19).

Das pessoas do GMI, duas relataram que não recebem visitas, todos os outros são visitados por filhos, irmãos, sobrinhos, netos, cunhados, ex-mulher, primos, amigos, genro e ex-inquilino, numa frequência que varia de toda semana, até uma vez por ano. Normalmente existe uma grande dificuldade para o idoso manter após a institucionalização não somente os vínculos familiares (CREUTZBERG et al., 2007), mas também os de amizade, devido às regras que a institucionalização impõe (SILVA et al., 2006). No GV, um idoso declarou não receber visitas, sendo que todos os outros recebem de filhos, colegas, irmãos, cunhados, vizinhos, sobrinhos, mãe e nora, numa frequência que variou de toda semana, até, a cada três meses.

“A única pessoa que vinha me visitar era o filho do meu patrão, porém, ele não vem mais depois que ficou doente, agora não recebo visita de mais ninguém” (M-21).

“Meus irmãos vem com frequência, meu filho também vem pra cá, quando a gente está na área em frente a casa sempre vem algum vizinho conversar, também vamos na casa de um ou de outro para conversar, aqui é um lugar excepcional, considero uma vida fora do comum” (M-06).

“Meus filhos, meu cunhado e os sobrinhos estão sempre na minha casa, quase todos os dias recebo visita deles” (V-19).

“Alguns colegas e amigos me visitam às vezes, por exemplo, um amigo que toca aqui no baile comigo vai à minha casa toda semana” (V-22).

Quando foram indagados sobre as coisas importantes que faziam, cinco pessoas do GMI disseram não fazerem nada de importante. Os outros fizeram referência em ordem de mais citados: dançar, trabalhar, tocar instrumento musical, ir à igreja, ajudar pessoas, visitar familiares, passear, assistir televisão, fazer caminhada, fazer visitas ao pavilhão, ler, viajar, artesanato, cuidar do marido, fazer tricô, palavra cruzada, crochê, hospedar pessoas, comer, dormir, participar de aulas de hidroginástica, trabalhos domésticos e conversar. Todos disseram realizar as atividades desde diariamente ou até uma vez por semana.

No GV as referências sobre as coisas importantes foram: dançar, tocar instrumento, ir à igreja, trabalhar, trabalhos domésticos, ajudar as pessoas, pescar, jardinagem, assistir televisão, passear, rezar, fazer visitas, ler e conversar. Estas pessoas disseram realizar estas atividades todos os dias ou até no mínimo uma vez por semana.

Tanto entre o GMI, como para o GV, a atividade mais citada foi a dança. Isso mostra o quanto o baile é uma atividade molar (BRONFENBRENNER, 1996) para estas pessoas, se configurando até mesmo como uma referência para alguns.

“O mais importante para mim é viajar com o ônibus do lar quando tem passeio uma vez por mês, na casa do meu irmão de vez em quando, na escola de artesanato diariamente e no baile todas as quintas” (M-08).

“Limpar a casa, passar a roupa, varrer a frente da casa e o jardim, mas a mais importante que eu não posso ficar sem é dançar. Eu tenho um fã que sempre dança comigo, ele dança bem e eu gosto de dançar com ele” (M-13).

“Existem duas coisas importantes que eu faço, a primeira é vir aqui no baile para tocar com meus amigos e a segunda é ir pescar, vou três ou quatro vezes na semana” (V-06).

“Tudo que faço é importante, mas o que mais gosto é vir ao baile aqui do lar” (V-24).

Os lugares que os participantes do GMI relataram participar além de suas moradias e o baile foram: bingo, pintura, fisioterapia, centro da cidade, shopping, casa dos filhos, igreja, supermercado, casa de irmãos, acupuntura, clube do vinil, hidroginástica, salão de televisão da instituição, casa de amigos, rua do porto, casa dos sobrinhos, refeitório, lago, portaria da instituição, bilhar, praça da instituição, lavanderia, grupo da terceira idade, baile fora do lar, trabalho e praia. A frequência com que estas pessoas iam até estes locais variou de todos os dias, até uma vez por mês, com exceção da praia para a qual a frequência foi de um ano.

Entre o GV, os lugares referidos além do baile na instituição e de suas moradias foram: igreja, bailes fora da instituição, trabalho, supermercado, bares, pescar, passear de ônibus, festas, centro da cidade, grupo da terceira idade, sindicato, casa de familiares, jogar baralho na praça, chácara, casa de amigos, ginástica, shows, aulas de crochê e pintura. A frequência referida por estas pessoas para irem a estes locais foi de todo dia até uma vez por mês.

Estes outros locais se constituem como os outros microssistemas que estas pessoas frequentam, além do baile e de suas residências. Essa rede de microssistemas forma o mesossistema (BRONFENBRENNER, 1996). Conforme exemplificado nas falas que seguem:

“Fico apenas no meu quarto, vou ao baile toda semana, frequento o bingo a cada quinze dias, também faço pintura e vou à fisioterapia duas vezes por semana” (M-1).

“Vou às vezes ao shopping, com o meu sobrinho no supermercado, na rua do porto e ao bingo aqui no lar a cada quinze dias” (M-9).

“[...] vou à igreja uma vez por semana, numa chácara duas vezes na semana e aqui no baile do lar toda quinta-feira” (V-17).

“Às vezes vou dançar num clube e fazer ginástica toda semana, na igreja aos domingos e nas casas das cunhadas a cada quinze dias” (V-25).

Todo este novo contexto apresentado mostra que os participantes do GV frequentam ambientes em vários pontos da cidade, já os do GMI se limitam na sua maioria a frequentar ambientes dentro da instituição, geralmente com exceção daqueles que residem em chalés. Percebe-se um esforço da Instituição de Longa Permanência pesquisada, em manter os vínculos com a comunidade local e a família, porém, ainda existem algumas limitações nestes aspectos, principalmente para aqueles que moram em pavilhões.

Com esse olhar macroscópico pode-se verificar (em parte) como estas pessoas estão inseridas na sociedade, para agora retornar aos outros elementos já abordados, levando em consideração outros fatores.

## **5.6. Inter-relacionando os Elementos do Modelo Bioecológico**

As pessoas deste estudo estão inseridas na cidade de Piracicaba, que possui um grande desenvolvimento industrial e agrícola, numa das regiões mais industrializadas e desenvolvidas do Estado de São Paulo. Isso proporciona à maioria das pessoas que residem neste município um poder aquisitivo médio (CIAGI, 2008).

Parece haver uma preocupação por parte da sociedade local, em proporcionar políticas públicas no que diz respeito ao atendimento de pessoas menos favorecidas, como é o caso de alguns idosos, haja visto, dentre outras

coisas, o empenho em ajudar a criar e manter as duas instituições filantrópicas destinadas a atender pessoas nesta faixa etária (ONG, 2009).

Programas sociais destinados a pessoas idosas na cidade de Piracicaba, realizados por organizações como o SESC, SESI, UNIBIP, AGETIP, ou nas instituições de ensino superior com programas do tipo “Universidade Aberta para a Terceira Idade”, poderiam propiciar um intercâmbio, no qual os idosos institucionalizados pudessem participar de suas atividades, assim como os idosos que frequentam estas organizações, poderiam ser convidadas para irem a eventos dentro das instituições geriátricas.

Uma destas instituições, o Lar dos Velhinhos de Piracicaba, objeto deste estudo, que atende mais de 400 idosos, oportuniza algumas atividades, das quais pessoas visitantes, da comunidade local podem participar. Dentre estas atividades, existe um baile que ocorre semanalmente a mais de 30 anos. Segundo pessoas do GAS, este baile é uma oportunidade de convívio social entre estes dois grupos, tendo em vista que oportunizam o contato entre estas pessoas, uma vez por semana.

O GAS declarou ainda que os idosos que moram na instituição possuem liberdade para ir e vir sem restrições, com exceção daqueles que moram em pavilhões que precisam ter autonomia suficiente para saírem do estabelecimento, além de terem horários pré-fixados para chegar, para fazerem suas refeições, tomarem seus medicamentos, com exceções em casos especiais. Este grupo declarou também que existem várias atividades destinadas aos idosos residentes na instituição, como artesanato, bingo, fisioterapia, dentre outros.

Confrontando estes dados com o discurso dos idosos, é possível perceber que estas pessoas realizam quase unicamente estas atividades que são propostas

pela instituição, pois apesar de existir a possibilidade de estarem saindo, parece não haver um incentivo para que isso ocorra, até porque, aqueles mais debilitados necessitariam de ajuda para fazê-lo.

As observações de campo permitiram constatar que alguns idosos ficam perambulando pelo interior da instituição, sendo que muitos quase não saem de seus quartos ou de frente aos seus pavilhões, enquanto aqueles que moram em chalés, normalmente possuem maior autonomia para estarem gerenciando sua saída, ou podem pagar por acompanhantes que os auxiliam.

Verificando o baile que ocorre nesta instituição, percebe-se que grande parte dos moradores deste local não participa deste evento e dentre os que participam aqui designados como GMI, a maioria ficam isolados e não são convidados para participar das atividades. As exceções se devem basicamente a poucas pessoas que se esmeram para convidar estes idosos para alguma atividade. Isso faz com que a frequência de relações interpessoais por parte deste grupo seja menor. Muitos institucionalizados vivenciam apenas o papel social de espectador, em detrimento de outros mais ativos, como é o caso do papel de dançarino ou de músico. De acordo com Bronfenbrenner (2005) a vivência de alguns papéis sociais recebe uma maior atenção das pessoas, em detrimento de outros.

É possível perceber no discurso de quase todas as pessoas dos dois grupos, que a dança é uma atividade realizada de longa data e que muitas delas, receberam influência de familiares. Vários participantes do GV dançam também em outros bailes realizados fora da instituição, fato que não ocorre entre as pessoas do GMI. Talvez fosse importante oferecer para estes últimos, oportunidade para que possam frequentar outros ambientes de baile. Nestas ocasiões, poderiam estabelecer relações interpessoais num ambiente fora da instituição, contribuindo para a

integração social deste grupo, já que a vivência em diferentes tipos de ambientes, possibilita uma maior chance de estabelecer novos relacionamentos (BRONFENBRENNER, 2006).

No discurso também ficou evidente que a frequência com que os participantes do GV dançam num baile é consideravelmente maior que a do GMI. Verifica-se ainda que mais da metade das pessoas do GMI declararam não possuir o necessário para dançar. Todas estas questões também puderam ser averiguadas nas observações *in locu* e filmagens, que deixaram claro a maior participação nas atividades por parte do GV e conseqüentemente, uma maior frequência nas relações interpessoais. Talvez isto ocorra porque a maioria das pessoas do GMI apresentou recursos passivos, como dificuldade para se locomover e para se equilibrar, além da falta de habilidade para a dança., o que de acordo com Bronfenbrenner e Morris, (1999) compromete as relações sociais.

O ambiente onde ocorre o baile favoreceu a formação de fortes vínculos de amizade, tendo em vista que todos declararam sentir falta e/ou pensar em alguém durante o evento. Porém, estes vínculos ocorrem de uma forma geral, somente entre pessoas do mesmo grupo, como já salientado anteriormente. A própria fala dos participantes do evento mostra este distanciamento existente entre os grupos, pois 11 pessoas do GMI e 18 do GV admitiram dançarem sempre com os mesmos parceiros, não tendo o costume de variá-los.

Para que este aspecto seja mudado, seria interessante tentar uma maior aproximação entre os grupos, para que possam desenvolver atividades juntos, possibilitando o surgimento de díades de atividade conjunta, que naturalmente se evoluiriam para díades primárias (BRONFENBRENNER, 1996).

Um fato que colabora para que as relações interpessoais entre os grupos sejam incentivadas, ficou retratado na fala destas pessoas, quando se referiram as coisas que mais gostavam que acontecessem durante os bailes e o que eles menos gostavam, pois sempre se reportaram aos relacionamentos, como encontrar amigos, ver várias pessoas dançando, conversar e cumprimentar as pessoas, ou no pólo negativo, as brigas, desentendimentos, intriga entre os músicos, dentre outros.

Essas declarações deixaram transparecer o quanto os relacionamentos se fazem relevantes para os dois grupos, podendo ser uma porta de partida para buscar uma aproximação entre eles, fazendo com que atividades e papéis sociais diferenciados pudessem ser vivenciados também pela maioria do GMI (BRONFENBRENNER, 1996).

Como a dança foi a atividade mais significativa apontada pela maioria das pessoas entrevistadas, seria importante explorar esta questão, pois através dela é possível proporcionar o desenvolvimento de recursos pessoais, como a melhora do equilíbrio, que contribui para a diminuição do risco de quedas (JEON et al., 2005) e uma maior interação social entre os participantes (WIKSTRUM, 2005), tendo em vista que estes dois elementos se mostraram fragilizados no GMI.

É interessante observar que apesar de quase todas as pessoas dizerem que a atividade de dança é a mais significativa em suas vidas, o número de participantes do GMI que vão ao baile e efetivamente dançam é muito pequeno. Verificando os dados da primeira filmagem e da segunda, foram 14 e 11 pessoas respectivamente deste grupo, que vivenciaram o papel social de dançarino, ou seja, mais da metade das pessoas não dançou. No GV foram 22 e 23 pessoas que vivenciaram este papel social.

Quando estas mesmas pessoas foram questionadas se dançavam durante os bailes, quatorze participantes do GMI e dois do GV declararam não dançar. Percebe-se uma dissonância entre o que foi observado *in locu* e nas filmagens, com o discurso dos participantes. Isso provavelmente ocorreu porque algumas pessoas que declararam dançar, apesar de terem dito que faziam esta atividade no mínimo duas vezes em cada baile, na grande maioria das vezes não dançaram no evento.

Estar em eventos de dança mesmo que apenas para observar também é significativo para algumas pessoas (KEYANI et al., 2005). No presente estudo, os participantes de ambos os grupos faltam aos bailes apenas quando existem compromissos que realmente os impedem de estar no evento, com raras exceções, mesmo entre aqueles que exercem apenas o papel social de espectador, evidenciando que o baile se configura como uma atividade molar, isto é significativa para a pessoa (BRONFENBRENNER, 2005).

Para que estes idosos pudessem ter maior participação nestes bailes seria necessário que eles tivessem acesso a programas que os auxiliassem a adquirir técnicas de manejo de cadeira de rodas utilizadas na dança, conforme sugerido por Tolocka (2006), com adaptações para suas possibilidades motoras.

Devido às limitações físicas que várias pessoas do GMI apresentaram, se torna necessário também propiciar ambientes que possam possibilitar o desenvolvimento de recursos ativos, que os auxiliem nas atividades de dança, tendo em vista que os mesmos possuem na sua maioria disposições geradoras, como aceitar dançar, convidar para dançar, conversar e tocar instrumento e demandas geradoras, como simpatia, bom humor, comunicação verbal e gestual, que contribuem para uma participação efetiva nos bailes.

Porém, sem recursos ativos, muitos acabam não tendo a possibilidade de escolha de dançar ou não. A presença de recursos passivos, como dificuldades para locomoção e para se equilibrar, além de falta de habilidade para a dança em grande parte das pessoas do GMI, acaba sendo também um fator limitante para a aproximação dos participantes do GV, que não vêem nestes primeiros a possibilidade de formação de um par para a dança.

Mudar a concepção social de que pessoas que tem alterações motoras ou psicológicas não são capazes de realizar atividades em eventos de dança, se torna necessário, para que os estereótipos sejam minimizados. No caso de alguns idosos deste estudo, o preconceito é duplo, porque além de apresentarem limitações físicas, ainda vivem no âmbito de uma instituição. Este baile é apenas um pequeno espaço que pode começar a ser modificado, para que posteriormente outros ambientes da instituição também possam sofrer alterações. Conseqüentemente isso poderia fazer com que toda a comunidade começasse a ser contagiada com essa mudança.

Para que este grupo de pessoas passe a ter maiores possibilidades de relações interpessoais, evitando uma segregação, o empenho de pessoas da comunidade local se torna imprescindível. A cidade de uma forma geral, parece preocupada com o assistencialismo aos mais carentes e se mostra prestativa na ajuda às pessoas idosas que necessitam de abrigo, no entanto, para que a inclusão social ocorra, será preciso uma mobilização que envolva toda a sociedade, no sentido de disponibilizar não apenas abrigos, mas oportunidades igualitárias para que possam ter espaço na sociedade.

Superar a marginalização e o preconceito que este grupo de pessoas sofrem no meio social é um desafio (CROME e NATARAJAN, 2004). Mesmo que possa

parecer utópica, envolver toda a sociedade pode se tornar possível, mas é preciso começar. Parece existir uma grande solidariedade nas pessoas visitantes que frequentam este evento, no entanto, ao se encontrarem com seus pares, acabam por não se relacionarem tanto com os moradores da instituição.

Desenvolver a capacidade crítica e criativa destas pessoas poderá de fato propiciar a discussão da diversidade humana num patamar histórico, em que olhares piedosos, ou a caracterização de que as pessoas são todas iguais, ceda lugar à explicitação das diferenças e respeito à diversidade, rumo a uma sociedade em que todos caibam (CARMO, 2005).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que as relações estabelecidas ocorrem principalmente entre os próprios visitantes, ou seja, existe uma clara separação entre os grupos, os moradores da instituição acabam por ficarem segregados, pois realizam poucas relações interpessoais.

Um fator que contribui para tal ocorrência é o fato dos institucionalizados terem apresentado na sua maioria recursos passivos, como dificuldade na locomoção, equilíbrio e falta de habilidade para a dança. Proporcionar ambientes que favoreçam a aquisição de recursos ativos, provavelmente ajudariam estes idosos a realizarem mais atividades e se relacionarem mais vezes durante os bailes, contribuindo com a interação destes com o grupo de visitantes.

Além disso, seria necessário mudar concepções pré-estabelecidas na sociedade, para que preconceitos existentes possam ser superados. Pessoas idosas que se encontram institucionalizadas, por vezes apresentam limitações físicas que outrora na sociedade foram consideradas como fatores que as impediam de dançar, porém, como mostrou, por exemplo, a dança em cadeira de rodas, esses impedimentos não existem, desde que se tenha criatividade, criticidade e solidariedade.

Bailes como este, poderiam contribuir consideravelmente com a inclusão social e o desenvolvimento de idosos que vivem em Instituições de Longa Permanência, pois oferece oportunidades de realizarem atividades, vivenciarem papéis sociais e se inter-relacionarem, sendo necessários debates que possibilitem modificações nas atividades e nas atitudes em relação aos moradores da instituição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREW, M. K.; MITNITSKI, A. B.; ROCKWOOD, K. Social vulnerability, frailty and mortality in elderly people. **Publishing Science, Accelerating Research**. v.3, n.5, p.1-8, 2008.

AGATE, L. L.; MULLINS, J. M.; PRUDENT, E. S.; LIBERTI, T. M. Strategies for reaching retirement communities and aging social networks: HIV/AIDS prevention activities among seniors in South Florida. **Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes**, v.33, suppl.2, 2003.

ALLEONI, O. N. **Lar dos velhinhos de Piracicaba: 1906-2006; a saga e a senda de um ideal de 100 anos**. Capivari: Editora Unimed, 2007.

ALMEIDA, A. M. O.; CUNBA, G. G. Representações sociais do desenvolvimento humano. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre: v.16, n.1, p.147-155, 2003.

ALVES, L. C.; LEIMANN, B. C. Q.; VASCONCELOS, M. E. L.; CARVALHO, M. S.; VASCONCELOS, A. G. G.; FONSECA, T. C. O.; LEBRÃO, M. L.; LAURENTI, R. A influência das doenças crônicas na capacidade funcional dos idosos do município de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro: v.23, n.8, p.1924-1930, 2007.

ALVES, L. C.; RODRIGUES, R. N. Determinantes da auto-percepção de saúde entre idosos do Município de São Paulo, Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**. v.17, n.5-6, p.333-341, 2005

ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; SANTOS, M. F. S. O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre: v.18, n.2, p.89-98, 2006.

ARAÚJO, M. O. P. H.; CEOLIM, M. F. Avaliação do grau de independência de idosos residentes em instituições de longa permanência. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo: v.41, n.3, p.378-385, 2007.

ATKINSON, A. B.; MARLIER, E.; NOLAN, B. Indicators and targets for social inclusion in the European Union. **Journal of Common Market Studies**. v.42, n.1, p.47-75, 2004.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

\_\_\_\_\_. The bioecological theory of human development. In: BRONFENBRENNER, U. (Ed.). **Making human beings human: Bioecological perspectives on human development**. Sage Publication, Inc, 2005.

BRONFENBRENNER, U.; EVANS, G. W. Developmental science in the 21 century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. **Social Development**, v.9, n.1, p.115-125, 2000.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The Ecology of Developmental Process. In: PEDRO, J. G. (Ed.) **Stress and Violence in Childhood and Youth**. Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, Lisboa, p.21-95, 1999.

BUCK, A.; BALMER, N.; PLEASENCE, P. Social exclusion and civil law: experience of civil justice problems among vulnerable groups. **Social Policy e Administration**. v.39, n.3, p.302-322, 2005.

BULLA, L. C.; KAEFER, C. O. Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. **Revista Virtual Textos e Contextos**. n.2, 2003.

CARMO, A. A. **Deficiência física**: a sociedade brasileira cria “recupera” e discrimina. Brasília: MEC – Secretaria de Desportos, 1991.

\_\_\_\_\_. Diversidade Humana e Educação. In: FERREIRA, E. L. (org.) **Dança Artística e Esportiva para pessoas com deficiência**: multiplicidade, complexidade e maleabilidade corporal. Juiz de Fora, MG: CBDCCR, 2005.

CARNEIRO, R. S.; FALCONE, E. M. O. Um estudo das capacidades e deficiências em habilidades sociais na terceira idade. **Psicologia em Estudo**. Maringá: v.9, n.1, p.119-126, 2004.

CARVALHO, C. M. R. G.; FONSECA, C. C. C.; PEDROSA, J. I. Educação para a saúde em osteoporose com idosos de um programa universitário: repercussões. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro: v.20, n.3, p.719-726, 2004.

CASSOU, A. C. N.; FERMINO, R. C.; SANTOS, M. S.; RODRIGUEZ-AÑEZ, C. R.; REIS, R. S. Barreiras para a atividade física em idosos: uma análise por grupos focais. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá: v.19, n.3, p.353-360, 2008.

CATUSO, M. C. Rompendo o silêncio: desvelando a sexualidade em idosos. **Revista Virtual Textos e Contextos**. n.4, 2005.

CAVALLI, S.; BICKEL, J.; LALIVE D'EPINAY, C. J. Exclusion in very old age: the impact of three critical life events. **International Journal of Ageing and Later Life**. v.2, n.1, p.9-31, 2007.

CELESTINO, J. Q.; BARROS, M. M. S.; JESUS, E. D.; FERRARI, H. G.; SILVA, V. M. T. G.; TOLOCKA, R. E. Atividades de socialização de idosos asilados. **Revista da Sobama**. São Paulo: v.10, n.1, supl., p.57, 2005.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CIAGRI. **Centro de informática do Campus Luiz de Queiroz - Home Page da cidade de Piracicaba**. Disponível em: <http://www.ciagri.usp.br/piracica/index.htm>, acesso em 27.03.2008.

COELHO, V. A. C. **Inter-relações de diferentes aspectos do desenvolvimento da habilidade de arremessar por cima do ombro**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 2007.

COPETTI, F. **Estudo exploratório dos atributos pessoais de tenistas**. Tese (Doutorado em ciência do movimento humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2001.

COPETTI, F.; KREBS, R. J. As propriedades da pessoa na perspectiva do paradigma bioecológico. In: KOLLER, S. H. (org.) **Ecologia do desenvolvimento humano** – Pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora, 2004.

COSTA, E. C.; NAKATANI, A. Y. K.; BACHION, M. M. Capacidade de idosos da comunidade para desenvolver Atividades de Vida Diária e Atividades Instrumentais de Vida Diária. **Acta Paulista de Enfermagem**. São Paulo: v.19, n.1, p.43-48, 2006.

COUDERT J.; VAN PRAAGH E. Endurance Exercise training in the elderly: effects on cardiovascular function. **Current Opinion in Clinical Nutrition & Metabolic Care**. v.3, n.6, p.479-483, 2000.

COUTRIM, R. M. E. Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. **Sociedade e Estado**. Brasília: v.21, n.2, p.367-390, 2006.

CREUTZBERG, M.; GONÇALVES, L. H. T.; SOBOTTKA, E. A.; SANTOS, B. R. L. Comunicação entre família e a instituição de longa permanência para idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: v.10, n.2, p.147-160, 2007.

CROME, P.; NATARAJAN, I. The national service framework for older people: England's approach to ending age discrimination in services and therapeutics. **Drugs e Aging**. v.28, n.8, p.499-510, 2004.

CUDDY, A. J. C.; NORTON, M. I.; FISKE, S. T. This old stereotype: the pervasiveness and persistence of the elderly stereotype. **Journal of Social Issues**. v.61, n.2, p.267-285, 2005.

D'ALENCAR, B. P.; MENDES, M. M. R.; JORGE, M. S. B.; RODRIGUES, M. S. P. Significado da biodança como fonte da liberdade e autonomia na auto-reconquista no viver humano. **Texto e Contexto – Enfermagem**. Florianópolis: v.15, n.spe, p.48-54, 2006.

DAVIM, R. M. B.; TORRES, G. V.; DANTAS, S. M. M.; LIMA, V. M. Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal/RN: Características socioeconômicas e de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto: v.12, n.3, p.518-524, 2004.

FERREIRA, E. L. A diversidade corporal por meio da dança. In: TOLOCKA, R. E.; VERLENGIA, R. (orgs.). **Dança e diversidade humana**. Campinas: Papirus, 2006.

FERREIRA, E. L.; FERREIRA, M. B. R. A possibilidade do movimento corporal na dança em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília: v.12, n.4, p.13-17, 2004.

FERREIRA, V. **Atividade Física na terceira idade, o segredo da longevidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

FREIRE JÚNIOR, R. C.; TAVARES, M. F. L. A promoção da saúde nas instituições de longa permanência: uma reflexão sobre o processo de envelhecimento no Brasil. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. v.9, n.1, p.83-92, 2006.

FREITAS, M. C. R.; TOLOCKA, R. E. Desvendando as emoções da dança esportiva em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília: v.13, n.4, p.41-46, 2005.

FRIDMAN, C.; GREGÓRIO, S. P.; DIAS NETO, E.; OJOPI, E. P. B. Alterações genéticas na doença de Alzheimer. **Revista de Psiquiatria Clínica**. São Paulo: v.31, n.1, p.19-25, 2004.

GONÇALVES, L. H. T.; ALVAREZ, A. M.; ARRUDA, M. C. Pacientes portadores da doença de Parkinson: significado de suas vivências. **Acta Paulista de Enfermagem**. São Paulo: v.20, n.1, p.62-68, 2007.

HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

HERMSDORFF, H. H. M.; MONTEIRO, J. B. R. Gordura visceral, subcutânea ou intramuscular: onde está o problema? **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia**. São Paulo: v.48, n.6, p.803-811, 2004.

IBGE. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil**. Dados referentes ao Censo de 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>, acesso em 04.03.2008.

IBGE. **Contagem da população 2007**. Dados referentes à contagem da população no ano de 2007. Disponível em: Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>, acesso em 09.04.2008.

JEON, M. Y. ; BARK, E. S.; LEE, E. G.; IM, J. S.; JEONG, B.S.; CHOE, E. S. The effects of a Korean traditional dance movement program in elderly women. **Taehan Kanho Hakhoe Chi**. v.35 n.7, p.1268-1276, 2005.

JIM, O. G. G. Social exclusion and insecurity among older Europeans: the influence of welfare regimes. **Ageing e Society**. v.25, n.1, p.69-90, 2005.

KEYANI, P.; HSIEH, G.; MUTLU, B.; EASTERDAY, M.; FORLIZZI, J. Dance Along: supporting positive social exchange and exercise for the elderly through dance. **Conference on Human Factors in Computing Systems**. Portland. p.1541-1544, 2005.

KIM, C. G.; JUNE, K. J.; SONG, R. Effects of a health-promotion program on cardiovascular risk factors, health behaviors, and life satisfaction in institutionalized elderly women. **International Journal of Nursing Studies**. v.40, n.4, p.375-381, 2003.

KRAUSE, M. P. **Associação entre características morfo-fisiológicas e funcionais com as Atividades da Vida Diária de mulheres idosas participantes em programas comunitários no município de Curitiba-PR**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2006.

KREBS, R. J. Os contextos sócio-culturais família e escola: Uma reflexão sustentada por três teorias do desenvolvimento humano. **USJ em Revista**, n.1, 2005.

LAR DOS VELHINHOS DE PIRACICABA. **Instituição beneficente de amparo aos idosos – primeira cidade geriátrica do Brasil**. Disponível em: <http://www.lardosvelhinhospiracicaba.org.br>, acesso em 27.02.2008.

LEAL, I. F.; HAAS, A. N. O significado da dança na terceira idade. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**. Passo Fundo: v.3, n.1, p.64-71, 2006.

LIMA-COSTA, M. F.; PEIXOTO, S. V.; MATOS, D. L.; FIRMO, J. O. A.; UCHÔA, E. A influência de respondente substituto na percepção da saúde de idosos: um estudo baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (1998, 2003) e na coorte de Bambuí, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro: v.23, n.8, p.1893-1902, 2007.

LIMA, M. M. S.; VIEIRA, A. P. Ballroom dance as therapy for the elderly in Brazil. **American Journal of Dance Therapy**. v.29, n.2, p.129-142, 2007.

LOPES, J. R. “Exclusão social” e controle social: estratégias contemporâneas de redução da sujeitidade. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre: v.18, n.2, p.13-24, 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAIOLINO, A. L. G.; MANCEBO, D. Análise histórica da desigualdade: marginalidade, segregação e exclusão. **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre: v.17, n.2, p.14-20, 2005.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Editora Moderna, 2003.

MARTINS, A. R. N. Grupos excluídos no discurso da mídia: uma análise de discurso crítica. **DELTA: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. São Paulo: v.21, n. spe, p.129-147, 2005.

MARTINS-BASSETO, J.; ZEIGELBOIM, B. S.; JURKIEWICZ, A. L.; RIBAS, A.; ROSA, M. R. D. Reabilitação vestibular em idosos com Parkinson. **Revista CEFAC**. São Paulo: v.9, n.2, p.269-281, 2007.

MATSUDO, V. K. R. **Testes em ciência do esporte**. São Paulo: Editora Phorte, 2005.

MENDES, M. R. S. S. B.; GUSMÃO, J. L.; FARO, A. C. M.; LEITE, R. C. B. O. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. **Acta Paulista de Enfermagem**. v.18, n.4, p.422-426, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec – Abrasco, 1996.

MORAES, H.; DESLANDES, A.; FERREIRA, C.; POMPEU, F. A. M. S.; RIBEIRO, P.; LAKS, J. O exercício físico no tratamento da depressão em idosos: revisão sistemática. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: v.29, n.1, p.70-79, 2007.

MPS (Ministério da Previdência Social). **Aposentadoria por idade**. Disponível em: [www.previdenciasocial.gov.br](http://www.previdenciasocial.gov.br), acesso em 07.02.2008.

NYSTROM, K.; LAURITZEN, S. O. Expressive bodies: demented persons communication in a dance therapy context. **Health**. v.9, n.3, p.297-317, 2005.

OLIVEIRA, V. M.; TOLOCKA, R. E. Motivação para dançar na terceira idade. **Anais do V Seminário de Iniciação científica: UFJF**, p.93, 1997.

OMS (Organização Mundial da Saúde). **Envelhecimento e curso de vida, saúde da família e da comunidade**. Disponível em: <http://www.who.int/ageing/en>, acesso em 16.03.2008.

ONG (ONG Piracicaba 2010). **Piracicaba e seu povo: idosos**. Disponível em: [http://www.piracicaba2010.org.br/piraeseupovo/piraeseupovo\\_idosos.htm](http://www.piracicaba2010.org.br/piraeseupovo/piraeseupovo_idosos.htm), acesso em 14/01/2009.

PAIXÃO JÚNIOR, C. M.; REICHENHEIM, M. E. Uma revisão sobre instrumentos de avaliação do estado funcional do idoso. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro: v.21, n.1, p.7-19, 2005.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PELLEGRINI, A. M. Auto-organização e desenvolvimento motor. In: DEBRUN, M.; GONZALES, M. E. Q.; PESSOA JÚNIOR, O. (org.). **Auto-organização: estudos interdisciplinares**. 1ª ed. Campinas: CLE-UNICAMP, 1996.

PERLINI, N. M. O. G.; LEITE, M. T.; FURINI, A. C. Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo: v.41, n.2, p.229-236, 2007.

PINTO, R. B. R.; BASTOS, L. C. Abordagem das pesquisas em epidemiologia aplicada à gerontologia no Brasil: revisão da literatura em periódicos, entre 1995 e 2005. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. São Paulo: v.10, n.3, p.361-369, 2007.

PRICE, D. L. Envelhecimento do encéfalo e demência do tipo Alzheimer. In: KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSELL, T. M. (Ed.) **Princípios da neurociência**. Barueri: Manole, 2003.

RIBEIRO, S. M.; ARAÚJO, P. F. A formação acadêmica refletindo na expansão do desporto adaptado: uma abordagem brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas: v.25, n.3, p.57-69, 2004.

ROVIO, S.; KAREHOLT, I.; HELKALA, E.; VIITANEN, M.; WINBLAD, B.; TUOMILEHTO, J.; SOININEN, H.; NISSINEN, A.; KIVIPELTO, M. Leisure-time physical activity at midlife and the risk of dementia and Alzheimer's disease. **Lancet Neurology**. v.4, n.11 p.705-711, 2005.

SALVE, M. G. C. Obesidade e peso corporal: riscos e conseqüências. **Movimento e Percepção**. Espírito Santo de Pinhal: v.6, n.8, p.29-48, 2006.

SANTOS, S.; DANTAS, L.; OLIVEIRA, J. A. Desenvolvimento motor de crianças, de idosos e de pessoas com transtornos da coordenação. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo: v.18, p.33-44, 2004.

SARTORI, R. F. **Projeto esporte escolar e o impacto no desenvolvimento de seus participantes em uma comunidade de São José**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2003.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SENADO. **Estatuto do idoso**. Disponível em [www.senado.gov.br](http://www.senado.gov.br), acesso em 11.04.2008.

SHIGEMATSU, R.; CHANG, M.; YABUSHITA, N.; SAKAI, T.; NAKAGAICHI, M. NHO, H. TANAKA, K. Dance-based aerobic exercise may improve indices of falling risk in older women. **Age and Ageing**. v.31, n.4, p.261-266, 2002.

SILVA, C. A.; MENEZES, M. R.; SANTOS, A. C. P. O.; CARVALHO, L. S.; BARREIROS, E. X. Relacionamento de amizade na instituição asilar. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre: v.27, n.2, p.274-283, 2006.

SILVA, T. A. A.; FRISOLI JÚNIOR, A.; PINHEIRO, M. M.; SZEJNFELD, V. L. Sarcopenia associada ao envelhecimento: aspectos etiológicos e opções terapêuticas. **Revista Brasileira de Reumatologia**, São Paulo: v.46, n.6, p.391-397, 2006.

SILVA, V. M. T.; IWANOWICZ, J. B. A importância dos programas de “Universidade da Terceira Idade” para os idosos que deles participam. **Anais do V Congresso Mundial de Lazer e 10º Encontro Nacional de Recreação e Lazer**. São Paulo, 1998.

SIQUEIRA, F. V.; FACCHINI, L. A.; PICCINI, R. X.; TOMASI, E.; THUMÉ, E.; SILVEIRA, D. S.; VIEIRA, V.; HALLAL, P. C. Prevalência de quedas em idosos e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo: v.41, n.5, p.749-756, 2007.

SOLEIS. **Leis sobre o idoso**. Disponível em [www.soleis.adv.br](http://www.soleis.adv.br), acesso em 03.02.2008.

SONG, R.; JUNE, K. J.; KIM, C. G.; JEON, M. Y. Comparisons of motivation, health behaviors, and functional status among elders in residential homes in Korea. **Public Health Nursing**. v.21 n.4, p.361-371, 2004.

SPOSATI, A. A fluidez da inclusão/exclusão social. **Ciência e Cultura**. São Paulo: v.58, n.4, p.4-5, 2006.

\_\_\_\_\_. Exclusão social abaixo da linha do Equador. In: VERAS, M. P. B. (org.) **Por uma sociologia da exclusão social** – o debate com Serge Paugam. O debate em torno de um conceito. São Paulo: Educ. 1999.

THEOBALD, H. Elderly care and social exclusion: concepts and empirical findings in five European countries. **7<sup>th</sup> European Sociological Association Conference, Research Network on Ageing in Europe**. Torun Poland, 2005.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOLOCKA, R. E. Aprendizagem e dança com grupos heterogêneos. In: TOLOCKA, R. E.; VERLENGIA, R. (orgs.). **Dança e diversidade humana**. Campinas: Papirus, 2006.

TOLOCKA, R. E.; FERREIRA, E. L. Dança em cadeira de rodas: uma possibilidade de transcendência. In: RODRIGUES, D. (org.). **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo**. São Paulo: Summus, 2006.

VERGHESE, J. Cognitive and Mobility Profile of Older Social Dancers. **Journal of the American Geriatrics Society**. v.54, n.8, p.1241-1244, 2006.

VIEIRA, L. F. **O processo de desenvolvimento de talentos paranaenses do atletismo: um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos**. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 1999.

YAMAMOTO, A.; DIOGO, M. J. E. Os idosos e as instituições asilares do município de Campinas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto: v.10, n.5, p.660-666, 2002.

WALBER, V. B.; SILVA, R. N. As práticas de cuidado e a questão da deficiência: integração ou inclusão? **Estudos de Psicologia**. Campinas: v.23, n.1, p.29-37, 2006.

WILKSTROM, B. M. Older adults and the arts: the importance of aesthetic forms of expression in later life. **Journal of Gerontological Nursing**. v.30, n.9, p.30-36, 2004.

WITTER, G. P. Tarefas de desenvolvimento do adulto idoso. **Estudos de Psicologia**. Campinas: v.23, n.1, p.13-18, 2006.

ZACARON, K. A. M.; DIAS, J. M. D.; ABREU, N. S.; DIAS, R. C. Nível de atividade física, dor e edema e suas relações com a disfunção muscular do joelho de idosos com osteoartrite. **Revista Brasileira de Fisioterapia**. São Carlos: v.10, n.03, p.279-284, 2006.

ZASLAVSKY, C.; GUS, I. Idoso. Doença cardíaca e comorbidades. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, São Paulo: v.79, n.6, p.635-639, 2002.

## Apêndice A

### Modelo da autorização da instituição para a realização da pesquisa

**Autorização para ampliação da pesquisa sobre Dança, corporeidade e desenvolvimento de idosos – projeto “Dança e desenvolvimento de moradores em habitação para idosos”**

**SOLICITAMOS QUE LEIA O MATERIAL A SEGUIR PARA GARANTIR QUE SEJA INFORMADO SOBRE A NATUREZA DESTA PESQUISA E SOBRE A PARTICIPAÇÃO DESTA INSTITUIÇÃO**

#### *Informação do estudo*

Trata-se de um complemento ao estudo acima mencionado, passando a observar o desenvolvimento e a inclusão social dos idosos que participam de um baile realizado no Lar dos Velhinhos de Piracicaba. Este estudo será realizado pelo aluno de mestrado Prof. Raphael Gonçalves de Oliveira, com a orientação da Profa. Dra. Rute Estanislava Tolocka, da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba (FACIS/ UNIMEP), dentro da linha de pesquisa: “Pedagogia, Corporeidade e Desenvolvimento Humano”.

#### *Objetivos do Estudo*

Observar um baile que ocorre no Lar dos Velhinhos de Piracicaba, para identificar se este evento é capaz de favorecer a inclusão social de seus participantes, assim como a influência que tem sobre o seu desenvolvimento.

#### *Procedimentos e Duração do Estudo*

O estudo terá duração de 12 meses, em que serão realizadas observações *in locu* uma vez por semana durante os bailes. Será realizada também entrevistas com as pessoas que participam desta atividade, assim como duas filmagens.

Estes procedimentos têm por objetivo fazer com que o pesquisador possa entender toda a complexidade do fenômeno observado, podendo relacionar aspectos que dizem respeito ao desenvolvimento e inclusão social das pessoas estudadas.

Os resultados do estudo poderão ser publicados em revistas ou livros, mas guardarão sigilo sobre as informações confidenciais.

#### *Cuidados Prévios*

Trata-se de um projeto de observação *in locu*, não sendo prevista nenhuma intervenção, porém, caso ocorra alguma urgência, as pessoas serão atendidas na enfermaria da instituição e caso seja necessário, serão transportadas para hospitais públicos conforme procedimento já estabelecido pela instituição.

#### *Benefícios do Estudo*

Com o presente estudo a instituição poderá saber quais são os aspectos que favorecem o desenvolvimento e inclusão social das pessoas que participam desta atividade e quais são os aspectos que atrapalham a ocorrência destes fatores. Deste modo aspectos que favorecem os primeiros poderão ser incentivados.

### *Riscos e Inconveniências*

Durante os bailes, se ocorrerem urgências, as pessoas serão atendidas na enfermaria do lar dos velhinhos e se for o caso transportadas para hospitais públicos, conforme procedimento já estabelecido pela instituição. Questões relativas aos procedimentos deste estudo ou aos seus riscos devem ser dirigidas a um dos responsáveis pelo estudo, através dos telefones: 3124.1515, ramal 1240 ou 1277, com a Profa. Dra. Rute Estanislava Tolocka.

### *Confidencialidade*

A menos que solicitado por lei, somente o responsável pelo estudo, e seus agentes autorizados e os comitês de ética terão acesso às informações confidenciais que identifica esta instituição. Como o estudo utiliza análise de imagens, a autorização para divulgação de imagens para fins acadêmicos e científicos será solicitada a cada participante.

### *Termo de Adesão ao Estudo*

Antes de conceder o consentimento para que esta instituição geriátrica participe do estudo *“Dança e desenvolvimento de moradores em habitação para idosos”*, através da assinatura deste documento, a instituição, através de seu representante legal, foi devidamente informada acerca dos objetivos, métodos, procedimentos, riscos e benefícios decorrentes desta adesão e declara que estará participando do mesmo.

Nome do Representante legal da Instituição: Jairo Ribeiro de Mattos

Cargo: Presidente

Eu, Jairo Ribeiro de Mattos autorizo a realização do projeto de pesquisa: *“Dança e desenvolvimento de moradores em habitação para idosos”*, nas instalações do Lar dos Velhinhos de Piracicaba, sob a coordenação da profa. Dra. Rute Estanislava Tolocka, da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba.

---

Jairo Ribeiro de Mattos  
Representante legal da instituição

**Apêndice B****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido***Informações do estudo*

Essas informações estão sendo fornecidas para sua participação voluntária neste estudo, que visa observar pessoas que participam dos bailes realizados semanalmente no Lar dos Velhinhos de Piracicaba.

*Objetivos do estudo*

Observar as características das pessoas, as relações existentes entre elas, as atividades que realizam e com que frequência isto ocorre, para verificar se este evento favorece a inclusão social para as pessoas que dele participam.

*Procedimentos e duração do estudo*

Este estudo terá a duração de 12 meses, nos quais serão realizadas observações, duas filmagens e uma entrevista.

*Cuidados prévios*

Caso ocorra alguma urgência, você será atendido na enfermaria da instituição e caso seja necessário, será transportado para hospitais públicos conforme procedimento já estabelecido pela instituição.

*Benefícios do estudo*

Este estudo será importante para identificar quais fatores podem favorecer ou desfavorecer a inclusão social em bailes realizados numa instituição.

*Riscos e inconveniências*

Trata-se de um estudo de observação, mas se as pessoas que necessitarem de socorro serão atendidas na enfermaria da própria instituição e transportadas para hospitais públicos caso haja necessidade. Questões relativas aos procedimentos deste estudo ou aos seus riscos devem ser dirigidas a um dos responsáveis pelo mesmo, através dos telefones: 3124.1515, ramal 1240 ou 1277, com a Profa. Dra. Rute Estanislava Tolocka.

*Confidencialidade*

Todas as informações que dizem respeito a sua identidade serão mantidas em sigilo e os dados coletados, utilizados somente para fins didáticos e de pesquisa. Solicitamos sua autorização para uso das imagens registradas durante as filmagens para estes fins.

Você não é obrigado a participar deste estudo e pode desistir de sua participação durante a realização do mesmo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Não há despesas pessoais de sua parte para a participação neste estudo. Assim como não há compensação financeira.

Caso concorde voluntariamente em participar deste estudo, você deve assinar este documento na presença de uma testemunha.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário(a)

Data / /

\_\_\_\_\_  
Assinatura da testemunha

Data / /

Declaro que obtive de forma apropriada o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

Data / /

**Apêndice C****Roteiro de Entrevista com os Participantes do Baile na Instituição**

1. Dados pessoais:

Nome:

Data de Nascimento:    /    /      Idade:              Sexo: (    )Masc. (    )Fem.

Estado civil:                      Têm filhos? (    )sim (    )não Quantos?

2. O Sr.(a) vê seus filhos com frequência? Se sim, com qual frequência? Se não, por quê?

3. Morador do Lar: (    )sim (    )não - Onde Mora (pavilhão do lar, bairro da cidade, casa ou apartamento, etc.) e com quem?

4. Por que mora aqui? Há quanto tempo? Se não mora, por quê? O Sr.(a) moraria aqui?

5. Quem te visita? Com que frequência?

6. Qual seu nível de escolaridade? Quando parou de estudar?

7. Quando Sr.(a) começou a participar do baile no Lar dos Velhinhos? Ele sempre foi assim?

8. Com que frequência o Sr.(a) vem ao baile no Lar?

9. Alguém te incentiva a vir ao baile no Lar?

10. Quem te ajuda a chegar aqui?

11. Alguém da sua família dança? Quem?

12. Quais as coisas que o Sr.(a) faz que considera importante? Com que frequência?

13. Quais outros lugares que o Sr.(a) costuma ir? Com que frequência isto ocorre?

14. O Sr.(a) costuma dançar quando vem ao baile? Por quê? E com que frequência isto ocorre?

15. Qual a importância da dança em sua vida?

16. O que o Sr(a) sente quando dança?

17. O Sr.(a) costuma dançar em outros lugares? Há quanto tempo? Com que frequência o Sr.(a) vai lá?

18. O Sr.(a) já ficou algum tempo sem vir ao baile? Por quê? Quanto tempo o Sr.(a) ficou sem vir?
19. O Sr.(a) já dançava antes? Como era?
20. O que fez o Sr.(a) começar a dançar?
21. O que as pessoas da época achavam disso?
22. O que mudou daquela época para agora?
23. O que o Sr.(a) acha que uma pessoa precisa ter para dançar?
24. O Sr.(a) acha que possui isso?
25. Existe alguma coisa que atrapalhe, limite ou impeça o Sr.(a) dançar?
26. O que o Sr.(a) mais gosta que aconteça quando está no baile?
27. O que o Sr.(a) não gosta que aconteça quando está no baile?
28. As pessoas costumam convidar o Sr.(a) para dançar? Com que frequência isto acontece? O Sr.(a) sempre aceita?
29. O Sr.(a) tem o costume de convidar as pessoas para dançar? Elas sempre aceitam? Isso ocorre sempre?
30. O Sr.(a) já recebeu algum elogio durante os bailes? Isso ocorre sempre?
31. Existe alguma pessoa que frequenta o baile que o senhor sente falta quando ela não vem, ou então sentiria falta caso ela não viesse?
32. O Sr.(a) sempre dança com os mesmos parceiros?

**Apêndice D****Roteiro de Entrevista com as Assistentes Sociais da Instituição**

## 1. Dados Pessoais:

Nome:

Data de Nasc.: / / idade: sexo: ( )masc. ( )fem.

Estado civil:

2. Há quanto tempo o Sr(a) trabalha nesta instituição?
3. Como é estabelecido o local onde este idoso vai morar?
4. Como ocorre a sua relação com os moradores da instituição?
5. O Sr(a) já participou dos bailes que são realizados todas as quintas-feiras? Qual a sua opinião sobre este baile?
6. O que o Sr(a) pensa da participação nos bailes de pessoas que moram fora da instituição?
7. Além do baile, existem outras atividades para os moradores? Em alguma delas é permitido que pessoas que não moram na instituição participem?
8. Quais são as atividades que estes idosos realizam no dia-a-dia? Existe horário para algumas delas?
9. Quais são os locais que os idosos que moram na instituição podem frequentar dentro e fora da mesma?
10. Quais são as normas da instituição para os moradores? E para os não moradores? Como estas normas foram estabelecidas?

**Certificado de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa**

CEP-UNIMEP  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

**CERTIFICADO**

Certificamos que o Projeto de pesquisa intitulado "*Dança e desenvolvimento de moradores em habitação para idosos*", sob o protocolo nº **44/08**, da Pesquisadora *Prof.ª Dr.ª Rute Estanislava Tolocka*, está de acordo com a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS, de 10/10/1996, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – UNIMEP.

We certify that the research project with title "*Dance and development of habitants of housing for the elderly*", protocol nº **44/08**, by Researcher *Dr.ª Rute Estanislava Tolocka*, is in agreement with the Resolution 196/96 from Conselho Nacional de Saúde/MS and was approved by the Ethical Committee in Research at the Methodist University of Piracicaba – UNIMEP.

Piracicaba, SP, Brazil, 30, october, 2008.

**Prof.ª. Dr.ª. Telma Regina de P. Souza**  
Coordenadora  
CEP - UNIMEP

## Documentos Fornecidos pela Instituição

DEMONSTRATIVO DE RESIDENTES  
DO LAR DOS VELHINHOS  
FEVEREIRO/2008

1. ABRIGADOS EM PAVILHÕES E APARTAMENTOS

PAVILHÕES	Número Atual	Capacidade Máxima com recurso
PAVILHÃO LULA	65	76
PAVILHÃO LILI	36	38
PAVILHÃO GUIDOTTI I	40	36
PAVILHÃO GUIDOTTI II	44	46
PAVILHÃO PEDRO ALEXANDRINO	20	10
PAVILHÃO COELHO	12	11
PAVILHÃO VARGAS	30	30
PAVILHÃO MADALENA	20	22
<b>TOTAL</b>	<b>267</b>	<b>269</b>
<b>MULHERES</b>	<b>140</b>	
<b>HOMENS</b>	<b>127</b>	

2. ABRIGADOS EM CHALÉS

MULHERES	93
HOMENS	47
<b>TOTAL</b>	<b>140</b>

3. TOTAL GERAL

MULHERES	233
HOMENS	174
<b>TOTAL</b>	<b>407</b>

OBS:

Nº DE PAVILHÕES	08
TOTAL DE CHALÉS	129
Nº DE CHALÉS EM REFORMA	00
Nº DE CHALÉS VAZIOS	01
Nº DE CHALÉS USADOS	128

## METODOLOGIA

A Instituição desenvolve atividades programadas, obedecendo a seguinte metodologia de ação:

- Em casos de procura espontânea por moradia na Instituição pelos idosos, familiares e solicitações em geral realiza-se triagem diária.
- Em casos de emergência residencial e hospitalar, realiza-se visita com equipe de enfermagem encaminhando o mesmo ao Pronto Socorro para avaliação do seu estado clínico, na alta hospitalar utiliza-se da avaliação do médico responsável do paciente.
- Em casos de abandono e maus tratos utiliza-se os seguintes órgãos : Conselho Municipal do Idoso, Vigilância Sanitária e Promotoria Pública, envolvendo a família.
- A Instituição não poderá acolher portadores de doenças infecto-contagiosas, durante a fase de transmissibilidade. Pessoas alcoólatras e ou que façam uso de entorpecentes ou de outras que causem dependência química. Portadores de grave debilidade psíquica ou mental.
- A Instituição só atende pessoas com menos de 60 anos, quando por motivo de velhice precoce for atestada por junta médica.
- Todos os pedidos de moradia passam pela Administração, Serviço Social e pela Irmã Assistencial. Realizada a triagem são encaminhados para os exames laboratoriais e área médica. Posteriormente é agendado o dia para avaliação e entrada na Instituição.

## SERVIÇO SOCIAL

Tem por finalidade a melhoria da qualidade de vida dos idosos, bem como retirá-los da ociosidade e integrá-los junto aos outros residentes, evitando o isolamento decorrente do abrigamento, priorizando os casos de maus-tratos.

Visando atender os idosos na sua totalidade oportunizaremos a integração com família e comunidade, resgate do vínculo e solicitação da presença nas visitas para o idoso abrigado, proporcionando o bem estar bio-psico-social dos residentes.

Nos casos de egresso dos idosos, realizamos reuniões com os familiares para preparação gradativa para o desligamento.

Daremos continuidade nos encaminhamentos dos cuidadores para cursos externos de capacitação na área gerontológica (por exigência da Anvisa), avaliando mensalmente a postura do mesmo e cobrando a teoria na prática.

As atividades culturais, lazer, recreação, passeios, comemoração de aniversários e festas temáticas, artesanato, trabalhos manuais e laboroterápicos, serão planejadas e acompanhadas pelo Serviço Social.

## II - FINALIDADE ESTATUTÁRIA DA ENTIDADE SOCIAL

**FINALIDADE:** É uma Instituição filantrópica de direito privado, sem fins lucrativos, contando como uma sede estatutariamente e fundamentalmente inalienável de 156.230 metros quadrados, situada na cidade de Piracicaba Estado de São Paulo. Tem como objetivo abrigar idosos, nos termos da legislação da Política Nacional dos Idosos e do Estatuto do Idoso, sem distinção de raça, credo ou cor, especialmente os mais economicamente carentes. Sendo considerada prestadora de serviço de Proteção Social Especial, a Instituição provém atenções sócio-assistenciais a idosos que se encontrem em situação de risco pessoal e social, por ocorrência de abandono, maus tratos físicos ou psíquicos ou situação de rua. Hoje suas instalações contam com igrejas, pavilhões, mais de uma centena de chalés, a construção de flats e outras benfeitorias, tudo utilizado direta ou indiretamente em benefício dos abrigados.

**SERVIÇOS PRESTADOS:** Atendimento às necessidades básicas dos idosos: alimentação, moradia, vestuário, enfermagem, saúde preventiva, acupuntura, fisioterapia e hidroterapia, serviço social, psicologia, artesanato, recreação e alfabetização. Os serviços médicos preventivos e odontológicos são efetuados por profissionais voluntários.

### 1. JUSTIFICATIVA

O Lar dos Velhinhos atende dois grupos de idosos conforme descrito no item acima.

Em sua maioria o idoso que sofre problemas de ordem social, habitacional, econômico, psicológico, familiar, cultural; acaba rompendo seus vínculos familiares, tornando-se solitário e em consequência entrando em conflito consigo mesmo.

Um dos objetivos primordiais desta Instituição, além de acolher e propiciar condições humanas de vida ao idoso, é o de também reintegrá-lo à comunidade. A equipe técnica interdisciplinar tem como função a elaboração de um programa de trabalho com as reais necessidades do idoso, de forma global.

### 2. CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO USUÁRIA DOS SERVIÇOS

Compostas em dois grupos:

1-Grupo de idosos extremamente carentes, com atendimento integral em regime asilar.

2-Grupo de idosos contribuintes residentes em chalés e apartamentos, que usufruem de benefícios (moradia, segurança, manutenção). Os mesmos contribuem para gerar recursos que serão usados no atendimento do grupo de idosos carentes.

O atendimento de solicitações de vagas foram baseados no Estatuto da Instituição, art 3º, onde as ressalvas são para portadores de doenças infecto-contagiosas, dependentes químicos, portadores de grave debilidade psíquica ou mental e pessoas com menos de 60 anos (salvo por motivo de velhice precoce).